



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

GERARDO ALBERTO ANGEL COMAYAGUA

**O Testemunho Evangélico de Óscar Romero:
Um caminho martirial salvadorenho para a santidade**

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor Alexandre Freire Duarte

Porto
2021

ÍNDICE

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1: HISTÓRIA DE EL SALVADOR	12
1.1 A CHEGADA DOS ESPANHÓIS À AMÉRICA CENTRAL	12
1.1.1 A EVANGELIZAÇÃO NA AMÉRICA CENTRAL	15
1.1.2 O FIM DA DOMINAÇÃO ESPANHOLA E O LIBERALISMO	17
1.2 O SÉCULO XX: DO AUGE À REPRESSÃO	20
1.2.1 A DITADURA EM EL SALVADOR	21
1.2.2 A “ÉPOCA DE OURO” E AS ÚLTIMAS DÉCADAS DITATORIAIS	25
1.3 A DÉCADA DE 70	27
1.3.1 O PANORAMA GERAL DA DÉCADA DE 70	27
1.3.2 O PAPEL DA IGREJA CATÓLICA NA DÉCADA DE 70	29
1.4. A DÉCADA DE 80	33
1.4.1 A GUERRA CIVIL	34
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	35
CAPÍTULO 2: A VIDA DE ÓSCAR ARNULFO ROMERO	37
2.1 COMEÇOS DA VIDA E VOCAÇÃO AO SACERDÓCIO	37
2.1.1 PERCURSO PRESBITERAL ATÉ AO EPISCOPADO	39
2.1.2 BISPO AUXILIAR E ARCEBISPO DE SAN SALVADOR	41
2.2 O MARTÍRIO DE MONSENHOR ÓSCAR ROMERO	52
2.2.1 CONSEQUÊNCIAS DA MORTE DE ÓSCAR ROMERO	53
2.2.2 ROMERO NA MEMÓRIA DE EL SALVADOR NOS DIAS DE HOJE	54
2.3 O PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO	56
2.3.1 BEATIFICAÇÃO DE ÓSCAR ROMERO	58
2.4 PASSOS PARA A CANONIZAÇÃO DE MONSENHOR OSCAR ROMERO	61
2.4.1 CANONIZAÇÃO DO MONSENHOR ÓSCAR ROMERO	63
2.5 MÁRTIR IN ODIUM FIDELI	65
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	67
CAPÍTULO 3: TEMAS EVANGÉLICOS NAS HOMILIAS DE DOM ÓSCAR	69
3.1 A FÉ E A ESPERANÇA	69
3.2 A ALIANÇA E A FIDELIDADE	71

3.3 O ANÚNCIO E O TESTEMUNHO	73
3.4 A INCARNAÇÃO E A LUZ	74
3.5 A JUSTIÇA E A VERDADE	76
3.6 A LEI DO AMOR E A LIBERDADE	78
3.7 A MISERICÓRDIA E A SALVAÇÃO	81
3.8 O SEGUIMENTO E A SANTIDADE	83
3.9 O ARREPENDIMENTO E O PERDÃO	85
3.10 O AMOR E A CARIDADE	87
3.11 REINO, RESSURREIÇÃO E VIDA	90
3.12 FRATERNIDADE E SOLIDARIEDADE	93
3.13 HUMILDADE E SERVIÇO	95
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	97
CONCLUSÃO GERAL	99
BIBLIOGRAFIA	105

Resumo:

Este trabalho de Dissertação versa sobre a mensagem evangélica em algumas das principais homilias de Dom Óscar Romero como Arcebispo de San Salvador. O mesmo tem três Capítulos. O primeiro Capítulo descreve a história dilacerada e lacerada de um país – El Salvador – que se formou à sombra da opressão, violência e pobreza extrema, em primeiro lugar devido ao controlo espanhol e, em segundo lugar, fruto do poder militar – algo que desembocou numa guerra civil nos anos 80 do séc. XX. O segundo Capítulo relata a vida de um homem – Óscar Romero – que, nascendo no seio de uma família cristã, acabou, pelo seu carisma e zelo cristãos, por ser chamado a ser a Arcebispo de San Salvador. Vivendo os três anos em que foi Arcebispo dessa cidade num esforço constante para defender os oprimidos da prepotência militar e económica, Romero acaba por morrer martirizado por pessoas movidas pelo ódio à fé. Finalmente, o terceiro Capítulo desenvolve, ao ritmo da História da Salvação, uma análise dos temas evangélicos capitais que – refletindo a preocupação de Dom Óscar para com os mais sofridos na linha do Bom Pastor – estão presentes nas homilias proferidas pelo mesmo enquanto Arcebispo de San Salvador nas festas de Cristo Rei, da Ceia do Senhor e do Domingo de Páscoa.

Palavras-chaves: El Salvador; Óscar Romero; Pastor; Mártir; Mensagem evangélica; Amor

Abstract:

This thesis consists in the consideration of the evangelic message found in some of Óscar Romero's main homilies as Archbishop of San Salvador. It, also, consists of three chapters. The first chapter describes the lacerated and dilacerated history of a country – El Salvador – which has been crafted under the shade of oppression, violence and extreme poverty, initially due to the Spanish control and secondly, consequence of military power – which has led to a civil war during the 80s of the 20th century. The second chapter narrates the life of a man – Óscar Romero – who, having been born in the midst of a Christian family, ended up, in light of his Christian charisma and zeal, being called upon to be the Archbishop of San Salvador. Living the three years in which he was Archbishop of that city in a constant effort towards the defense of the oppressed by military and economic prepotency, Romero's life would come to an end, martyred, at the hand of faith-hatred driven individuals. Finally, the third chapter develops, at the rhythm of the History of Salvation, an analysis of the main evangelic themes that – reflecting Archbishop Óscar's concern towards those in greater suffering as that of the Good Shepherd – are present in the homilies said by the him as Archbishop of San Salvador during the festivities of Christ the King, the Lord's Supper and Passover Sunday.

Key-words: El Salvador; Óscar Romero; Shepherd; Martyr; Evangelic message; Love

INTRODUÇÃO

Este presente Trabalho, do ponto de vista pragmático, foi elaborado para a conclusão do 1.º grau canónico do Mestrado Integrado em Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Já do ponto de vista temático-pessoal, ele foi pensado para tratar do tema da Mensagem Evangélica de Óscar Romero, tal como ela está presente nas homilias, por ele proferidas enquanto Arcebispo de San Salvador (entre fevereiro de 1977 e março de 1980), relativas a algumas das mais importantes festividades especificamente cristológicas do calendário litúrgico: as das missas da Ceia do Senhor – Quinta-Feira Santa –; as do dia de Páscoa; e as do dia de Cristo Rei.

Este tema foi escolhido por nós por diversas razões: a primeira delas, é que quando nos estávamos a aproximar ao final do mencionado Mestrado, ainda não tínhamos definido que tema poderíamos tratar para a elaboração de um trabalho de Dissertação final. Era, para nós, assustador pensar ter que fazer um trabalho de tal natureza. Porém, com uma crescente coragem nossa e o apoio daquele que veio a ser o Orientador desta Tese, começámos a vislumbrar algum caminho que nos permitisse levar tal necessidade, entretanto tornada oportunidade de desenvolvimento pessoal, a bom-porto. E isto, nomeadamente mediante a consideração da possibilidade de abordarmos a figura de Dom Óscar Romero a partir do ramo da espiritualidade ou da pastoral.

A segunda razão pela qual escolhemos esta figura eclesial foi o conhecimento sobre a vida deste grande mártir do séc. XX que nos foi transmitido pelo nosso Orientador. A primeira vez que frequentámos uma cadeira lecionada pelo mesmo – *História da Igreja Antiga* (que, agora com outra bagagem, gostaríamos de voltar a frequentar pela enorme relevância de assuntos nela abordada) –, no momento de nos apresentarmos dissemos que éramos de El Salvador, ao que aquele que agora é o meu Orientador e amigo nos respondeu dizendo: “ah... da terra de Monsenhor Óscar Romero”. Na altura ficámos muito surpreendidos porque este país tão pequenino não é, em geral, conhecido em Portugal e, como já chegámos a ver, às vezes até nem nos mapas aparece. Ao longo do nosso Curso isto ficou gravado na nossa consciência e quando chegou o difícil momento da escolha do tema para a Dissertação, veio-nos à consideração que tratar de Dom Óscar seria uma boa eleição.

Como já dissemos, quando ainda não estava decidido trabalharmos esta figura, tivemos muitas dúvidas que nos levaram a duvidar da nossa capacidade de conseguirmos elaborar uma Dissertação de fim de Mestrado, seja a nível da pesquisa, seja a nível da estruturação de um trabalho, seja, enfim, a nível do seu aparato crítico – pois, verdade seja dita, e afora o *Seminário de Metodologia* (também a nós lecionado pelo nosso presente Orientador), pouco ou nada nos foi exigido a esse respeito ao longo do nosso Curso. Com o alento do nosso Orientador, lá nos encorajámos e, depois e ao longo da elaboração deste Trabalho, acabámos por arregaçar as mangas dos braços e do coração, e, entre envios e receções de emails, fomos ganhando um certo estofio que não pensávamos ser capaz de possuir.

Depois da eleição da figura de Dom Óscar, as dúvidas e problemas não cessaram. Com efeito, seja ela em si mesma, seja os temas – teológicos ou não – que se articulam com ela, podiam abrir o leque a termos que tocar em questões sensíveis e, ante pessoas não muito ponderadas, incompreensões acerca da nossa pessoa e dos nossos objetivos para um trabalho tão importante como este que aqui tem a sua Introdução. Sendo assim, e sabendo que o (então ainda não) nosso Orientador conhecia a vida de Monsenhor Romero e a história que o envolvia, sondámo-lo sobre o que achava da possibilidade real de se abordar o mesmo numa Dissertação final de Mestrado Integral em Teologia, seja a nível da eventual recetividade eclesial e académica de o fazermos, seja a nível de fontes para a elaboração de um tal intento. As suas sempre francas respostas animaram-nos, mas precisávamos de mais seguranças.

Entretanto, tendo nós podido ir a El Salvador no Verão de 2019, e ainda com algumas dúvidas, decidimos comprar alguns livros sobre Dom Romero, sendo que foi já na posse desses livros que, depois de oficializarmos o pedido de orientação ao nosso Orientador, finalmente nos entregámos ao começo deste Trabalho. Um Trabalho que foi uma grande aventura para nós, também porque abordava uma vida – a de Dom Óscar – que foi uma aventura e nos obrigou a entrar num sério e aprofundado estudo quer da história da nossa Terra Natal, quer da vida e pensamento de um enorme aventureiro da fé no seu caminho até à santidade pela via do martírio.

Houve ainda uma terceira razão para a escolha do tema deste nosso Estudo: dar a conhecer, em Portugal, um pouco mais da vida deste Santo que foi canonizado em 2018. Com efeito, Óscar Romero não é muito conhecido em Portugal – basta falarmos com um comum fiel cristão e até com alguns alunos e professores de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – e El Salvador, esse país tão pequenino da América central, menos ainda. Decidimos, então, elaborar uma Dissertação que tivesse isto como meta e, embora a mesma não viesse certamente a ser a melhor de todas que noutras circunstâncias poderíamos ter realizado, fosse um trabalho simples, que apresentasse uma figura e um pensamento tão relevantes de modo cativador e que levasse o seu futuro possível leitor a entrar numa viagem a El Salvador e numa intimidade com

o primeiro santo de El Salvador: São Óscar Romero. Um santo que, em especial pela sua possível intercessão em Jesus Cristo, tão necessário é para tal nação tão pobre e sofrida.

Uma quarta – e muito importante – razão para termos abraçado o tema deste Trabalho é que, no Verão em que estive em El Salvador, tivemos a graça de conhecer a pessoa beneficiada pela intercessão canonicamente reconhecida de Monsenhor Romero: Cecília Flores. Ela é casada com Alejandro, e são pais de sete filhos: três vivos cá na terra – Emiliano, Rebeca e Luís Carlos –, e, como ouvimos diversas vezes o nosso Orientador a dizer nas suas aulas, 4 bebés vivíssimos no céu. Esta experiência foi muito importante para nós e deu-nos grande força para a escolha do tema deste Trabalho, pois tivemos a graça de passarmos um dia em sua casa com toda a sua família, rezando as Laudes de manhã e escutando a história, contada na primeira pessoa, das suas vidas e do milagre decorrido pela antes referida intercessão¹.

Para este casal não existem quaisquer dúvidas acerca do verdadeiro amor que Deus tem por eles, e de como tal amor se tem manifestado nas suas vidas, principalmente no seu matrimónio. Eles pertencem às comunidades do Caminho Neocatecumenal de San Salvador e, na nossa opinião, são um casal exemplar: abertos à Vida, à vida e às vidas e com o desejo de sempre fazerem a vontade de Deus. Para nós foi um presente da parte de Deus conhecer a vida deste casal; ver que os milagres existem; e poder contemplar, através do seu testemunho, como Monsenhor Romero intercedeu na vida de tal família, mostrando-me, além do mais e como diz o nosso Reitor, que o amor de Deus e a Sua infinita misericórdia para conosco podem chegar a parecer ser extremadamente escandalosos.

Finalmente, a quinta e última razão pela qual escolhemos a Monsenhor Romero como autor e guia da nossa Dissertação, foi a recordação de termos tido a visita de Monsenhor Rosa Chaves – pessoa responsável, a dado tempo, de acompanhar o processo de beatificação de Dom Óscar e recentemente (agosto de 2021), e já como Cardeal da Igreja Católica, ameaçado pelo governo salvadorenho por ter recordado a figura do nosso Autor) – a terras Lusitanas no ano de 2013. Convidado pelos padres da Congregação da Consolata, veio a Portugal com o propósito de dar a conhecer a vida de Óscar Romero através de conferências que foram feitas em todo o país. No Porto tivemos a oportunidade de assistimos à sua conferência feita na Universidade Católica Portuguesa e de participarmos no acolhimento do mesmo na visita que fez ao Seminário Diocesano Redemptoris Mater. Este Trabalho insere-se, assim e de certa forma, na linha de continuidade da divulgação do legado de Óscar Romero levada a cabo pelo atual bispo auxiliar de El Salvador.

¹ O registo da entrevista feita por nós feita nesta ocasião, encontra-se, em formato áudio, anexado a este Trabalho.

Creemos que devemos reforçar o que já dissemos: para nós, acabou por ser de muita importância a escolha do tema deste Trabalho e é-nos de maior importância ainda a transmissão do testemunho de Dom Óscar que se empenhou, decididamente e de modo muito particular, na defesa dos mais pobres e desamparados face à injustiça e à violência gerada por tensões ideológicas e políticas. Não são estes, verdadeiramente, os destinatários privilegiados no anúncio evangélico? E não viveu, e morreu, o nosso Pastor vivendo o evangelho – a mensagem da boa-nova – do Evangelho – Jesus Cristo –?

A nível do processo de elaboração deste Trabalho, o primeiro passo que demos foi a compra dos primeiros livros em 2019 quando estivemos em El Salvador. Esta busca de material, que começou inclusivamente antes de nos decidirmos definitivamente pela realização deste Trabalho, não foi um problema de monta: apesar de serem escassos os livros de qualidade científica sobre Dom Óscar, àqueles livros comprados juntaram-se algumas outras fontes: livros que tínhamos, há algum tempo, para leitura pessoal; obras que encontrámos na biblioteca do Seminário onde residimos – o Seminário Redemptoris Mater no Porto –; enfim, outras fontes foram aparecendo com naturalidade conforme fomos iniciando a nossa caminhada com Óscar Romero, o seu pensamento evangélico e El Salvador.

Entre estas últimas fontes, gostaríamos de mencionar aquelas: com que nos deparámos, muitas vezes de modo accidental e às vezes até com a ajuda de irmãos do Caminho Neocatecumenal, na Biblioteca da Universidade Católica Portuguesa no Porto; as que nos foram enviadas de Espanha por outros irmãos do dito Caminho; uma que comprámos – fruto de uma publicidade assaz enganosa – na Amazon; e, por fim, as que as nossas irmãs que vivem em El Salvador nos foram arranjando, do que, estando nós a tão longa distância na nossa Pátria, era impossível ir às raízes daquilo que teríamos todo o gosto de poder investigar pessoalmente e *in loco*.

Devemos admitir que foram muitos os lugares que frequentámos (física ou virtualmente), e muitas as pessoas a quem pedimos ajuda, na busca de material para esta Dissertação: portugueses, espanhóis, salvadorenhos; amigos, familiares e até desconhecidos, que nos ajudaram de uma e outra forma, tendo nós mesmo trocado correspondência com a Arquidiocese de San Salvador para pedirmos ajuda sobre as Homilias de Óscar Romero que queríamos trabalhar. Aliás, foi através do contacto com esta que conseguimos aceder a sites fidedignos na Internet onde encontrámos todas as homilias dos três anos que Dom Romero esteve como Arcebispo de San Salvador. Como é evidente, o nosso Orientador também prestou grande ajuda neste trabalho, procurando, conosco e por exemplo, informação de documentos escritos pelo Papa Francisco que nos ajudaram imenso para a elaboração deste tema.

No que respeita ao processo da redação, devemos dizer que também não foi fácil encontrarmos o caminho que nos levaria até ao fim deste trabalho. No princípio, não sabíamos por onde começar, e o mais lógico parecia ser pela história de El Salvador, mas, fruto de um diálogo com o nosso Orientador, decidimos que a forma mais prudente, séria e segura seria outra. Face a isto, cremos ser importante dar a conhecer em que ordem foram escritos os Capítulos que a presente Dissertação contém, tendo em conta que não foram elaborados na mesma ordem em que a mesma está estruturada.

De facto, achámos importante partirmos, em primeiro lugar, da redação daquele que veio a ser o nosso segundo Capítulo – a biografia de Dom Óscar –, pois, sabendo que deveríamos falar de El Salvador, para conhecermos, e darmos a conhecer, melhor em que contexto aquele viveu – e isto será tratado no primeiro Capítulo desta Dissertação –, quisemos ter bem claro os traços da sua vida para, depois, não estarmos a falar em abstrato do nosso País, antes apenas do que da história deste era relevante conhecer-se tendo em apreço o perfil biográfico do nosso Autor. Só depois de redigidos estes Capítulos é que, finalmente, elaborámos o nosso terceiro, e quiçá mais decisivo, Capítulo.

Enfim, refira-se que para a realização deste Trabalho de final de curso de Mestrado, utilizámos para a sua redação a norma presente *no Livro de Estilo da Faculdade de Teologia 2020/2021*, procurando, de todos os modos, ser sempre coerentes, precisos e decididos na lógica do “quanto basta”; isto é, no só escrevermos o essencial – no corpo de texto e nas notas de rodapé – para a segura persecução dos nossos objetivos.

A nível do conteúdo do nosso Trabalho, ele, como já dissemos, começará com a história de El Salvador, apresentando-se os elementos mais importantes da mesma, desde a chegada dos povos europeus até à atualidade, mostrando-se que, sem qualquer desejo de autovitimização – o povo de El Salvador tem sido, de facto, um povo muito sofrido e até mártir. De facto, e colocando-nos na pele de um nosso possível futuro leitor português, o mais provável é que este desconheça muito (senão tudo) acerca do nosso país, e, assim, o darmos a conhecer essa história é fundamental para se conhecer a história de Dom Romero.

De seguida, e no nosso segundo Capítulo, trataremos, com algum detalhe, da vida de Óscar Romero, desde o seu nascimento ao seu *dia natalis* enquanto mártir e mais além; isto é, falando igualmente do impacto da sua pessoa nos anos seguintes ao seu falecimento e do processo de beatificação e canonização. Dentro deste tema da canonização tocaremos em alguns aspetos – poucos, mas importantes – do milagre que o coroou Santo entre os Santos da Igreja – o, assim conhecido em El Salvador, “milagre de Cecília”. Fruto de Dom Óscar ter morrido assassinado, tocaremos ainda, de modo breve, o tema do martírio, fruto da forma e

circunstâncias em que Romero morreu e dado que, mais tarde, se reconheceu, eclesial e canonicamente, que ele havia morrido fruto de um verdadeiro *Odium Fidei*, por ódio à (também sua) fé.

Por fim, e como já dissemos logo no começo desta Introdução, teremos, no nosso terceiro Capítulo, o estudo, seguindo-se um esquema inspirado na própria História da Salvação, de alguns dos temas evangélicos mais importantes abordados por Dom Óscar nas missas de Quinta-feira Santa, do Domingo de Páscoa e do dia de Cristo Rei. O leque de textos que, em teoria, poderiam ser abordados para a elaboração deste estudo, era, certamente maior, mas, face às naturais contingências humanas, uma solução de compromisso teve que ser feita e, com a orientação do nosso Orientador, acabámos por eleger tratar de tais temas a partir das homilias daqueles três dias tão radicalmente cristológicos do calendário litúrgico anual.

A honestidade do nosso coração leva-nos a ter que admitir, com toda a sinceridade, que este trabalho irá ter algumas imperfeições fruto de um conjunto de razões que gostaríamos que ficassem bem claras. O confinamento, por causa da pandemia, foi o principal obstáculo que deu origem a diversas problemáticas: o não podermos sair de casa para investigar mais a fundo e poder fazer uma mais cuidadosa recolha bibliográfica; o não termos tido facilidade, num primeiro momento, em arranjar livros para a elaboração do nosso primeiro Capítulo; o não termos tido outro meio de contacto com o nosso Orientador que não fosse o email para ele poder fazer o trabalho que lhe correspondia; a dificuldade que vivemos para contactar com as pessoas que nos ajudaram a nível da revisão do nosso pobre português, pois também com elas só conseguíamos contactar por email, seja para enviarmos cada parte do que íamos redigindo, seja para recebermos as correções devidas.

Mas não foi apenas o confinamento que nos criou obstáculos. Algumas fontes que arranjámos estavam em inglês – idioma que não dominamos –, com a inerente necessidade de termos tido que as traduzir com a ajuda de irmãos do Caminho Neocatecumenal, de outros colegas e inclusive do nosso Orientador. Por outro lado, as fontes, que acabámos por utilizar para fazer as contextualizações bíblico-teológicas dos temas que apresentaremos no nosso terceiro Capítulo, não eram sempre concordes entre si, e isto obrigou-nos a um sério esforço de processamento teológico para chegarmos ao que de essencial havia entre elas sem escamotearmos tais dissonâncias.

Posto isto tudo, cremos, sinceramente, que, tendo nós conseguido levar para a frente este Trabalho, lográmos terminá-lo de um modo que assaz positivo e bem melhor do que, em algumas ocasiões, conseguimos mostrar ao longo do curso de Mestrado que com ele desejamos terminar.

Para terminar esta Introdução – e passando a escrever na primeira pessoa do singular pois o que direi é absolutamente singular –, quero, de forma humilde e franca, apresentar uma série de agradecimentos. Em primeiro lugar, a Deus: pelo dom da vida, pelo Seu amor infinito que tem tido para comigo e pela Sua grande misericórdia; por me ter dado uma família maravilhosa em que, apesar da longa distância que nos separa, partilhamos sempre as alegrias e as tristezas; por ter colocado, na minha vida, duas pessoas exemplares que me educaram na fé e que, apesar de já terem falecido, sei que me cuidam desde o céu; por me ter chamado à Igreja, para formar parte do seu rebanho; e por me ter chamado para trabalhar na Sua messe e, futuramente, poder servi-Lo como pastor e presbítero da Igreja Católica; finalmente, por conceder-me, após tantas canseiras, a graça de terminar este Curso que, sei bem, sozinho nunca teria podido concluir.

Em segundo lugar, quero agradecer aos meus formadores, pela infinita paciência que tiveram comigo ao longo de todos estes anos de estudo; aos seminaristas, que principalmente nesta última etapa, se disponibilizaram para ajudar-me e pelo apoio que me deram; às “minhas” comunidades do Caminho Neocatecumenal, tanto de origem como a do Porto, e aos demais irmãos do dito Caminho que rezaram, e rezam, por mim.

Por fim, quero agradecer também, e de forma muito especial, quer às pessoas que me ajudaram com as correções a nível do português para que este Trabalho fosse apresentado com uma qualidade redaccional que de outro modo não teria, quer, enfim, a todas as pessoas, que direta ou indiretamente, colaboraram para que o nosso Estudo chegasse ao fim: das pessoas das paróquias onde estive a estagiar e que rezam por mim, às pessoas da Universidade Católica Portuguesa – professores, colegas e técnicos da biblioteca – que ao longo destes anos de estudos me mostraram a sua disponibilidade e benevolência. Que o Senhor lhes dê o cem por um.

CAPÍTULO 1: HISTÓRIA DE EL SALVADOR

Este primeiro Capítulo da nossa Dissertação foca-se numa breve, e já com a figura de Dom Óscar Romero em ponto-de-mira, apresentação da história de El Salvador. Esta nação trata-se de um país do terceiro mundo, que faz parte da comunidade centro-americana que alberga o povo salvadorenho, os quais, no território de tal nação, são perto de sete milhões de habitantes numa extensão territorial de vinte e um mil quilómetros quadrados (para comparação, Portugal tem cerca de noventa mil quilómetros quadrados e uma população que ronda os dez milhões). De facto, os salvadorenhos são muitos mais, pois naquele número não estamos a levar em conta os milhões de emigrantes que, devido à extrema pobreza e à violência que têm sido constantes em El Salvador durante as últimas décadas, tiveram de abandonar a sua pátria.

Os salvadorenhos têm vivido, desde meados do segundo milénio da era cristã – não que antes não houvesse violência; não havia, era, El Salvador –, sob diversos regimes que geraram, de diversas formas e em graus diferentes, climas de terror: desde os primeiros colonizadores espanhóis à delinquência generalizada que hoje grassa, passando pelas ditaduras militares e a Guerra Civil de fins do século XX. Têm sido centenas de anos que deram origem a um verdadeiro mar de sofrimento, mas ainda resiste, no coração dos salvadorenhos, a esperança de vir a haver um El Salvador onde reine a paz.

1.1 A CHEGADA DOS ESPANHÓIS À AMÉRICA CENTRAL

Apesar da história da presença humana no território que é hoje El Salvador possuir dados provindos do Paleolítico Superior², devido ao desejo de nos focarmos mais diretamente no que perfila o período da vida do nosso Autor, começaremos a nossa exposição com a chegada dos colonizadores espanhóis a esse território, pois foi com eles que começou um traço indelével da história de tal país: a opressão.

Pois bem, tais pessoas provindas da Espanha chegaram à América Latina, procurando vias marítimas que os conduzissem até ao Oriente, mas, embora tendo fracassado nesse objetivo, encontraram, no território americano, muitas coisas de interesse para as suas ambições expansionistas e económicas. É um facto que foi apenas na quarta viagem de Cristóvão

² Cf. Christopher M. White, *The History of El Salvador* (Westport; London: Greenwood, 2009), 19-20.

Colombo a terras americanas que este «explorou as costas dos atuais países – Honduras, Nicarágua, Costa Rica e Panamá»,³ mas nada se manterá igual. Deveras, o período caracterizado pela conquista espanhola define-se, a nível da história do que é hoje o território de El Salvador – e cujo mapa contemporâneo apresentamos já de seguida –, como uma etapa de instabilidade, não só cultural, mas também económica e sobretudo social.



fig. 1 - mapa de El Salvador⁴

Este território foi invadido pelos que até ele chegaram partindo da Europa «e subindo o Pacífico desde as costas ocidentais do Panamá»,⁵ trazendo consigo cavalos, canhões, destruição, ameaças e pilhagens, acabando por se entregarem, não poucas vezes, a morticínios e pedindo aos indígenas que fossem “bons” – leia-se: submissos e resignados –, sendo que, como sabemos pela história, os que se opunham a tal desiderato eram os que mais sofriam.⁶ Mas não só: também foi invadido por grupos mais ou menos numerosos que se deslocavam do Norte, mais especificamente da zona que hoje conhecemos como México. Estes últimos eram os descendentes dos Toltecas, conhecidos como Pipiles.⁷ Assim, quando os Espanhóis chegaram às terras que atualmente são terras salvadorenhas, encontraram tribos pertencentes a

³ Luis Ramírez (dir.), *Historia 1 El Salvador* (San Salvador: Ministerio de Educación de El Salvador, 2009), 47.

⁴ Este mapa foi elaborado por nós a partir de um outro presente em: White, *The History of El Salvador*, 2.

⁵ White, *The History of El Salvador*, 32.

⁶ Cf. Oscar Martínez Peñate (coord.), *El Salvador: historia general* (San Salvador: Nuevo Enfoque, 2015), 20.

⁷ Cf. Peñate (coord.), *El Salvador*, 18.

grupos indígenas já misturados com os Pipiles⁸ – que falavam a língua Náhuatl, a qual uma variante da original língua Nahua.⁹

A juntar a estes grupos, diga-se ainda que europeus também encontraram os Maias – que falavam Chortí¹⁰ –, sendo que estes ocupavam principalmente o centro e a costa pacífica do território salvadoreño, encontrando também outras séries de povos indígenas, mais isentos de influxos exteriores, espalhados pelo território. Tratavam-se de tribos indígenas que adoravam deuses como «Quetzalcoatl e Itzqueye; sendo esta última uma “deusa mãe” que teve a sua origem na costa do Golfo do México».¹¹ Desta forma, os espanhóis encontraram uma série de sociedades indígenas mais ou menos autóctones que se tornaram para eles, graças à sua superioridade militar e na sua busca de venturas e riquezas, uma fonte económica, quando mais não fosse enquanto mão-de-obra barata – porquanto escrava.¹²

Assim, as américas foram-se convertendo em território conquistado por Espanha, colónias espanholas que proporcionaram riquezas, fama e aventura, através da rota que Colombo já tinha percorrido, acabando por trazer encontrar diversos produtos – milho, batata, tomate, pimentos, cacau, abacate, etc. – que acabarão por tornar a alimentação na Europa muito mais variada.¹³ Deveras, esta conquista não só significou ordem social e política, tendo em conta a diminuição acelerada do povo indígena, mas também um intercâmbio de plantas e animais (entre outras coisas) entre a América e a Europa, mudando-se assim a situação económica tanto de um lado como do outro¹⁴. O índio começa a perder parte da sua identidade pois passou a ser um simples servidor, contudo, mesmo com o passar dos séculos, conseguiu conservar e cuidar alguns esteios da mesma até às primeiras décadas do século XX.¹⁵

Como é bem sabido, a fundação e/ou refundação de povoações por parte dos espanhóis era uma parte fundamental da sua política de colonização no século XVI.¹⁶ A própria cidade de San Salvador foi fundada pelo, «devido à sua subjugação da América Central ao jugo espanhol», infame¹⁷ Pedro de Alvarado – e nomeada como Villa de San Salvador¹⁸ –, possivelmente sobre o que fora Cuscatlán, dado que esta havia sido a primeira capital nativa

⁸ Cf. Ramírez (dir.), *Historia 1 El Salvador*, 33.

⁹ Cf. Ramírez, 33.

¹⁰ Cf. Ramírez, 34.

¹¹ Ramírez, 36.

¹² Cf. Ramírez, 36.

¹³ Cf. Ramírez, 50.

¹⁴ Cf. Ramírez, 73.

¹⁵ Cf. Ramírez, 72.

¹⁶ Cf. Ramírez, 58.

¹⁷ Orlando J. Perez, *Historical Dictionary of El Salvador* (Lanham; New York; Plymouth: Rowman & Littlefield, 2016), 23.

¹⁸ Cf. Ramírez (dir.), *Historia 1 El Salvador*, 58.

naquele território.¹⁹ Depois de milhares de anos de completo isolamento destas terras face ao resto do Mundo, elas, não sem uma resistência dos povos cachiuel,²⁰ converteram-se em terras salvadorenhas, incorporando violentamente um sistema económico e político muito poderoso que converteu o território num domínio espanhol.²¹ Assim, com o tempo, El Salvador foi tomando forma, e, depois de em 1525 ter sido fundada a já nomeada cidade de San Salvador, em 1530 é a vez da povoação de San Miguel²² – terra onde, como veremos com um outro detalhe no capítulo subsequente deste nosso estudo, nasce Dom Óscar Romero. Estas duas localidades tornar-se-ão – e manter-se-ão até aos dias de hoje – as duas mais importantes cidades do país.

Na história de El Salvador, uma nova etapa tinha começado; um novo rumo tinha sido tomado; o virar de uma página de um livro, que também nós estamos a escrever, tinha sucedido. Com efeito, os espanhóis acabarão por dominar El Salvador durante três séculos,²³ até ao momento em que surgiu a possibilidade de se fazer cessar a dominação europeia.

1.1.1 A EVANGELIZAÇÃO NA AMÉRICA CENTRAL

Alguns cristãos, mais preocupados com o bem do que com os bens, aproveitaram as migrações espanholas para evangelizarem os nativos pagãos. Surge, assim, a evangelização dos povos das terras centro-americanas, que, porém, não ocorreu de imediato – tal como não aconteceu em nenhuma outra parte dos territórios que hoje são conhecidos como América Latina. Todavia, seguindo os conquistadores e os descobridores e como bem sabemos pela história da Igreja, as ordens religiosas foram das primeiras a aventurarem-se para essas zonas.²⁴

Estas ordens religiosas, nomeadamente as dos Dominicanos e Franciscanos, chegaram até aí para realizarem a evangelização dos indígenas na senda de uma necessidade de humanização – leia-se também: europeização – dos povos que os espanhóis iam encontrando e relatando como vivendo em condição sub-humanas de cultura, religião e civilização. Não se pode negar que uma parte considerável, e por vezes até determinante, da sua missão passava por darem atenção espiritual aos colonos espanhóis que estavam a implementar o sistema de “encomiendas”, mas, com o tempo e a partir dos corações daqueles religiosos mais

¹⁹ Cf. Ramírez, 58.

²⁰ Cf. White, *The History of El Salvador*, 33.

²¹ Cf. Ramírez (dir.), *Historia 1 El Salvador*, 62.

²² Cf. Ramírez, 67.

²³ Cf. Ramírez, 62.

²⁴ Cf. White, *The History of El Salvador*, 36.

discernidamente fascinados pelo Crucificado-Ressuscitado, o seu labor essencial tornou-se o de converter os indígenas.²⁵

Isto – diga-se – foi muito complicado para os missionários, uma vez que a cultura religiosa dos indígenas estava voltada para os deuses que eles adoravam – o deus da chuva, da fecundidade, do sol, etc. – sob diversas feições e denominações e mediante o recurso a distintos idiomas. De qualquer modo, quando o império espanhol começou a manifestar-se como bem consolidado, os franciscanos, dominicanos e sacerdotes seculares já estavam a fazer sentir a sua presença em terras salvadorenhas na linha daquela dupla tarefa missionária que apontámos. Eles eram nomeados pelo estado, recebiam um salário e até acabavam por ser os representantes de cada território.²⁶

Note-se que já nesta altura embrionária da cristianização das américas, não eram raras as denúncias dos abusos que os espanhóis cometiam contra os escravos indígenas,²⁷ sinal claro, seja da dignidade que estes reconheciam possuir, seja da convicção de teriam de que poderiam apelar às autoridades competentes – nomeadamente as eclesiais. Além disso, os relatos que nos chegaram manifestam igualmente que não poucos missionários procuravam pautar-se pela defesa dos direitos dos povos ameríndios face à violência que se vivia. Uma violência que não era só física, como também psicológica e sexual, dado que – como veremos mais à frente com outro pormenor – os colonos espanhóis começaram a misturar-se com os indígenas, acabando por se entregarem a atos de violação das mulheres indígenas.

Poderíamos pensar que a evangelização, por parte dos espanhóis e na época da colonização, não foi exclusivamente um gesto de bondade cristã desinteressada. Não estaríamos longe da verdade: os indígenas eram controlados pelos sacerdotes ou monges que lá se encontravam, sendo que estes eram, em muitos dos casos – e como é, face à humana fraqueza, tão triste como compreensível –, aliados dos espanhóis. Portanto, esses missionários, além de controlarem em muitas situações os trabalhos dos indígenas, também recebiam destes o contributo, também para a Igreja, que lhes era exigido pagar em forma terras, animais, plantações, produtos das plantações etc.²⁸ Ou seja, e num elemento que se manterá constante na história de El Salvador, recebiam “riquezas” não em ouro – que nunca lá foi descoberto e, assim, não fez dos seus habitantes “mineiros” –, mas em terrenos e bens agrícolas – o que fará dos habitantes de El Salvador sobretudo agricultores²⁹, algo que poderá explicar que a igreja

²⁵ Cf. Peñate, *El Salvador: historia general*, 23.

²⁶ Cf. Ramírez, *Historia 1 El Salvador*, 65.

²⁷ Cf. Ramírez, 65.

²⁸ Cf. Peñate, *El Salvador: historia general*, 26.

²⁹ Cf. White, *The History of El Salvador*, 37.

salvadorenha nunca «tenha sido tão rica como a do México e do Peru, pois subsistia grandemente dos modestos presentes dos pobres índios e ladinos [mestiços]». ³⁰

Os próprios descendentes dos espanhóis, ainda que fossem seus filhos e convictamente cristãos, eram marginalizados, pelos mesmos por não serem brancos.³¹ Alguns procuravam estudar para obter um bom trabalho e superar-se, outros procuravam lugares importantes em cargos administrativos e, por fim e no que aqui mais nos interessa, outros procuravam os seminários para serem formados e posteriormente ordenados sacerdotes.³² Isto, paradoxalmente ou talvez não, fortaleceu o vínculo entre o poder civil e a Igreja, pois, nas suas relações com as pessoas indígenas, estes sacerdotes acabavam por, para assumirem o estatuto dos seus pais europeus, se deixarem guiar por relações de antipatia.

Dito isto, o que mencionamos no parágrafo anterior não é toda a verdade: muitos sacerdotes e missionários, inclusive mestiços sem complexos, entregaram-se de alma e coração ao anúncio do Reino do Deus-Amor, com tudo o que isso comportava de aceitarem acarretar sobre si a inimizade, rancor e até perseguições de cristãos e missionários meramente nominais. A Igreja, ao longo dos séculos, encontrou-se muitas vezes nesta dicotomia entre, por um lado, o “conluio com” e o “afastamento do” poder civil, e, por outro lado, a “proximidade” aos e o “aproveitamento” dos evangelizados, por isso não é de surpreender que isso também ocorresse nestes séculos embrionários de El Salvador.

1.1.2 O FIM DA DOMINAÇÃO ESPANHOLA E O LIBERALISMO

Como dissemos, no fim do primeiro apartado deste estudo, foram quase três séculos de dominação espanhola, também fortemente marcada pelo domínio da casa dinástica de Habsburgo.³³ No entanto, El Salvador é um rico país cheio de cultura e de história. Não podemos desvalorizar a época colonial, porque dela o povo salvadorenho recebeu o catolicismo, que passou de um sistema religioso controlado pelos sacerdotes, a um sistema religioso universal e comunitário, no que fortaleceu a integridade das comunidades indígenas, adotando-se, por um lado, a veneração dos santos na linha da consideração popular pelos defuntos e transformando-se, por outro lado, as festas pagãs em festas católicas religiosas. Mas El Salvador não é só isso. É muito mais do que isso, como passaremos a ver a continuação.

A meados do século XVIII o domínio da dinastia Bourbon começou a fazer-se sentir, e, em consequência e como sabemos da história da Igreja em geral, a Igreja passou a ser submetida

³⁰ White, 33.

³¹ Cf. Ramírez, *Historia 1 El Salvador*, 83.

³² Cf. Ramírez, 84.

³³ Cf. White, *The History of El Salvador*, 38-40.

submeteu grandemente aos desígnios políticos nos territórios governados por tal dinastia, incluindo El Salvador. Mas não só: os impostos começaram a ser mais regulados para se tentar evitar a corrupção que já era endêmica, algo que permitiu melhorar as infraestruturas e incrementar o «comércio intra-colonial dentro da América Central, [...] mas cujos frutos não se estenderam aos que estavam na base da pirâmide social, que continuavam oprimidos sob o controlo estatal».³⁴

Em finais do século XVIII, depois da Revolução Francesa ter ocorrido em 1789, começa um período de grandes instabilidades na Europa, que durou até 1815, altura em que findaram as guerras napoleónicas que haviam colocado “a ferro e fogo” o comércio intercontinental. Nesta altura, a Espanha teve sérios problemas, não só políticos, mas também militares, o que levou a uma crise económica na América Central que a mesma governava.³⁵ Esta crise levou os habitantes de El Salvador a colocarem-se, de modo auto-consciente e deliberado, em movimento de busca da independência, e um grupo de conspiradores – entre os quais se encontravam alguns párocos de diferentes pontos do país – começou a reunir-se para tentar acabar com uma dominação espanhola que, por tudo o que já vimos – nomeadamente a violação dos direitos dos povos e das pessoas –, causava muito sofrimento aos indígenas – e não só.

Contudo, o tempo para isso ainda não havia chegado, pois quando Espanha, por volta do ano de 1819, reencontrou uma certa estabilidade, organizou uma forte expedição armada para obrigar as colónias a voltarem ao domínio da coroa espanhola.³⁶ Mas isto, por diversos motivos – que aqui não conseguimos abreviar em vista aos propósitos deste nosso trabalho –, não foi senão o canto do cisne de tal dominação e a 15 de setembro de 1821³⁷ assina-se a ata da independência da monarquia espanhola, terminando assim o domínio espanhol sobre El Salvador, que, de facto, havia visto, nos anos anteriores, «uma generalizada perda do muito importante apoio que granjeara até então, e sobre o pensar e crer das demais estruturas sociais, entre as classes essencialmente conservadoras e mercantis».³⁸

Pouco tempo depois da independência de El Salvador, houve uma primeira Guerra Civil no ano de 1826,³⁹ porque o povo não compreendia o motivo de o território ter ficado à mercê dos caprichos dos terratenentes, os quais, aproveitando a liberdade de tal país face ao antigo poder colonizador, começaram a se apoderar das terras dos mais diversos povos. Ou seja: de uma servidão e exploração ante uma potência exterior, havia-se passado a uma exploração e

³⁴ White, 46.

³⁵ Cf. Ramírez, *Historia 1 El Salvador*, 137-138.

³⁶ Cf. Ramírez, 144.

³⁷ Cf. Ramírez, 165.

³⁸ White, *The History of El Salvador*, 46.

³⁹ Cf. Ramírez, *Historia 1 El Salvador*, 157.

servidão face aos pequenos ditadores prepotentes,⁴⁰ que, ao contrário que ocorrera com aquela – que, apesar de tudo, contava com a moderação eficaz da Igreja –, passou a ignorar grandemente o parecer e ação de uma Igreja que, dessa forma, se tornou menos capaz de proteger os povos indígenas.⁴¹ Entre 1830 e 1842 houve uma segunda Guerra Civil, suscitada, novamente, pelos atritos existentes entre as diferentes classes sociais, os quais se viam agravados por uma economia frágil, sistemas de comunicação deficientes e forças de segurança e militares muito insipientes.⁴² Apesar de tudo – e este “tudo” não pode ser minimamente desvalorizado –, estas guerras tiveram um lado positivo, dado que ajudaram a consolidar o processo de reorganização das estruturas administrativas, das forças da ordem e do comércio que tinha começado com a independência.⁴³

Entre os anos 1840 e 1871, as mudanças do poder político foram levadas a cabo de modo pacífico ou violento; isto é, através de eleições ou mediante o uso da força.⁴⁴ Este período caracterizou-se pelo surgir e fortalecer do poder dos “caudillos”, empregados pelos líderes políticos dos séculos XIX-XX, que digladiavam-se entre si numa rivalidade por vezes sem quartel, piorando imenso a vida das pessoas mais simples que não tinham como evitar ser vítimas desses conflitos pelo poder e as riquezas.⁴⁵ A Igreja também se viu envolvida nesta situação, mas com a sua experiência soube subir, a nível de estatuto, ao patamar do próprio Estado no que levou ao surgir de relações ambíguas entre si e o Estado: por um lado, havia relações estreitas entre o poder político e o poder eclesiástico igualmente interessados em acabar com a instabilidade em El Salvador; por outro lado, e já no “Tempo de Gerardo Barrios” (1858-1863), o Estado não se eximiu de entrar em confrontos com a Igreja de modo a lograr uma legitimidade do poder político isenta de considerações eclesiásticas.⁴⁶

Avançando nós um pouco mais no tempo, chegamos às reformas liberais de finais do século XIX que, entre golpes e contragolpes,⁴⁷ levaram a cabo um conjunto de mudanças económicas, políticas, sociais e culturais. Em tais reformas, não só o Estado, mas também as elites económicas, os indígenas, os camponeses, os municípios e até a Igreja foram atores cientes e ativos.⁴⁸ É aqui que surge a separação entre a Igreja e o Estado, que, por exemplo, fez

⁴⁰ Cf. Ramírez, 160.

⁴¹ Cf. White, *The History of El Salvador*, 56.

⁴² Cf. Ramírez, *Historia 1 El Salvador*, 159.

⁴³ Cf. Ramírez, 162.

⁴⁴ Cf. Ramírez, 171.

⁴⁵ Cf. Ramírez, 191.

⁴⁶ Cf. Ramírez, 273.

⁴⁷ Cf. Luis Ramírez (dir.), *Historia 2 El Salvador* (San Salvador: Ministerio de Educación de El Salvador, 2009), 38.

⁴⁸ Cf. Ramírez, 22.

com que: o ensino nas escolas tivesse que ser laico ou secular; e a administração dos cemitérios passasse dos párocos à Câmara; etc. Com estas «reformas liberais pensadas para reduzir drasticamente o já debilitado poder da Igreja»,⁴⁹ as autoridades civis tentavam mostrar ao povo salvadorenho que não era possível “obedecer a dois senhores”: ao Papa e ao Estado.⁵⁰ Não obstante isto, o Estado permitiu a liberdade de culto como parte da liberdade de expressão⁵¹. Ainda neste período, o golpe de Estado era o mecanismo preferido de muitos para alcançar o poder político sobre os territórios salvadorenhos.

1.2 O SÉCULO XX: DO AUGE À REPRESSÃO

O século XIX tinha terminado e o panorama não era o melhor, parecendo mesmo que se estava a começar um novo dia voltando a se usar a roupa suja da véspera. É um facto que a economia de El Salvador se expandiu tremendamente devido à plantação, produção e exportação do café – que substituiu progressivamente o cultivo do, muito mais incerto a nível de resultados agrícolas, “añil”⁵² – e o país estava aparentemente bem estruturado e estável a nível político e económico,⁵³ beneficiando muitos setores da povoação. Contudo, continuava a ser evidente que a riqueza que se ia acumulando era o resultado de inumanas jornadas de trabalho laboral dos camponeses, e isto levou ao empobrecimento de uma parte muito significativa da povoação rural e até urbana. Esta realidade tornou-se gritante na terceira década do século XX.⁵⁴

O já mencionado cultivo e exportação do café foi modificando de certa forma a possessão das terras e a estrutura agrícola salvadorenha. No entanto, os costumes ancestrais permaneciam arraigados entre as populações mais pobres e rurais que formavam o grosso dos salvadorenhos. De facto, entre os camponeses que, incólumes aos avanços do tempo ou aproveitando as incertezas decorrentes da instabilidade administrativa do século XIX, haviam logrado ser donos de pequenos terrenos de cultivo, uns continuavam a produzir aquilo a que os salvadorenhos chamam “grãos básicos”: arroz, milho, feijão, etc.; e outros produziam frutas e artigos artesanais. Contudo, com o tempo, os terratenentes voltaram a conseguir tomar posse destas pequenas terras, devido às dívidas que os camponeses iam adquirindo face aos terratenentes e que, muitas vezes por causa de estratégias pensadas justamente para isso, não conseguiam pagar. Assim, de donos de pequenas terras produtoras, tais camponeses passaram a simples

⁴⁹ White, *The History of El Salvador*, 62.

⁵⁰ Cf. Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 24.

⁵¹ Cf. Ramírez, 38.

⁵² O “añil” é um corante natural que, quando processado, permite tingir e pintar objetos e torná-los azuis.

⁵³ Cf. Ramírez, 53.

⁵⁴ Cf. Ramírez, 52.

trabalhadores, procurando, tantas e tantas vezes de modo itinerante, trabalhos sazonais em fazendas que, além dos “grãos básicos”, produzissem tomate, pimento e legumes.⁵⁵

Os que trabalhavam as terras de cultivo eram os “jornaleros” ou “peones”,⁵⁶ que formavam parte dos estratos sociais mais inferiores de El Salvador.⁵⁷ Estes trabalhavam quase como escravos e, em troca de um salário muitíssimo baixo – e por vezes inexistente –, era-lhes exigido um alto rendimento de trabalho durante o dia. Um labor que, quando estavam a trabalhar nas fazendas de café, podia não ter qualquer retorno quando a demorada cultura do café – que dura cinco anos –, não era produtiva.⁵⁸ Já aqueles que os empregavam, não só iam enriquecendo e começando a formar uma elite sócio-económica, mas também começaram a estabelecer relações crescentemente ambíguas com a instituição militar. Esta, embora muito fragmentada em consequência da importação para si de conflitos entre membros de famílias poderosas rivais, era uma das melhores do país no princípio do século XX, sobretudo devido: ao estabelecimento do serviço militar obrigatório; à melhoria da Escola Militar; e à criação da importante Guarda Nacional.⁵⁹

1.2.1 A DITADURA EM EL SALVADOR

Foi a partir de 1900 que o Governo de El Salvador conseguiu marcar presença na política internacional, especialmente em consequência do papel que teve a exportação do café e à modernização que, em geral, foi sendo levada a cabo no país. No entanto, pela crise que a economia mundial passava – devido à I Grande Guerra, à “gripe espanhola” e, mais tarde, ao *crash* da bolsa de Nova York – o país sofreu um retrocesso devido às dificuldades de se autofinanciar e financiar a nível externo. A política externa do país estava ferreamente direcionada para toda e qualquer estratégia que levasse ao desenvolvimento económico, mas a implementação dessas estratégias dependia dos, por vezes muito flutuantes, ingressos que se obtinham pelas exportações do café e a sua posterior comercialização no mercado internacional.⁶⁰ Vejamos isto em maior detalhe.

⁵⁵ Cf. Luis Ramírez (dir.), *Estudios sociales y cívica 2: bachillerato* (San Salvador: Ministerio de Educación de El Salvador, 2009), 51.

⁵⁶ Com estas duas designações desejava-se referir os camponeses, individuais ou em família, que trabalhavam, a regime incerto, nas fazendas de café em troca de dinheiro.

⁵⁷ Cf. Ramírez, 54.

⁵⁸ Cf. White, *The History of El Salvador*, 62.

⁵⁹ Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 2*, 57.

⁶⁰ Cf. Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 78.

«Depois do assassinio de Manuel Enrique Araujo em fevereiro de 1913»,⁶¹ que havia estabelecido as primeiras e incipientes leis de proteção dos trabalhadores,⁶² irrompe em cena a “dinastia” Meléndez-Quiñonez (1913-1927) – em que os presidentes e mais importantes governadores salvadorenos provinham todos da família com aquele nome⁶³. Tal “dinastia”, que conferiu a El Salvador uma relativa estabilidade política, começa quando Carlos Meléndez, filho de uma família economicamente estável, chega, graças a uma eleição legítima e aparentemente isenta, a presidente do país em 1913 e depois é fortalecido por uma «eleição unânime e sem oposição em 1915».⁶⁴ Daí em diante governará El Salvador durante 14 anos, em alternância com Alfonso Quiñónez, seu cunhado. Esta alternância deveu-se a campanhas eleitorais mais ou menos inconsequentes e doenças, até ao momento em que Carlos Meléndez morre numa das campanhas eleitorais, sendo sucedido por um Pio Romero Bosque que, tendo desempenhado até esse momento o papel de vice-presidente,⁶⁵ «tentou, e até certo grau logrou, aplacar simultaneamente os ricos e os pobres, tendo-se isolado do governo da dinastia prévia e inclusive promoveu uma eleição livre e justa eleição presidencial na conclusão do seu mandato».⁶⁶

No fundo, esta “dinastia” não foi senão a manifestação de um fenómeno muito mais amplo: o da oligarquia salvadorenha. Uma pequena parte do território salvadorenho enriqueceu muitíssimo, estando na posse dos principais investidores e comerciantes – seja os tradicionais, seja os que brotaram da subida, a grande custo e sacrifício, da mais profunda indigência⁶⁷ –, especialmente aqueles que participaram na expansão da exportação de produtos como o café e o açúcar. Face a esse enriquecimento, os detentores do poder económico começaram a participar de modo cada vez mais interventivo num poder salvadorenho que estava, como vimos, grandemente dependente dos seus recursos. As alianças matrimoniais e relações de negócios acabaram por cimentar essa participação ativa dentro da política.⁶⁸

Contudo, o poder da oligarquia foi sendo minado progressivamente até ser conduzido a uma profunda crise, devido: ao esclerosar das formas de desempenho do seu poder; à falta de disponibilidade da terra; e à insuficiente produção de alimentos para uma população em crescimento. Tudo isto criou uma pressão desmesurada nas zonas mais povoadas do território salvadorenho, culminando numa imensa fragilidade económica, que deu origem a uma relação

⁶¹ Peñate, *El Salvador: historia general*, 95.

⁶² Cf. White, *The History of El Salvador*, 71.

⁶³ Cf. Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 106.

⁶⁴ Perez, *Historical Dictionary of El Salvador*, 57.

⁶⁵ Cf. Peñate *El Salvador: historia general*, 96.

⁶⁶ White, *The History of El Salvador*, 72.

⁶⁷ Cf. Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 40.

⁶⁸ Cf. Ramírez, 40-42.

entre o Estado e a povoação salvadorenha que se pautava grandemente pela violência. Esta crise económico-social foi-se incrementando com os problemas externos a que nos referimos no começo deste apartado, os quais levaram a que os principais compradores externos deixassem de comprar os produtos de El Salvador exportava. Toda a população sofreu com isto, mas, particularmente em consequência das difíceis condições em que os camponeses viviam e trabalhavam, os mais afetados foram estes camponeses, em especial os de origem indígena, que eram a maioria nas zonas do café.⁶⁹ Face a isto, «por volta das eleições de 1931, a esquerda política salvadorenha [...] nomeadamente o Partido Comunista com os seus cerca de 80.000 membros e apoiantes [...] e os grupos de indígenas estavam prontos para a revolta».⁷⁰

Fruto disto, um marco decisivo ocorre na história de El Salvador: o começo dos governos militares. Com efeito, em dezembro de 1931 começa um longo período de governo militarista⁷¹ na sequência de um golpe de Estado, dirigido por oficiais de um exército, que, levando ao poder o General Maximiliano Hernández Martínez, acabará por governar o território salvadorenho durante cerca de 50 anos⁷².

Entre 1931 e 1944 foi o Militar Maximiliano Hernández Martínez⁷³ quem governou o território salvadorenho. Logo em 1932, dá-se, «no Oeste de El Salvador»,⁷⁴ a chamada “Insurreição”⁷⁵ protagonizada pelos indígenas e camponeses, ladinos e membros do Partido Comunista Salvadorenho (fundado em 1928)⁷⁶. Durante a “Insurreição”, que dará origem ao que hoje ainda é denominado de “La Matanza”, assiste-se: ao assassinato de milhares de pessoas – estima-se que cerca de 20.000⁷⁷ –; à neutralização dos principais apoios ao exército; e à execução de diversos líderes, entre eles Agustín Farabundo Martí⁷⁸. Apesar de ter sobrevivido a este percalço, a ditadura de Martínez durou somente cerca de 13 anos⁷⁹, ainda que o seu regime – conhecido também como o “martinato”, fazendo referência ao seu apelido – teve um papel muito importante dentro da história de El Salvador. De facto, e num aspeto mais positivo, ele logrou controlar a crise e assentar as bases de um novo papel do Estado na economia nacional.⁸⁰

⁶⁹ Cf. Luis Ramírez (dir.), *Estudios sociales y cívica 1: bachillerato* (San Salvador: Ministerio de Educación de El Salvador, 2009), 54.

⁷⁰ White, *The History of El Salvador*, 73.

⁷¹ Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 2*, 52.

⁷² Cf. Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 105.

⁷³ Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 1*, 55.

⁷⁴ Perez, *Historical Dictionary of El Salvador*, 8.

⁷⁵ Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 224.

⁷⁶ Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 1*, 56.

⁷⁷ Cf. White, *The History of El Salvador*, 77.

⁷⁸ Cf. Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 200.

⁷⁹ Cf. Ramírez, 126.

⁸⁰ Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 1*, 57.

Mais negativamente, tal ditadura consolidou as ideias de que: a força era um modo assaz legítimo de controlar as revoltas políticas, nomeadamente as de esquerda e apoiadas por elementos estrangeiros; o pluralismo era algo de profundamente negativo para a sociedade salvadorenha; e o militarismo centralizado deveria ser apoiado.⁸¹

Durante o período do século XX que já vimos – e que durou, sensivelmente entre 1900 e 1944 – a forma tradicional como os governos alcançavam o poder mudou radicalmente: de governos eleitos, a governos impostos pela lei das armas. Se no começo todos os sete presidentes foram civis, depois os dois seguintes foram militares, mas na generalidade algo os unia a todos: provinham de famílias ricas do país que estavam vinculadas à exportação do café.⁸² Isto, apesar de tudo o que já vimos, deu origem a um tecido político-social que permitiu que El Salvador tivesse largos períodos de paz, que, por sua vez, permitiram o impulsionar da modernização do exército e a melhoria da organização interna do Estado, também graças a uma nova constituição «que dava ao estado um papel inaudito no controlo da economia, meios de transporte e meios de comunicação social».⁸³ Logrou-se ainda que, pela primeira vez e nomeadamente através do elaborar de novas leis contra a delinquência, os territórios de cultivo das principais fontes de riqueza nacional acabassem por ser vigiados pela polícia.⁸⁴

Ora bem, em 1944, quando o desfecho da Segunda Guerra Mundial já parecia evidente, uma junta militar solicita a renúncia do General Maximiliano Hernández «que havia admirado Hitler e Mussolini como modelos para a sua ação»,⁸⁵ dando origem à “Huelga de los Brazos Caídos”, contribuindo fortemente para o derrube da ditadura.⁸⁶ Sucedeu-lhe, não obstante tenha «dirigido dois golpes de estado não-sucedidos»,⁸⁷ o Coronel Osmín Aguirre y Salinas durante um período que se queria de transição até à realização de eleições, nas quais o General Salvador Castañeda de Castro, à frente do Partido de Unificação Social Democrata, acaba por ser eleito em 1945, mas quando tentou ser reeleito em 1948 surge uma nova crise política e um novo golpe de Estado. Este golpe de Estado trouxe alguns frutos de relevo, tais como a formação do conselho de Governo Revolucionário que preparou novas eleições, sendo eleito nestas o Coronel Óscar Osório⁸⁸.

Em 1950, Osório, devido aos bons ingressos que as exportações estavam a dar e à promulgação de uma nova Constituição Política em El Salvador, teve a oportunidade de

⁸¹ Cf. White, *The History of El Salvador*, 77-78.

⁸² Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 1*, 51.

⁸³ White, *The History of El Salvador*, 78.

⁸⁴ Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 1*, 53.

⁸⁵ Perez, *Historical Dictionary of El Salvador*, 77.

⁸⁶ Cf. Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 200.

⁸⁷ Perez, *Historical Dictionary of El Salvador*, 99.

⁸⁸ Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 1*, 59.

implementar um projeto modernizador cujas características eram a modernização, o reformismo e a contenção. Por outro lado, fomentou as indústrias para o cultivo do algodão e programas de habitação e educação.⁸⁹ Ou seja: estava-se ante uma Constituição que:

«dava ao governo o direito de intervir em toda a economia. Isto foi visto como bom ou mau, dependendo das perspectivas, Por exemplo, o estado usou os fundos provindos dos impostos para promover o crescimento das infraestruturas pensadas para facilitarem o comércio, tais como a construção de estradas, redes elétricas, portos e caminhos de ferro, ao mesmo tempo que financiava a compra subsidiada de casas».⁹⁰

1.2.2 A “ÉPOCA DE OURO” E AS ÚLTIMAS DÉCADAS DITATORIAIS

Apesar de irmos continuar a tratar de um período marcado pelo poder militar, é oportuno distinguir, por um lado, esta época que passaremos a tratar – denominada tradicionalmente, em El Salvador, como a “época de ouro” – e, pelo outro lado, a precedente – que foi por nós exposta em traços breves no apartado anterior deste nosso trabalho.

Entre 1945 – e aqui podemos fazer referência ao fim da Segunda Guerra Mundial⁹¹ – e 1955 estamos na suprarreferida “época de ouro” salvadorenha, assim denominada sobretudo porque durante ela assistiu-se ao grande aumento dos ingressos do Estado, provindo dos impostos aos produtores e exportadores de café e algodão, os quais, por seu lado, viram a sua riqueza incrementar substancialmente. Isto permitiu que o Estado passasse a entender-se como um Benfeitor da sociedade e, em consequência, colocou em ação uma política social na área da segurança, lares, educação, alimentação, etc. Mas não só: implementou também o desenvolvimento de uma ampla rede de infraestruturas necessárias para El Salvador. Tudo isto fez com que se passasse a poder considerar El Salvador como um país moderno.⁹²

Para a consolidação desta mencionada perceção, importa ainda referir que, particularmente devido ao fim da Segunda Guerra Mundial, assumiu-se que as ditaduras militares – nomeadamente a salvadorenha – já não tinham mais cabimento em países ditos “ocidentais”. As mudanças, com efeito, começavam a germinar e embora ainda viessem a tardar, algo foi brotando ainda que num clima social muito complexo. Deveras, o Governo do Coronel Molina, ainda tentou, em 1948, implementar uma política de reformas sociais na Tradição da Juventude Militar, mas isto apenas deu origem a uma forte contestação, e posterior repressão, político-social.⁹³ De facto, as novas gerações em El Salvador ficaram impressionadas

⁸⁹ Cf. Ramírez, 59.

⁹⁰ White, *The History of El Salvador*, 81.

⁹¹ Cf. Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 200.

⁹² Cf. Ramírez, 170.

⁹³ Cf. Ramírez, 220.

com as ideias da democracia e da modernização e os próprios os militares, em especial os que tiveram a oportunidade de serem formados fora do regime de Maximiliano Martínez, assimilaram rapidamente este novo contexto.

Em 1956, o Tenente Coronel José María Lemus, «depois de ter vencido umas fraudulentas eleições com 95% dos votos»,⁹⁴ assume o cargo de Presidente de El Salvador, tendo sido o último militar a fazê-lo antes de, em 1961, ter surgido a Junta de Governo de El Salvador. O período em que José María Lemus esteve na presidência não foi uma época fácil a nível governativo e social, já que El Salvador se deparou, seja com a diminuição na venda do produto do cultivo, seja com uma – até aí inexistente – separação de águas no seio do exército. Foi mesmo a tendência mais liberal deste mesmo exército que, apesar de Lemus ter «tentado equilibrar as reformas socioeconómicas com o satisfazer as elites mais ricas e socialmente prestigiadas»,⁹⁵ acabou por o depor, mediante um golpe de Estado, no ano de 1960.⁹⁶

A partir desta altura os salvadorenos viram-se envolvidos em Governos implementados através de golpes de Estado e de eleições fraudulentas. Fruto disto e da crescente autoconsciência popular, surgem, na década de 60, muitos protestos, grupos revolucionários e grupos de oposição ao regime militar – todos eles conduzidos por setores laborais e estudantis. Esta oposição, já a partir da década seguinte, acaba por ser centralizada e liderada pelo movimento União Nacional Opositora, fundado para fazer frente à proliferação de muitos partidos, das mais diversas proveniências políticas, que buscavam ascender à liderança do país – e conseqüentemente poder e riqueza.⁹⁷ Em geral, esses partidos reclamavam: possibilidade de acesso ao poder; melhores condições de trabalho; distribuição justa das terras de cultivo para se fazer frente a uma população cresceria que passava a gerar grande pressão sobre a terra e os alimentos.⁹⁸

O que referimos pode parecer elementar, mas a verdade é que, quer o poder, quer a posse das terras, estava na sua extrema maioria apenas nas mãos de quem já tinha poder e era rico, e, assim, isso acabava apenas por beneficiar a vida dessas pessoas. Isto é: os mais ricos que tinham melhores possibilidades de viver e de se desenvolverem como trabalhadores, agricultores e investidores. O restante da população passava literalmente ao lado da riqueza arduamente produzida em El Salvador, tendo sido isto mesmo o que despoletou o início da migração interna e para fora do país. Deveras, as pessoas que viviam no campo saíram, por vezes em massa, das suas terras e iam para as cidades salvadorenhas e de outros países em busca de melhores

⁹⁴ Perez, *Historical Dictionary of El Salvador*, 58.

⁹⁵ White, *The History of El Salvador*, 81.

⁹⁶ Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 1*, 59.

⁹⁷ Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 1*.

⁹⁸ Cf. Ramírez, 62.

trabalhos para o sustento das suas famílias. Entre tais países, os Estados Unidos da América passaram a ser um destino de sonho; um destino para onde se sonhava ir em busca da realização do “sonho americano”: liberdade, trabalho, prosperidade.⁹⁹

1.3 A DÉCADA DE 70

Como veremos no nosso subsequente capítulo, a década de 70 foi decisiva para a vida, quer da Igreja salvadorenha, quer, inerentemente, do Autor sobre o qual nos debruçaremos – Dom Óscar Romero. Devido a isto, passaremos, já de seguida, a dar uma maior atenção à mesma, tentando, embora sem seccionar inadequadamente os temas que abordaremos, traçar em primeiro lugar, uma panorâmica geral desse decénio e, depois, da situação eclesial no mesmo.

1.3.1 O PANORAMA GERAL DA DÉCADA DE 70

Como já vimos ao longo deste capítulo, El Salvador sempre se caracterizou por ser um país dependente do cultivo. Desde a época da colonização, e antes até, a economia de El Salvador girava em torno do cultivo de diferentes produtos, tais como: o azeite; o café; o algodão; o açúcar; a fruta; etc. No entanto, eram muitos poucos aqueles que beneficiavam da produção desses bens, sendo que, nos princípios da década de 1970, El Salvador chegou mesmo a ser conhecido como o “país das 14 famílias”¹⁰⁰ (que exploravam milhares de pessoas e seu bem-estar). Foi justamente a partir desse momento que a situação passou a estar completamente descontrolada e, se o pudermos dizer – na linha do que já apontámos no apartado precedente –, o povo começou a “acordar”.

Dá-se por essa altura o surgir das guerrilhas, que – como já vimos – surgiam não só a partir do contexto militar, mas também a partir de movimentos orquestrados pelos trabalhadores agrícolas, sindicatos e estudantes.¹⁰¹ A tensão, as disputas, os confrontos, as mortes e os desaparecimentos multiplicavam-se e tudo se ia compondo no sentido do eclodir de uma, mais do que previsível, Guerra Civil. Fruto disto tudo, a década de 70 do século XX caracterizou-se por uma rápida deterioração da já precária democracia vinda dos anos 60, fracassando assim todos os esforços de implementação de reformas sociais. Deveras, todas as tentativas de repressão das mais extremadas posições antigovernamentais apenas aceleraram a destruição das condições de emprego, no que agudizou tremendamente um confronto social que acabou por

⁹⁹ Cf. Ramírez, 62.

¹⁰⁰ Cf. Miguel Cavada Diez (comp.), *Romero: ¡Cese la represión!, 1977-1980* (San Salvador: Asociación Equipo Maíz, 2006), 10.

¹⁰¹ Cf. Cavada Diez, *Romero*, 10.

afetar todas as instituições sociais – inclusive as que, de um modo ou de outro, estavam vinculadas à educação e à Igreja Católica.¹⁰²

A segunda metade da década de 70 viu El Salvador ser mergulhado num incremento exponencial da violência¹⁰³ e o Coronel Arturo Armando Molina – que, «vencendo José Napoleón Duarte em mais uma eleições fraudulentas»,¹⁰⁴ esteve à frente do Governo entre 1972 e 1977 – viu goradas, pela resistência das famílias mais poderosas, todas as suas tentativas de implementação de processos, quer de transformação «das infraestruturas neste infeliz e desnecessariamente pobre país»¹⁰⁵, quer de uma absolutamente necessária reforma agrária.¹⁰⁶ Isto, associado ao crescer de um «nacionalismo anticomunista que acabará por escapar ao controlo estatal, policial e militar»,¹⁰⁷ apenas levou a que o diálogo deixasse ainda mais de ser ponderado como meio de busca de soluções para os diversos problemas políticos que surgiam no país também em consequência dos efeitos do confronto – ora menos quente, ora mais frio, mas frequentemente denominado de “Guerra Fria” – entre uns Estados Unidos da América e uma União Soviética que, de modos diferentes, procuravam impor as suas perspetivas políticas em El Salvador.¹⁰⁸

Em 1979, houve uma última tentativa por parte do exército de, apoiado por um grupo de militares considerados vanguardistas,¹⁰⁹ obter o poder, tendo sido este o último intento de se conseguir uma saída democrática para os problemas salvadorenhos: seja os do povo; seja os da nação. No entanto, também isso redundou num enorme fracasso, pois um grupo maioritário de militares mais conservadores opôs-se a esse intento, conduzindo à falência desse empreendimento. Nesse mesmo ano de 1979, as organizações guerrilheiras formaram a, assim denominada, Coordenadora Política Militar que deu origem à Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional. Com a posterior, e relativamente poderosa e bem organizada, aliança entre estas duas forças político-militares e o assassinato de Dom Óscar Romero – que, como veremos no nosso próximo Capítulo da nossa Dissertação, se converteu, com o tempo, no principal defensor dos direitos dos camponeses –, a crise do país aumentou e desaguou na já apontada Guerra Civil.¹¹⁰

¹⁰² Cf. Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 220.

¹⁰³ Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 1*, 63.

¹⁰⁴ Perez, *Historical Dictionary of El Salvador*, 95.

¹⁰⁵ Perez, 95.

¹⁰⁶ Cf. Cavada Diez, *Romero*, 10.

¹⁰⁷ White, *The History of El Salvador*, 91.

¹⁰⁸ Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 1*, 64.

¹⁰⁹ Cf. Ramírez, 65.

¹¹⁰ Cf. Ramírez, 65.

1.3.2 O PAPEL DA IGREJA CATÓLICA NA DÉCADA DE 70

O papel que a Igreja Católica salvadorenha teve no meio de todo este conflito foi de muita importância. A Igreja não era somente uma instituição conservadora e comprometida com a ordem social, mas também se movimentava muito ativamente dentro do campo social, ajudada pelo ímpeto dado pelo II Concílio do Vaticano. No meio desta tempestade que El Salvador vivia, os “sinais dos últimos tempos” eram muito visíveis para uma Igreja Católica que ia olhando cada vez mais para o sofrimento dos pobres. Testemunho disto mesmo, é que «Luís Chávez e González, arcebispo [de San Salvador] desde o tempo de Maximiliano Martínez, rendeu-se pouco a pouco a um novo modelo de Igreja no qual o centro da atenção não estava nos sacerdotes, mas sim nos fiéis».¹¹¹

Apesar disso, e dentro do contexto esboçado na alínea anterior deste nosso Capítulo, os diversos conflitos e os ataques que começaram a surgir, nos finais da década de 70, dirigidos explicitamente contra os cristãos, chegaram a aumentar tanto que aconteceram os primeiros assassinatos de sacerdotes. E aconteceram, mais especificamente no ano de 1977, ocasião em que Luís Chávez y González deixa o arcebispado e este passa a ser ocupado por Óscar Romero. Estes acontecimentos fizeram de El Salvador um foco das notícias, por vezes principais, de todos os jornais e telejornais do Mundo inteiro em geral. Se Chávez y González deixou atrás de si uma Igreja submergida no conflito social que envolvia o país, Romero, seu sucessor, deu uma dimensão muito mais profética a esse compromisso que o levou, por caminhos de amor e sofrimento, até ser assassinado em 1980.¹¹²

Desde as reformas agrárias intentadas entre 1970 e 1976, muitos sacerdotes foram perseguidos, até se ter chegado a uma cadeia de assassinatos de padres católicos, tais como Rutilio Grande e Alfonso Navarro. Se «a morte do padre Grande significou, de modo especial, a absoluta falta de limites entre as forças armadas de El Salvador e enviou ondas de choque através da Igreja»,¹¹³ com Monsenhor Óscar Romero sistematizaram-se os protestos contra esses assassinatos, tendo este exigido, sem sucesso, ao Governo salvadorenho o esclarecimento cabal desses crimes. Monsenhor Romero ganhou a simpatia e o carinho do povo pela orientação que dava à sua pastoral pró-paz, razão pela qual foi nomeado diversas vezes para o Prémio Nobel da Paz.¹¹⁴

No mesmo ano de 1979 em que Dom Romero, já então injustamente associado à Teologia da Libertação – com a qual só comungava aspetos essencialmente evangélicos –, assume o

¹¹¹ Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 213.

¹¹² Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 213.

¹¹³ White, *The History of El Salvador*, 96-97.

¹¹⁴ Peñate, *El Salvador: historia general*, 134-135.

arcebispado de San Salvador, surgem as eleições para um novo presidente. As mesmas foram objeto de protestos por parte do povo, porque, segundo este mesmo povo, trataram-se de eleições fraudulentas. De facto, a União Nacional Opositora – grupo formado pela junção de vários movimentos opositores ao regime militar – havia obtido o maior número de votos, mas, quase literalmente de um dia para o outro, anuncia-se publicamente que o novo presidente era o General Humberto Romero,¹¹⁵ representante do conservador – e dominante durante as décadas de 60 e 70 – Partido de Conciliação Nacional.¹¹⁶

Algumas pessoas – nomeadamente as das pessoas mais abastadas e poderosas – pretendiam que Romero fosse um bispo que acabasse a pugnar pela resignação do povo salvadorenho, mas, como veremos no nosso próximo Capítulo em maior detalhe, tal não sucedeu,¹¹⁷ tendo ele protestado veementemente, por exemplo, contra uma lei que a Assembleia Legislativa promulgou e que proibia todo o tipo de organização e mandava que fosse preso todo aquele que não se considerasse de confiança.¹¹⁸

«Naquela altura – diz Cavada Diez, na sua obra que seguirá de principal guia da nossa exposição até ao fim desta Capítulo –, a repressão do governo continuava implacável e o seu único objetivo era destruir todos os sindicatos».¹¹⁹ A implacabilidade do governo não tinha fim, não havia clamor ou pranto que o detivesse: as mortes continuavam e a repressão contra o povo seguia – tudo com o objetivo de demonstrar que o poder da violência podia mais que o desespero e a tentativa de diálogo para dar uma solução a todos estes problemas. Assim, e já ao longo do ano de 1978, os problemas continuaram a intensificar-se, nomeadamente os sequestros.

Contudo, o governo salvadorenho queria passar a ideia de que dentro do território salvadorenho não existia de forma nenhuma perseguição contra a Igreja: «o Presidente Carlos Humberto Romero, que se encontrava no México, declarou que em El Salvador não havia nenhum motivo para perseguir a Igreja [...], no entanto, Romero chamou-o publicamente de “mentiroso”»¹²⁰. Também fruto desta frontalidade de Dom Romero, o governo começou a sentir fortes pressões, dado que mais ninguém acreditava na palavra do presidente. Assim, a Assembleia Legislativa não teve outro remédio se não implementar um conjunto de medidas liberalizadoras a nível da aceitação da liberdade de expressão e organização.¹²¹

¹¹⁵ Cf. Perez, *Historical Dictionary of El Salvador*, 134.

¹¹⁶ Cf. Cavada Diez, *Romero*, 11.

¹¹⁷ Cf. Cavada Diez, 12.

¹¹⁸ Cf. Cavada Diez, 29.

¹¹⁹ Cavada Diez, 48.

¹²⁰ Cavada Diez, 58.

¹²¹ Cf. Cavada Diez, 59.

Sejamos francos: ainda antes da década de 80, já reinava o caos em El Salvador: “paz” e “sossego” eram duas palavras que tinham perdido o seu significado «. E isto, a ponto de, por um lado, a própria Catedral Metropolitana se ter tornado num dos principais locais de refúgio para tantos e tantos perseguidos; e, por outro lado, a praça que está em frente àquele edifício – a praça Gerardo Barrios – se ter transformado no cenário principal de múltiplas manifestações, marchas e tiroteios, deixando dezenas de mortes em cada um dos confrontos que surgiam devido às injustiças que se cometiam. Eis dois lugares emblemáticos, não apenas por estarem no centro histórico da grande urbe de San Salvador, mas por estarem umbilicalmente associados à Igreja Católica, facto que apenas reforço o perdurar, até hoje, das memórias do que aí se viveu.

A Catedral onde Romero pregava aos domingos, fazendo denúncias e apelos viscerais que eram avidamente escutados – e, assim, mostrando que tinha alguma forma de poder sobre o povo –, converteu-se «no centro e coração do país, no símbolo de um povo que luta pela justiça».¹²² Assim o mencionou o arcebispo Óscar Romero, numa homilia aquando do funeral de um dos muitos sacerdotes assassinados nesse período tão doloroso da história da Igreja salvadorenha, sendo que, na mesmíssima ocasião, ainda disse: «esta Catedral sente-se solidificada pelo testemunho do sangue que nesta catedral se tem transformado quase que numa voz ordinária. Aqui se tem derramado sangue do povo, sangue de sacerdotes».

O governo em crise ainda fez algumas tentativas para acalmar as manifestações, convocando uma série de entidades nacionais – inclusive a Igreja – para tentar iniciar um diálogo. Dom Romero questionou esta tentativa de diálogo, dizendo que o povo já não acreditava em simples palavras que não mostravam ser mais do que puras mentiras e falsas promessas. Todavia e antes de dizer ou prometer qualquer coisa, ele fez questão de explicar que seriam os factos concretos que iriam acalmar todo e qualquer tipo de contendias, principalmente: o cessar da repressão; a libertação dos presos políticos; e o esclarecimento do destino de todos os desaparecidos.¹²³

A situação era tão grave que inclusive a imprensa privada e a própria Câmara de Comércio fizeram um sério ultimato ao governo – exigindo que este cumprisse aquilo que estava escrito na Constituição da República do país – tentando potenciar, desse modo, um clima de liberdade e sossego ao território salvadorenho. Romero, e com ele parte do clero salvadorenho, reconheceu o relevo deste ultimato, sufragando o que nele era pedido. No entanto, o nosso Pastor e Profeta não deixou de fazer a sua denúncia dos próprios empresários que faziam o pedido de mudanças, pois – segundo ele e não sem razão – aqueles apenas o formulavam por

¹²² Cavada Diez, 67.

¹²³ Cf. Cavada Diez, 65.

se sentirem ameaçados quer quanto à manutenção das suas regalias, quer na busca dos seus próprios interesses. Eis a razão de os ter chamado de hipócritas.¹²⁴

Quando, a 15 de outubro de 1979, ocorreu o golpe de Estado que depôs, «sem grandes resistências»,¹²⁵ a Humberto Romero, todo o país viu-se envolto em grandes expectativas. Muitos, inclusive Dom Romero, viram nesse evento uma grande oportunidade para se colocar fim à política repressiva do anterior governo e, ao mesmo tempo, para serem feitas mudanças económicas que pudessem beneficiar ao povo. Outros, no entanto, consideraram que esse golpe de Estado não fora senão uma manobra dos Estados Unidos de América para – na sua (mais ou menos real) ambição de poder global e de bloqueio aos comunistas na América Central – travar o avanço das organizações populares e dos grupos armados da guerrilha, impedindo-os de tomarem o poder como tinha acontecido na Nicarágua.¹²⁶

Com o Coronel Jaime Abdul Gutierrez no poder, e por tido colocado «o esforço mais na eliminação das injustiças, que haviam motivado o surgir e o apoiar da insurgência armada, do que no combate direto a esta»,¹²⁷ o cenário parecia ser auspicioso. Contudo, o apoio que Jimmy Carter deu às formas armadas salvadorenhas, e indiretamente aos movimentos mais extremistas no interior das mesmas – ávidos de sangue dos insurgentes armados –, acabou por boicotar totalmente essa perspectiva¹²⁸.

A década de 70 estava a terminar, e já não se via o que podia ser feito para se fazer findar a repressão, também porque os Estados Unidos da América continuaram a ajudar os militares de El Salvador com dinheiro e armas. É verdade que ao longe já se contemplava uma reforma agrária pensada para auxiliar os camponeses, mas a Oligarquia estava completamente contra isto, a ponto de semear o terror em todas as partes do país. E semeá-lo, em especial através dos “esquadrões da morte” a soldo daquela mesma Oligarquia, os quais começaram a perpetrar tiroteios e ameaças cada vez mais cruéis, algo que, por seu lado, apenas agravou a situação governamental da qual quase ninguém conseguia entrever uma possibilidade de saída.¹²⁹ A quase única exceção, ante este panorama geral, era Óscar Romero, mas o caminho para a saída por si pensada, para aquele cenário de violência e desespero crescente, era difícil, pois passava por uma conversão sincera ao Evangelho, e isso, apesar de tudo, era algo que requeria mais humildade e amor do que a generalidade das pessoas – dos mais pobres aos mais ricos – estava disposta a viver.

¹²⁴ Cf. Cavada Diez, 79.

¹²⁵ White, *The History of El Salvador*, 98.

¹²⁶ Cavada Diez, *Romero*, 82.

¹²⁷ White, *The History of El Salvador*, 98.

¹²⁸ Cf. White, 98.

¹²⁹ Cf. Cavada Diez, *Romero*, 90-91.

1.4 A DÉCADA DE 80

No início da penúltima década do século XX, Romero ainda tentou que se encetasse um diálogo social alargado como meio de procura de uma saída para todos os problemas que, avolumando-se, oprimiam crescentemente o povo salvadorenho, sobretudo os mais pobres. Não obstante, quem tinha o principal poder nesta matéria eram os militares, os quais estavam contra este diálogo e não cediam em nada que pudesse implicar uma perda real ou ilusória do poder que possuíam. Todo o povo, incluindo Romero, estava consciente de que a Oligarquia terratenente era a única responsável pela condução do país ao abismo em que se encontrava. A Junta Revolucionária do Governo¹³⁰ ainda se reuniu uma segunda vez, desta feita com os terratenentes, para debater o que já tinha sido analisado ao longo de todos os precedentes anos de repressão. Todavia, o povo não queria palavras, nem promessas que apenas apontavam para o que hipoteticamente se poderia vir a fazer. O povo queria factos concretos que concretizassem um caminho para a liberdade¹³¹.

A 22 de janeiro de 1980 realizou-se uma marcha pelas principais ruas de San Salvador, formada por centenas de pessoas a reivindicarem o fim da repressão. Desde que Romero chegara a arcebispo de San Salvador, muitas vezes se dissera que quem exigia os direitos do povo era Romero, mas este grande acontecimento manifestou claramente que também havia nascido no povo uma sincera vontade de pedir, exigir e lutar pelo fim da repressão. No entanto, esta manifestações do povo foi duramente reprimida: aviões passaram a derramar veneno para que a população se dispersasse e, a partir do teto do Palácio Nacional, atiradores mais ou menos furtivos dispararam contra a multidão, tendo isto ocasionado muitos mortos e ainda mais feridos.¹³²

Tudo apontava para a evidência de que a Guerra Civil estava “ao virar da esquina” e a Oligarquia nem se deu ao trabalho de esconder o seu envolvimento em tudo isso, pois colocou um comunicado nos jornais onde declarava estar a preparar-se para o que se avizinhava. Romero fez mais uma vez um apelo às pessoas que constituíam a Oligarquia, no entanto, esta não gostou das suas palavras e, em resposta, decidiu destruir de forma irrevogável o local de transmissão dos programas da rádio YSAX – que pertencia ao arcebispado de San Salvador. Os “esquadrões da morte” colocaram dinamites à volta do edifício e todo ele foi literalmente pelos ares.¹³³

¹³⁰ Cf. White, *The History of El Salvador*, 99.

¹³¹ Cf. Cavada Diez, *Romero*, 102.

¹³² Cf. Cavada Diez, 107.

¹³³ Cf. Cavada Diez, 113.

Antes da morte de Romero ainda se fez um convite a todos os partidos e forças democráticas do país para se juntarem à organização popular, para, dessa forma, se poder unir forças e criar um governo democrático revolucionário que tiraria o país da profunda crise em que se encontrava.¹³⁴ No entanto, o pouco que se logrou fazer foi convocar, e realizar, uma greve geral que o Governo tudo tentou fazer para terminar. Contudo, o facto de o Governo ter chamado, às bases militares, os corpos de segurança e do exército, foi interpretado pela Oligarquia como um sinal de que a rebelião precisava de começar. Assim sendo, a Oligarquia colocou em andamento uma decisão que já tinha sido tomada há algum tempo: a morte de Monsenhor Romero. Esta foi levada a cabo por um seu fiel servidor – Roberto D'Aubuisson – que contratou um franco-atirador que disparou diretamente ao coração do Monsenhor Romero enquanto este celebrava a missa na capela do hospital da Divina Providencia.¹³⁵ Com a morte de Romero, muitos que vieram do estrangeiro para se despedirem dele puderam ver tudo o que ele havia denunciado durante anos: «a demência assassina de uma oligarquia que, apoiada na Força Armada e os corpos de segurança, não permitiu sequer que o povo pudesse despedir-se em paz do seu pastor, amigo e profeta».¹³⁶

1.4.1 A GUERRA CIVIL

A Guerra Civil iniciada na década de 80, pouco depois da morte de Monsenhor Óscar Romero, cresceu em intensidade e extensão: «o conflito armado foi cruel, deram-se situações muito difíceis como a violação dos direitos dos povos e o desaparecimento de milhares de pessoas, as migrações forçadas, a destruição da infraestrutura nacional, o desemprego, o não incremento económico, etc.».¹³⁷ Como fomos vendo ao longo das últimas páginas, as condições para este conflito armado¹³⁸ tiveram a sua origem na insurreição dos camponeses, que, como já vimos, foi inicialmente liderada pelo Partido Comunista criado nessa altura. Posteriormente, foram sendo consolidadas durante os períodos em que as ditaduras militares governaram El Salvador. Por fim, foram ainda mais fortalecidas pela vontade do povo fazer justiça pela morte de um Óscar Romero que havia morrido por defender os pobres. Aqueles mesmos «pobres e refugiados que estavam a ser ajudados por três freiras católicas que, num evento pouco propagado, foram atrozmente violadas e assassinadas em novembro de 1980 por membros das forças armadas salvadorenhas».¹³⁹

¹³⁴ Cf. Cavada Diez, 116.

¹³⁵ Cavada Diez, 128.

¹³⁶ Cavada Diez, 129.

¹³⁷ Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 232.

¹³⁸ Cf. Ramírez, *Estudios sociales y cívica 1*, 73.

¹³⁹ White, *The History of El Salvador*, 96-97.

Quando tal conflito começou, nunca foi declarado formalmente, ao contrário ao que acontece quando se dão confrontos entre países. O conflito civil aumentou, isso sim, progressivamente, até atingir um ponto de “não retorno”: de confrontos pequenos e isolados passou-se a confrontos grandes envolvendo operações militares que afetaram a vida de centenas de pessoas de todo o país salvadorenho. Muitas personalidades tentaram travar estes conflitos, mas não conseguiam deter uma violência em espiral que durou 12 anos, deixando milhares de mortes e perdas económicas bilionárias que foram incrementadas pelos investimentos necessários para a realização dos programas de reconciliação e reconstrução nacional.¹⁴⁰

Os acordos de paz que colocaram um “ponto final” a tal conflito bélico, foram assinados no ano de 1992 na Cidade do México, mais concretamente no Castelo de Chapultepec, pelo Governo salvadorenho e a Frente Farabundo Martí para a Libertação.¹⁴¹ Com estes acordos colocou-se um fim à guerra, mas não à injustiça social que tantas vezes Óscar Romero denunciou: a prepotência e o cinismo de um pequeno grupo de ricos que acumulam riquezas e poder à custa da fome e da angústia da maioria da população¹⁴². Será muito importante para as atuais e futuras gerações recordarem a paz e a democracia que, a partir daí, começaram a ser vividas em El Salvador, pois as mesmas custaram muito esforço e sacrifício,¹⁴³ sendo que, na nossa opinião, o fortalecer e proteger de ambas será o grande compromisso dos salvadorenhos de hoje¹⁴⁴ e de amanhã.

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

A partir de 1992, com a assinatura dos acordos de paz que puseram fim à Guerra Civil salvadorenha, o país entrou num novo ambiente político de prepotência e desordem disfarçadas de democracia. Desde então, El Salvador foi governado, durante vinte anos, por partidos da direita e, durante dez anos, por partidos de esquerda, mas a verdade é que nada mudou nestes trinta anos de governo “democrático”. A pobreza, a fome e a dor pela perda de familiares fruto da delinquência social entre *gangs* rivais incrementaram imensamente, e só nas últimas três décadas os homicídios têm sido, em média, de 750 por mês.

A corrupção reinou durante séculos em El Salvador – seja entre os políticos que ganhavam eleições fraudulentas (para acederem ao poder e à riqueza), seja entre os trabalhadores públicos em geral (como forma, por vezes, de se arranjar empregos e meios de

¹⁴⁰ Cf. Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 232.

¹⁴¹ Cf. Ramírez, 244.

¹⁴² Cavada Diez, *Romero*, 130.

¹⁴³ Ramírez, *Historia 2 El Salvador*, 244.

¹⁴⁴ Cf. White, *The History of El Salvador*, 1-18.

subsistência para familiares e conhecidos) – enquanto a generalidade das famílias salvadorenhas trabalhavam duro, todo o dia e todos os dias, para procurarem garantir o sustento familiar. Parece que governo atual está a tentar mudar o rosto de um El Salvador pobre e desordenado, porém, a verdade é que continuam a ser os políticos ligados aos grandes magnatas que o governam, muitas vezes em ciclos incessantes de “favores” e “cobranças” que, de uma outra forma, continuam a perpetuar as desigualdades sociais que, como vimos ao longo deste Capítulo, são quase uma segunda cruz, à somar àquela das consequências do amor que Jesus apela aos Seus seguidores para carregarem, incontornável para milhares e milhares de pessoas.

Em tudo isto, a intervenção, nem sempre linear, da Igreja Católica tem sido relevante. Umhas vezes mais chegada aos mais poderosos, outras vezes mais próxima dos mais desfavorecidos, ela, na realidade e apesar de múltiplas provações e constrangimentos, sempre procurou estar perto de todos, seja para animar os desolados, seja para ferir a consciência dos que desolavam.

Sabemos que haveria muitos outros temas que deveríamos ter abordado a respeito da história de El Salvador. Porém, e como já foi mencionado na Introdução desta Dissertação, ele está só contem aqueles elementos que nos pareceram os mais importantes para a correta cognição do mais saliente que virá escrito no nosso segundo Capítulo.

CAPÍTULO 2: A VIDA DE ÓSCAR ARNULFO ROMERO

No nosso segundo Capítulo trataremos de abordar a vida de Monsenhor Romero, um salvadorenho que, havendo crescido numa família cristã que lhe comunicou um certo conjunto de valores, foi chamado, depois de uma vida em parte pautada pelo sucesso, para desempenhar, nos três últimos anos da sua existência, a missão de Arcebispo de San Salvador. A sua morte, num assassinato que o levou a ser reconhecido como mártir da Igreja Católica, deveu-se ao seu enorme desejo de, face à crescente tomada de consciência sua das galopantes injustiças sociais vigentes em El Salvador, defender os mais pobres e desamparados. E defendê-los, sem se deixar paralisar com o medo face às calúnias, ofensas e ameaças.

Dom Óscar entregou a sua vida no altar: seja naquele formado pelas dores e lágrimas dos seus contemporâneos; seja no eucarístico, pois foi no decurso da celebração da santa Eucaristia que as balas que o vieram a matar o atingiram. Veremos que Dom Romero, lutou contra tudo e contra todos para defender os mais pobres e os mais oprimidos pela repressão militar e, no tempo oportuno da graça, recebeu como “recompensa” a coroa do martírio crístico, que em muito o ajudou a se converter no primeiro santo de El Salvador. E isto, depois de ter sido reconhecida a sua intercessão na vida de uma mulher – que, como veremos, pudemos entrevistar.

2.1 COMEÇOS DA VIDA E VOCAÇÃO AO SACERDÓCIO

Óscar Arnulfo Romero nasceu no dia 15 de agosto de 1917, em Ciudad Barrios,¹⁴⁵ cidade que pertence ao departamento de San Miguel, no oriente do país. É filho de Santos Romero, um telegrafista local, e de Guadalupe de Jesús Galdámez. Pela história, sabemos que Romero foi batizado na sua paróquia de origem; sabemos também, que desde pequeno foi uma criança muito frágil no que diz respeito à sua saúde, porventura também por sua família ser pobre e ele mesmo ter passado fome.¹⁴⁶ Por outro lado, no ensino destacava-se muito, «os Romero, tiveram de pagar um professor particular para instruir os filhos, devido a que a escola local só tinha três classes».¹⁴⁷ Desde muito pequeno demonstrava diversas aptidões, que até surgiu a proposta ao

¹⁴⁵ Cf. Roberto Morozzo della Rocca, *Óscar Romero: A biografia* (Braga: A.O., 2015), 10.

¹⁴⁶ Cf. Kevin Clarke, *Óscar Romero: O amor deve triunfar* (Prior Velho: Paulinas, 2014), 107.

¹⁴⁷ Robert Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX: Uma História do Tamanho do Mundo* (Cascais: Principia, 2001), 343.

pai de o mandar para o seminário, pois Romero concebia a possibilidade de algum dia poder chegar a ser sacerdote.

Com onze anos, Óscar fez a sua primeira viagem à capital de San Salvador,¹⁴⁸ acompanhado pelos seus pais. Basta-nos olhar para as suas fotografias: elas transmitem-nos a personalidade de duas grandes pessoas, cheias de humildade, ou seja, de pessoas amigas e dispostas a ajudar os outros, naquilo que irá marcar a vida de Arnulfo, que iremos expor ao longo desta parte da nossa dissertação. Aos treze anos, em 1930, tem lugar a sua entrada no Seminário Menor na cidade de San Miguel, onde a formação era dirigida pelos Padres Claretianos; os seus estudos académicos, corriam-lhe particularmente bem.¹⁴⁹ Posteriormente, em 1937 (com vinte anos), entrou no Seminário Maior de San José de la Montaña,¹⁵⁰ na capital de San Salvador, que então tinha à sua frente padres da Companhia de Jesus.¹⁵¹

Por aquilo que podemos contemplar nas fotografias que nos chegaram de Romero, e pela história a seu respeito, ele destacava-se por ter uma atitude moderada e bem disciplinada. Pensamos que isto se deve à educação que recebeu dos seus pais, pessoas muito bem-educadas e humildes, que foram capazes de transmitir-lhe os bons costumes, tanto culturais como espirituais, que o levaram a ser uma pessoa exemplar. Ele não se dedicava apenas ao estudo e à vida espiritual, visto que o desporto também fazia parte da sua vida quotidiana. São recorrentes as fotografias onde aparece com a sua equipa de futebol, acompanhado dos seus companheiros de jogo.¹⁵² Como vemos, o caminho em direção ao sacerdócio não nos afasta de tudo aquilo que qualquer jovem gosta de fazer, entre estas coisas, o desporto e neste caso concreto principalmente o futebol.

Ainda no mesmo ano em que entrou para o Seminário Maior, Romero faz a sua primeira viagem fora do país e fora do continente americano: parte de barco para Roma com o fim de iniciar os seus estudos em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana, os quais serão por ele feitos entre os anos de 1938 e 1942.¹⁵³ No percurso destes cinco anos em Itália, teve a graça de, no Vaticano, conhecer o, e estar junto do Papa Pio XII e do Cardeal Montini – futuro Papa Paulo VI. Ao longo destes poucos anos, foram poucas as vezes em que se encontrou alguma fotografia de Romero sem a sotaina,¹⁵⁴ muito utilizada em Roma, a não ser em tempos de férias

¹⁴⁸ Cf. Elmer Romero (dir.), *Romero* (San Salvador: Asociación Equipo Maíz, 2014), 38.

¹⁴⁹ Cf. Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 343.

¹⁵⁰ Cf. Romero, *Romero*, 41.

¹⁵¹ Cf. Kevin Clarke, *Óscar Romero*, 51.

¹⁵² Cf. Romero, *Romero*, 40.

¹⁵³ Cf. Romero, 42.

¹⁵⁴ Cf. Romero, 44.

da Universidade, onde aproveitava o tempo de férias para descansar junto dos restantes seminaristas.

2.1.1 PERCURSO PRESBITERAL ATÉ AO EPISCOPADO

No dia 4 de abril de 1942, e sem a presença da sua família – impedida de lá se deslocar por causa das restrições às viagens durante a II Grande Guerra¹⁵⁵ –, Óscar Romero é ordenado Sacerdote na cidade de Roma.¹⁵⁶ Em 1944, antes de poder terminar o seu Doutoramento e devido a uma enorme falta de sacerdotes católicos¹⁵⁷, Romero regressa a El Salvador e à sua terra natal, tendo a sua família à sua espera com ânsia e um povo que se converteria, com o tempo, à sua imagem, manifestado ele também no seu rosto o de cada salvadorenho. Ainda em 1944, o seu bispo nomeou-o para Anamorós,¹⁵⁸ no departamento de La Unión, no montanhoso oriente do país e fazendo fronteira com as Honduras. Depois de um breve período como pároco em Anamorós, é enviado para a paróquia de Santo Domingo, no departamento de San Miguel, onde será pároco ao longo de 23 anos, tendo passado a ser apelidado de “Padre Romero”.

Durante este percurso sacerdotal, antes da sua consagração episcopal em 1970, Romero foi nomeado, em 1968, para secretário-geral da Conferência Episcopal de El Salvador.¹⁵⁹ No entanto, Romero sempre esteve perto do seu povo, celebrando eucaristias, primeiras comunhões, missas campais, visitando os seus fiéis, frequentando os Cursilhos de Cristandade e participando nas festas às quais era convidado, tendo sido homenageado diversas vezes em San Miguel pelo seu trabalho pastoral. Mas Romero não se ficava apenas por San Miguel: além das visitas à capital para desempenhar a mencionada tarefa de secretário, peregrinou até à Terra Santa e, com a sua gente, visitava as praias no oriente do seu país.¹⁶⁰

Devido ao seu desempenho pastoral, capacidade e inteligência, o seu bispo – que se apercebia muito frequentemente destes aspetos antes mencionados –, ia-se alegrando com a vida e labor apostólico de Romero e, em consequência, acabou por, ao longo dos anos, aumentar progressivamente as responsabilidades do mesmo – como, por exemplo, ser secretário do bispo dessa diocese e editor do seu principal jornal católico.¹⁶¹ Chegaram-nos testemunhos disto mesmo:

«Romero era pároco, acompanhador espiritual de religiosos e religiosas, animador do semanário diocesano, reitor do Seminário menor, presidente da comissão para a construção da catedral,

¹⁵⁵ Cf. Clarke, *Óscar Romero*, 51.

¹⁵⁶ Cf. Romero, *Romero*, 47.

¹⁵⁷ Cf. Clarke, *Óscar Romero*, 51.

¹⁵⁸ Cf. Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 344.

¹⁵⁹ Cf. Rocca, *Óscar Romero*, 33.

¹⁶⁰ Cf. Romero, *Romero*, 57-59.

¹⁶¹ Cf. Rocca, *Óscar Romero*, 17; Clarke, *Óscar Romero*, 52.

promotor da devoção à Virgem da paz, professor de religião e ainda assistente da Ação Católica, da Legião de Maria, da Guarda do Santíssimo, da Ordem Terceira Franciscana, do Apostolado da Oração, dos Cavaleiros do Santo Sepulcro, dos Cursilhos de Cristandade, do Movimento das Famílias Cristãs, dos Alcoólicos Anônimos». ¹⁶²

Ainda antes de exercer o seu ministério episcopal – não só como bispo auxiliar, mas também como Arcebispo da Arquidiocese de San Salvador –, Romero desempenhava o seu ministério sacerdotal assente na constância, na oração e no recolhimento. Ele tinha muito cuidado nos seus deveres espirituais e litúrgicos; tinha sempre presente o exame de consciência, vigiando frequentemente os seus pensamentos de modo que estes fossem conformes ao Evangelho. Nos tempos litúrgicos e vitais mais fortes, Romero estava sempre em oração e jejum, acompanhado do terço e de penitências que fazia em segredo, algo que, com a sua rara recusa aos pedidos que lhe eram feitos, o levou mesmo a um «esgotamento físico». ¹⁶³

A questão social era uma grande preocupação sua, e a caridade uma prioridade incontornável da sua pessoa, ¹⁶⁴ que ele exercia nomeadamente através do acolhimento das pessoas que dormiam ao redor da igreja da sua paróquia, mas principalmente quando dava de comer aos pobres. Também era com muita regularidade que visitava os presos, visitava os doentes internados e ajudava as prostitutas a deixarem as ruas e os alcoólicos a bebida. Não admira, assim, que quando muitas destas pessoas se aproximavam da morte, e lhe perguntavam se queriam medicamentos, se limitassem a dizer que apenas desejavam o “Padre Romero”. ¹⁶⁵

O Monsenhor Óscar Romero não só estava com os pobres, mas, tal como se fala de Cristo no Evangelho, também visitava os ricos, ¹⁶⁶ aos quais catequizava para compreenderem que o dinheiro não é tudo nesta vida e que os pobres também precisam deles. Durante as tardes, quando estava no confessionário, pelo cansaço, não era raro dizer aos penitentes que rezassem cinco *pesos* ¹⁶⁷. Na verdade, o que ele desejava era que, além da oração, a penitência das pessoas que haviam recorrido ao sacramento da Reconciliação também envolvesse a doação de tais cinco *pesos*, os quais serviam de esmola aos pobres, sobretudo aqueles que se encontravam na rua a pedir dinheiro para comprar comida. Mas não só: tal verba era por ele encaminhada para ajudar as famílias divididas e desonradas, pelas mulheres com filhos de pais diferentes – fenómeno ainda hoje muito frequente em El Salvador –, etc.

¹⁶² Rocca, 17.

¹⁶³ Clarke, *Óscar Romero*, 53.

¹⁶⁴ Cf. Rocca, *Óscar Romero*, 27.

¹⁶⁵ Cf. Clarke, *Óscar Romero*, 53.

¹⁶⁶ Cf. Rocca, *Óscar Romero*, 27; Clarke, *Óscar Romero*, 53-55.

¹⁶⁷ Cf. Rocca, *Óscar Romero*, 19. Tenha-se em consideração que o *peso* era a moeda antiga que circulava em El Salvador naquela altura até que em 2001 entrou o *dólar americano*.

Óscar Romero preocupava-se com a corrupção e o roubo generalizado. No fundo, ele via no meio de tudo isto uma esperança e a necessidade de conversão da parte daqueles que tinham o poder de governar, que deveriam ser mais compassivos e promotores do respeito pela dignidade de cada salvadorenho. Em abril de 1967, recebe o título de Monsenhor pelos vinte e cinco anos de presbiterado. Foi em San Miguel, na sua terra natal, onde celebrou as suas bodas de prata sacerdotais junto da sua gente de origem, e onde lhe foi feita uma homenagem pelo seu aniversário e pelo título recebido. Mesmo com o passar dos anos, e com os títulos recebidos e as funções na vida diocesana, Romero nunca perdeu aqueles valores que os seus pais lhe transmitiram desde pequeno. Continuou a ser a mesma pessoa de sempre: uma pessoa que estava junto do povo, e que partilhava cada momento até com os que são colocados à margem.

Romero era um homem apaixonado pelo seu ministério pastoral, e isto vê-se refletido na sua paixão pelo II Concílio do Vaticano.¹⁶⁸ Durante o período de realização desse evento, Romero não deixava de transmitir nas suas homilias, na rádio, no jornal da diocese, todos os documentos que o Concílio ia aprovando: comentava-os, engrandecia-os, etc., sempre com o fito de ir «construindo [...] o fundamento de uma visão superior da sua mensagem e uma apreciação da direção que a Igreja deveria tomar».¹⁶⁹ Monsenhor Óscar Romero tinha compreendido que o II Concílio do Vaticano não tinha sido convocado para reafirmar os dogmas que já existiam na Igreja, mas sim para colocar o Povo de Deus – isto é, a Igreja – diante dos novos tempos que se aproximavam. Romero notou rapidamente o ar da primavera na Igreja pós-conciliar que já se respirava, tendo como referência o papa Paulo VI, seu professor aquando seminarista, elogiando-o assim: «o papa do diálogo, o líder da paz do mundo, o peregrino da amizade entre os povos, o novo profeta».¹⁷⁰

2.1.2 BISPO AUXILIAR E ARCEBISPO DE SAN SALVADOR

Para a sua consagração episcopal, prevista para o dia 7 de março de 1970,¹⁷¹ na Catedral Metropolitana, Romero tinha convidado padres de todo o país.¹⁷² Mas essa data acabaria por coincidir com um período muito conturbado na história salvadorenha: El Salvador passava por alguns distúrbios e protestos iniciados pelos que pertenciam ao partido político daquele político – Fidel Sánchez Hernández – que, no dizer do povo, tinha ganho as eleições presidenciais de forma fraudulenta.¹⁷³ Tais protestos e distúrbios decorreram sobretudo na, e a partir da Praça

¹⁶⁸ Cf. Rocca, 28.

¹⁶⁹ Clarke, *Óscar Romero*, 53.

¹⁷⁰ Rocca, *Óscar Romero*, 30.

¹⁷¹ Cf. Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 336.

¹⁷² Cf. Royal, 336.

¹⁷³ Cf. Royal, 336.

Libertad da capital, tendo tudo isso levado a que, de forma muito violenta, tanto sacerdotes como leigos estrangeiros fossem deportados do país. Muitas outras pessoas foram golpeadas brutalmente, outras foram presas, e outras ainda foram utilizadas como alvos de tiros e bombas para intimidar os, e ameaçar de morte aos, que ali habitavam.

Devido a estes aduzidos distúrbios ocorridos na capital de El Salvador, a sua consagração episcopal foi adiada e teve lugar no Ginásio do Liceo Salvadorenho, no dia 21 de junho de 1970,¹⁷⁴ acompanhado pelo seu grande amigo, o padre jesuíta Rutilio Grande – o cerimoniário da eucaristia episcopal, que, pouco tempo depois, morreria assassinado. Devido à relevância deste grande acontecimento na sua vida pessoal e pastoral, para a realização do qual confuíram «autocarros [...] a abarrotar de admiradores e amigos vindos de San Miguel»,¹⁷⁵ Dom Romero acabou por aceitar celebrar a sua consagração episcopal junto das autoridades civis e militares, sendo-lhe depois feita, na sua terra natal, uma homenagem por essa mesma consagração. Como bispo, Dom Romero começou a desempenhar a pastoral episcopal como bispo auxiliar de San Salvador, na capital, tendo recebido, nesse período, o Padre Patrick Peyton, que visitou El Salvador para promover a Cruzada de Oração em Família.¹⁷⁶

Como bispo auxiliar nada mudou na vida espiritual de Dom Romero: continuava com as mesmas funções com o acréscimo de outras mais importantes. Celebrava as eucaristias – por exemplo, em Santa Tecla, na colónia de las Delicias –; visitou o aeroporto internacional de Ilopango; abençoou alguns locais comerciais – nunca recusando almoçar com os donos dos mesmos sempre que isso se revelava oportuno –; e, entre outras coisas, pôde voltar a visitar o Vaticano.¹⁷⁷ Passados poucos anos da sua consagração episcopal foi nomeado, a 15 de outubro de 1974, para bispo titular de Santiago de Maria, no departamento de Usulután – entre os departamentos de San Vicente e San Miguel. Foi aí que, além de formar um grupo de acólitos a quem ele chamava o seu “pequeno clero”¹⁷⁸ e se preocupou em criar estruturas de apoio aos diversos deslocados económicos internos que se deslocavam para lá na época da colheita do café,¹⁷⁹ contactou com «um nível de depravação e crueldade que nunca vira em primeira mão».¹⁸⁰ Mas note-se que, mesmo afastado da sua terra natal, Romero manteve sempre uma relação muito fraterna com os seus irmãos e os seus sobrinhos, sendo que podemos facilmente encontrá-lo em diversas fotografias com a sua família.¹⁸¹

¹⁷⁴ Cf. Romero, *Romero*, 62.

¹⁷⁵ Clarke, *Óscar Romero*, 61.

¹⁷⁶ Cf. Romero, *Romero*, 64.

¹⁷⁷ Cf. Romero, 65.

¹⁷⁸ Cf. Romero, *Romero*, 66.

¹⁷⁹ Cf. Clarke, *Óscar Romero*, 76.

¹⁸⁰ Clarke, 77.

¹⁸¹ Cf. Romero, *Romero*, 67.

Em 1977, depois da aposentação do bispo Luis Chávez y González, Dom Arnulfo Romero é nomeado arcebispo de San Salvador, pelo papa Paulo VI – a quem Romero prestará uma visita nesse mesmo ano de 1977, quer em agradecimento pela sua nomeação, quer por sentir uma profunda ligação ao mesmo¹⁸². Aquando dessa nomeação, El Salvador preparava-se para entrar numa fase dramática e ensanguentada, e Romero, que acabará mesmo por ser consagrado na discipulação da «capela do Seminário de San José de la Montaña»,¹⁸³ iria ter pela frente três anos de paixão após os quais sofreria o martírio, de braços abertos ao celebrar a Eucaristia. Nesta década, El Salvador tinha à frente um governo militar; estava a ser invadido pelos protestantes que – fortemente apoiados pelos Governos dos EUA que queria servir-se deles para combater a teologia da libertação estimada por alguns sacerdotes católicos – se iam instalando no país, ao ponto de se terem tornado, aos olhos de muitos, mais confiáveis do que os católicos; falava-se da Igreja Católica como uma força aliada ao comunismo, e dos padres como elementos perigosos para a segurança do Estado, começando assim uma perseguição contra a Igreja e contra os fiéis católicos.

Uma vítima dessa perseguição foi, como referimos mais acima, o padre Rutilio Grande. Este – um jesuíta que trabalhava apostolicamente junto dos mais pobres (os camponeses que eram explorados na cidade de Aguilares) e o amigo mais próximo de Romero – acabaria por ser assassinado «por uma rajada de balas à queima-roupa»,¹⁸⁴ precisamente no ano em que Romero é nomeado arcebispo da Arquidiocese de San Salvador: 1977. Nessa altura, Rutilio Grande estava acompanhado de duas pessoas¹⁸⁵ que se dirigiam para celebrar a eucaristia numa aldeia muito próxima da capital. As suas exéquias foram celebradas na Catedral Metropolitana¹⁸⁶ de San Salvador, onde se fizeram presentes vários sacerdotes amigos e colegas, sendo que muitos também foram assassinados brutalmente, incluindo Dom Romero.

Durante o seu percurso episcopal, Romero sempre teve o cuidado de inserir nos seus comentários e discursos temas de interesse generalizado. Por outro lado, o clero diocesano, segundo Romero, possuía uma vocação que abrangia uma certa religiosidade e transcendentalidade.¹⁸⁷ Face a esta dupla realidade, Dom Romero nunca aceitou deixar de se preocupar por educar os sacerdotes no caminho do bem comum e da busca da justiça social, mas sem qualquer pretensão revolucionária. Para Romero, o perfil ideal do sacerdote-pastor era

¹⁸² Cf. Romero, 73.

¹⁸³ Clarke, *Óscar Romero*, 85.

¹⁸⁴ Clarke, 96.

¹⁸⁵ Cf. Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 337.

¹⁸⁶ Cf. Romero, *Romero*, 70. Faça-se notar que já foram aprovados os decretos para a beatificação de Rutilio Grande: cf. José Eduardo Cubías Colorado, *Sentir con la Iglesia* (San Salvador: Ediciones Calle del Convento, 2017), 176.

¹⁸⁷ Cf. Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 336.

Jesus Cristo: um pastor que vai em busca da ovelha perdida, que a defende do lobo feroz que a quer atacar e logo cura as suas feridas, cumprindo-se o dito no *Evangelho segundo São João* «O ladrão vem só para roubar, matar e destruir [...] Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas» (Jo. 10,10-11).

Como Arcebispo da capital de El Salvador, Romero tinha muitos projetos em favor do povo salvadorenho. Uma das suas primeiras propostas foi pedir à Igreja que emitisse uma declaração sobre os factos já acontecidos em El Salvador. Pediu que esta declaração não fosse somente dirigida ao clero diocesano, mas também a todos os salvadorenhos. A posição de Romero não pretendia ser de afastamento, nem sequer de mostrar um afastamento, em relação ao governo, pois desejava evitar uma maior repressão contra o povo salvadorenho. O que Romero pretendia era dar a conhecer a verdade, tarefa pela qual ele se sentia obrigado em primeiro lugar como pastor da Igreja.¹⁸⁸

Devido a todos os distúrbios acontecidos e às repressões que o governo tinha tomado contra o povo salvadorenho, este mesmo povo esperava que a Igreja, também através dos sacerdotes e dos bispos, fizesse alguma coisa em auxílio dos mais pobres. Contudo, Romero não ficou tranquilo com a posição global do clero do seu país e, assim, preparou uma declaração pessoal que a seguir mandou a todos os sacerdotes, para que fosse lida em todas as igrejas nas missas de Domingo. Esta declaração foi lida pelo próprio Romero na Catedral Metropolitana e a seguir foi transmitida pela rádio. Nela, Dom Romero pedia o fim das violências contra os direitos humanos, exigindo uma reforma que tivesse na base a justiça social e que permitisse que todo o salvadorenho pudesse ter uma vida digna, ainda que eventualmente pobre.¹⁸⁹

Só com a morte do padre Rutílio Grande e dos camponeses que o acompanhavam, é que todos os bispos salvadorenhos sentiram profundamente a necessidade de elaborarem em conjunto uma mensagem lida em todos os púlpitos das igrejas. Todavia, devido à censura e às represálias que o governo tinha tomado contra o povo, a mesma não foi publicada nos jornais. De qualquer modo, um grande número de bispos e de sacerdotes acordaram vários aspetos para que a sua posição fosse visível:

«1. As celebrações da Semana Santa decorreriam exclusivamente na Catedral para que todos os católicos compreendessem que a Igreja se encontrava em protesto contra as várias formas de repressão; 2. As escolas católicas seriam encerradas durante três dias [...]; 3. A Igreja devia agir com prudência para evitar dar a impressão de que apoiava o Governo, designadamente através da participação na tomada de posse do presidente e noutros atos oficiais; 4. Todos os meios de comunicação social da Igreja disponíveis, incluindo boletins paroquiais, rádio, etc. continuariam a fornecer informação independente sobre os acontecimentos».¹⁹⁰

¹⁸⁸ Cf. Royal, 336.

¹⁸⁹ Cf. Royal, 336-337.

¹⁹⁰ Royal, 338.

No entanto, Romero foi advertido pelo núncio apostólico, o qual, fazendo diversas referências ao Código do Direito Canónico, colocou em questão as restrições referentes às celebrações do Tríduo Pascal. Óscar Romero também foi advertido por vários sectores da alta sociedade de El Salvador que lhe informaram que medidas como estas seriam motivo de reações ainda mais violentas da parte do governo contra o povo. Isto, porém, teve o efeito contrário ao desejado e Dom Romero publicou outra «declaração, segundo a qual, como representante da Igreja perseguida de El Salvador, evitaria assistir a qualquer cerimónia ou evento oficial [...] até cessar a repressão no campo».¹⁹¹ Apesar de se poder admitir que Dom Romero talvez reconhecesse que, não obstante a sua firmeza de consciência, havia procedido de modo errado, os restantes bispos das várias dioceses não estavam preocupados com isso, mas sim com a necessidade da Igreja em tomar uma posição firme.¹⁹²

Contudo, Romero precisava de um apoio mais forte, e preparou-se para voltar a ir a Roma, onde visitou os túmulos de Pedro e Pio XI,¹⁹³ tendo, posteriormente, tido uma audiência privada com o papa Paulo VI «para explicar as suas decisões»,¹⁹⁴ durante a qual este papa lhe disse: «Coragem! É você quem manda!».¹⁹⁵ Estimulado com as palavras que o Santo Padre lhe tinha proferido, Romero volta ao seu país para estar presente durante a Semana Santa. Naqueles oito dias, milhares de pessoas se concentraram dentro e à volta da Catedral para tentar participar nas únicas celebrações da Semana Santa autorizadas pelo Arcebispo – algo que se tornaria numa das maiores manifestações religiosas em toda a história de El Salvador.¹⁹⁶

A 14 de fevereiro de 1978, Romero recebe um Doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Georgetown nos Estados Unidos¹⁹⁷ e, nesse mesmo ano, como todo o bom pastor, conviveu com os seminaristas num passeio turístico a uma das praias do Oceano Pacífico no território salvadorenho e celebrou a maior festa da capital: a festa do Divino Salvador do Mundo.¹⁹⁸ No seu penúltimo ano de vida, em 1979, Dom Romero viajou ao México, para, na cidade de Puebla, participar na Conferência dos Bispos da América Latina.¹⁹⁹ Após o seu regresso, deu entrevistas a diversos jornalistas; fez visitas pastorais a comunidades rurais e

¹⁹¹ Clarke, *Óscar Romero*, 104.

¹⁹² Cf. Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 338-339.

¹⁹³ Cf. Rocca, *Óscar Romero*, 76.

¹⁹⁴ Clarke, *Óscar Romero*, 106.

¹⁹⁵ Rocca, *Óscar Romero*, 167.

¹⁹⁶ Cf. Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 338.

¹⁹⁷ Cf. Romero, *Romero*, 75.

¹⁹⁸ Cf. Romero, 76-77.

¹⁹⁹ Cf. Romero, 78-79.

marginalizadas, visitou o Seminário Maior San José de la Montaña, e foi a algumas conferências na Universidade de El Salvador.²⁰⁰

É de se reconhecer que Óscar Romero, que estava a tornar-se ainda mais «“a voz dos sem-voz»,²⁰¹ vivia constantemente envolvido em discussões com o governo, devido ao que sentia ser a necessidade de tomar posição face: a vários sacerdotes que tinham sido presos sem procedimentos legais; e a múltiplas calúnias contra o clero e leigos com pretensões reformistas.²⁰² Perante o elevado número de mortes que se iam sucedendo – não só entre o clero, mas também entre o laicado – Romero manteve-se decididamente firme face ao essencial das suas convicções já antes expressas diversas vezes:

«Irmãos e irmãs, não é hora de nos dividirmos entre duas Igrejas. É hora de nos sentirmos uma Igreja unida, que luta pela ressurreição de Cristo, que nos traz a redenção apenas para além da morte, mas também já neste mundo; uma Igreja que se empenha por um mundo mais justo, mais humano; uma Igreja que se empenha por uma sensibilidade social, que se faz sentir em todas as situações; uma Igreja que luta contra a violência, contra a criminalidade».²⁰³

Devido a estas discussões e contendas que Romero tinha com o governo, por defender os mais pobres, foi indevidamente transformado numa figura política, num símbolo revolucionário, passando a ser visto como um agitador comunista.²⁰⁴ Mas se nos perguntarmos seriamente, que pastor não seria capaz de defender o seu rebanho? Que pai não seria capaz de defender o seu filho ou a sua filha? Que bispo não seria capaz de defender o povo que Deus lhe confiou? Seria triste se tivesse sido apenas Romero a ser capaz de entrar em discussões e contendas por defender o seu rebanho, os seus filhos, o seu povo. E sê-lo-ia, pois, seria sinal que haveria poucos pastores pautados pelo exemplo de um Jesus Cristo que viveu à procura daqueles que estavam perdidos até ter dado a Sua vida por todos, em especial os Seus amigos.

Cada Domingo, na Eucaristia e partindo de comentários aos textos bíblicos do dia, Romero relatava ponto por ponto todos os acontecimentos que se passavam em todo o território da capital e não só. As suas homilias eram transmitidas várias vezes durante o dia, pela rádio arquidiocesana, já que «o Governo [e] as famílias mais abastadas [controlavam] praticamente todos os meios de comunicação da nação».²⁰⁵ Na maioria das casas dos salvadorenos, a rádio estava sempre ligada para se ouvir as pregações do Monsenhor Romero, que chegavam a durar até duas horas em cada missa, e era difícil não escutar uma palavra dele ou a pregação completa,

²⁰⁰ Cf. Romero, 80-85.

²⁰¹ Clarke, *Óscar Romero*, 83.

²⁰² Cf. Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 340.

²⁰³ Óscar Romero, *apud* Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 340-341.

²⁰⁴ Cf. Rocca, *Óscar Romero*, 111.

²⁰⁵ Clarke, *Óscar Romero*, 83.

sendo que mesmo que as pessoas andassem pela rua durante a pregação, elas se detinham para escutar o que ele dizia.²⁰⁶

Como dissemos, as suas homilias partiam da Escritura e eram essencialmente religiosas, fazendo uma interpretação da realidade com base na Palavra bíblica. Dizem os documentos conciliares a respeito disto que acabamos de dizer: «preocupe-se o Bispo em que a sua pregação se enraíze firmemente na doutrina da Igreja e se baseie na Sagrada Escritura» (AS, 121). E além disso: «a Palavra de Deus deve ser anunciada com autoridade» (AS, 121), autoridade que compete ao Bispo, pastor e guarda da Igreja em favor do povo. E ainda: «é missão do Bispo proclamar em todo o lugar e sempre os princípios morais da ordem social [...] é seu dever exprimir um juízo baseado na Revelação [...] no que envolve o valor da vida [...] da liberdade, a unidade e a estabilidade da família» (AS, 120).

Numa das suas últimas homilias, Romero disse:

«É tempo da reconciliação. Como nos faz falta, aqui em El Salvador, meditar um pouco esta parábola do filho pródigo. Como parece irreconciliável a denuncia da esquerda contra a direita e o ódio da direita contra a esquerda, e quem está no centro diz: “Venha de onde vier a violência, devemos ser duros contra ambas as frentes”. Assim vivemos divididos em grupos, polarizados, e talvez nem se amem os do mesmo grupo, porque não pode haver amor onde há confrontos com tanto facciosismo, chegando a odiar os outros. Precisamos de romper estas barreiras, precisamos de sentir que há um Pai que nos ama a todos e que está à espera de todos nós. Precisamos de aprender a rezar com o Pai Nosso, dizendo: “Perdoa-nos, como nós perdoamos”».²⁰⁷

A Igreja não foi somente atacada enquanto povo de Deus, mas também foi atacada estruturalmente nos momentos em que morriam camponeses e pessoas inocentes. Os críticos da Igreja utilizavam as igrejas e convertiam-nas em quartéis;²⁰⁸ os soldados acometiam os sacrários, e lançavam as hóstias consagradas pelo chão.²⁰⁹ Perante estas atrocidades, Óscar Romero tentava arduamente defender a sua Igreja, o seu povo, fazendo cumprir, talvez consciente ou inconscientemente, o que se diz no *Código de Direito Canónico*. Em concreto e por exemplo: o «os Bispos, que por instituição divina sucedem aos Apóstolos, são constituídos Pastores na Igreja pelo Espírito Santo que lhes foi dado, para serem mestres da doutrina, sacerdotes do culto sagrado e ministros da governação» (CIC, 375, 1); «no exercício do seu múnus de pastor, mostre-se o Bispo diocesano solícito para com todos os fiéis que estão confiados aos seus cuidados qualquer que seja a sua idade, condição ou nação» (CIC, 383, 1); e sempre que preserve a Unidade da Igreja, o Bispo é obrigado a velar pela disciplina da Igreja tendo sempre em conta as observâncias das leis eclesiais (cf. CIC, 392).

²⁰⁶ Cf. Rocca, *Óscar Romero*, 92-93.

²⁰⁷ Óscar Romero, *apud* Rocca, *Óscar Romero*, 95.

²⁰⁸ Cf. Colorado, *Sentir con la Iglesia*, 194.

²⁰⁹ Cf. Miguel Cavada Diez (comp.), *Romero: ¡Cese la represión!*, 1977-1980, 14.

Contudo, Romero, tal como os pobres que eram oprimidos, não tinha a solução para todos estes problemas políticos que abalavam por completo a vida dos salvadorenhos, mas, na nossa mais pessoal opinião, sabia e estava convencido que o remédio para estes problemas já tinha sido proposto pelo “Médico das “almas””: Jesus Cristo. Fruto do que fomos conhecendo de Monsenhor Romero, em particular ao longo da preparação para a redação desta Dissertação, a esperança que reinava no seu coração de pastor, era que um dia os salvadorenhos tivessem uma vida digna, sem injustiças, onde a fraternidade permanecesse. Sem imaginar que a violência de uma ou de outra forma continuaria ao longo dos anos, ele partiu com a esperança de um El Salvador reconciliado e cheio de vida, onde a justiça social e os direitos humanos se fizessem presentes em cada pessoa – é esta a nossa mais íntima convicção.

Em 1980, Romero realizaria uma nova viagem à cidade pontifícia. Antes de estar pessoalmente com o papa João Paulo II,²¹⁰ visitou novamente os túmulos dos papas onde fez a seguinte oração: «muito pela fidelidade à minha fé cristã e pela coragem de morrer, se for preciso, como morreram todos esses mártires, ou então de viver consagrando a minha vida como o fizeram os modernos sucessores de Pedro».²¹¹ O Papa, tendo já tido experiências semelhantes na Polónia,²¹² encorajou a Óscar Romero no seu ministério pastoral, e vinculou a necessidade da comunhão entre os bispos, tendo feito questão de garantir que Dom Romero deveria continuar a defender o direito que lhe correspondia de cuidar aos mais pobres, mas mantendo sempre uma grande prudência e um não menor cuidado para não apoiar as ideologias.²¹³

Note-se que tal viagem a Roma decorreu devido a uma suposta divisão que teria surgido no episcopado da arquidiocese de San Salvador, sendo que o papa João Paulo II queria conhecer e escutar Romero antes de tomar uma decisão²¹⁴. Entretanto, durante decorria essa viagem, as mortes aumentaram em El Salvador. A violência também aumentou devido ao desaparecimento de pessoas e a pessoas que eram presas sem qualquer motivo. Isto levou ao surgir de ataques e contra-ataques sucessivos às mãos de diferentes organizações. Na sua primeira homilia ao regressar da sua viagem, Dom Romero mostrou a angústia que sentiu ao ver, nos jornais e na televisão, como se multiplicava uma violência que se tinha tornado tão habitual como o respirar do ser humano. Por outro lado, também se mostrou feliz por ter voltado às suas origens e poder partilhar, com o seu povo, a alegria que sentira aquando do encontro com o Santo Padre.²¹⁵

²¹⁰ Cf. Romero, *Romero*, 86.

²¹¹ Óscar Romero, *apud* Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 355.

²¹² Cf. Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 361.

²¹³ Cf. Royal, 361.

²¹⁴ Cf. Royal, 361.

²¹⁵ Cf. Rocca, *Óscar Romero*, 186.

Já neste tempo havia conspirações para assassinar o Monsenhor Romero, sendo que inclusive o anúncio apostólico na Costa Rica chegou a adverti-lo sobre essa possibilidade.²¹⁶ El Salvador estava tão dividido que um pastor com muita consciência daquilo que se passava na sua terra era suscetível de, se não quisesse trair a sua vocação, receber ameaças de morte tanto da esquerda tanto como da direita. Óscar Romero não se importava com as ameaças e sabia lidar com elas, sendo de se observar que numa das suas homilias chegou mesmo a dizer: «o pastor não quer segurança enquanto o seu rebanho não a tiver».²¹⁷ Romero recusou todo o tipo de segurança, até um carro blindado que lhe foi oferecido, não por bravata, mas porque na sua opinião era impensável ter segurança enquanto o seu povo vivia em constante insegurança.

Neste mesmo ano, a 2 de fevereiro de 1980, Romero é condecorado pela Universidade de Lovaina, na Bélgica, com a entrega de um novo Doutoramento *Honoris Causa*, momento que aproveitou para fazer «uma verdadeira sinopse do sofrimento de El Salvador, num grito de socorro à Europa e ao Ocidente [...] e uma defesa desafiante e apaixonada da sua missão de ser uma Igreja dos pobres e com os pobres».²¹⁸ Em 1980, recebe também o prémio da paz de ação ecuménica a 9 de março do mesmo ano. Quando olhamos para as fotografias que nos chegaram da eucaristia celebrada aquando da entrega deste último prémio, não duvidamos que tenha aproveitado para fazer um belo discurso cheio de agradecimento e de alegria, por poder tido a oportunidade de ser galardoado com esse reconhecimento²¹⁹. A 23 de março faz a sua última visita pastoral, dessa feita a Ciudad Delgado, sem saber, mas com um certo pressentimento, de que muito em breve seria assassinado.²²⁰ Nos seus últimos dias Romero sentia que Deus lhe confirmava e lhe dava forças no seu humilde ministério; e um dos seus últimos pensamentos nas suas homilias era afirmar a sua esperança numa futura e profunda reconciliação.²²¹ Vale a pena transcrevermos as suas seguintes palavras:

«O centro da minha vida é testemunhar o amor de Deus pelos homens e dos homens entre si. Isto deve manifestar-se mediante a nossa própria vida e conduta de cristãos, com um testemunho vivido de fidelidade a Jesus Cristo, de pobreza e de separação dos bens materiais, de liberdade frente aos poderes do mundo. Numa palavra: santidade».²²²

Romero não aspirava à santidade em termos de mortificação ou de uma imitação de alguma figura meramente humana exemplar; ele simplesmente estava voltado para o rosto de Cristo, para a Sua paixão, para a Sua cruz. Para ele, a única possibilidade de martírio estava

²¹⁶ Cf. Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 360.

²¹⁷ Royal, 360.

²¹⁸ Clarke, *Óscar Romero*, 124.

²¹⁹ Cf. Romero, *Romero*, 86-87.

²²⁰ Cf. Romero, 86-88.

²²¹ Cf. Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 362.

²²² Rocca, *Óscar Romero*, 127-128.

contemplada na união profunda com Cristo. Neste contexto, é de referirmos que era na pregação que Romero encontrava o sentido profundo do seu ministério episcopal, e o lugar perfeito para isso era na catedral ou na igreja onde celebrasse o sacramento da Eucaristia. Quando estava no altar, parecia que Romero se transformava, se transfigurava. As suas homilias, em que ele empregava uma linguagem muito clara e cheia de lucidez de modo a que todos percebessem a mensagem que ele queria transmitir, se resumiam a uma palavra só: verdade! Até a palavra “homilia” passou a ser uma palavra de uso normal e corrente entre os salvadorenhos, mesmo entre aqueles que não sabiam ler nem escrever.²²³

Quando estava em público, Óscar Romero sempre mostrava firmeza e domínio em todos os argumentos e discursos que fazia; mas em privado transformava-se: pedia conselhos, era vulnerável, pedia perdão, e sempre procurava o diálogo para compreender e encontrar soluções para os problemas. Ainda que o tivessem como inimigo, recebia a todos: rebeldes, militares, ricos e pobres. Conscientemente, Romero sabia que a sua função e missão era a busca da verdade, além da solução para os problemas. Essa foi a sua missão: levar para a frente uma Igreja debilitada e cheia de problemas políticos e, ao mesmo tempo, ser o pastor de uma arquidiocese em tempos históricos muito difíceis, terríveis e mortalmente confusos.²²⁴

A sua humildade era visível em muitos aspetos, não só como se vestia e calçava, mas também na forma de falar com as, e acerca das, pessoas mais variadas e de modo especial aquelas que o ameaçavam e que falavam mal dele. Nos primeiros tempos como arcebispo e como «pequena manifestação da sua liberdade pessoal em relação às expectativas e tentações da sua posição»²²⁵, Monsenhor Romero vivia e dormia (numa rede) na sacristia da igreja de um hospital – justamente aquele onde viria a morrer –: o Hospital de la Divina Providencia. Ele recusou a oferta de uma casa própria, equipada e com os seus respetivos móveis, onde podia habitar dignamente como qualquer pessoa, porque, dizia ele, a Igreja devia ser pobre com os pobres.²²⁶

As últimas vezes que Óscar Romero teve confrontos com o governo, de forma pública, foi devido à sua tentativa de chamar à razão os políticos, nomeadamente no que dizia respeito ao aumento da repressão e da violência.²²⁷ Numa das suas últimas homilias, proferida no dia 16 de março de 1980 – já no decurso da última Quaresma anual de Romero, passada por este a ver o sangue derramado dos seus irmãos salvadorenhos –, disse:

²²³ Cf. Rocca, 130-131.

²²⁴ Cf. Rocca, 134.

²²⁵ Clarke, *Óscar Romero*, 110.

²²⁶ Cf. Rocca, *Óscar Romero*, 138.

²²⁷ Cf. Rocca, 203.

«O Senhor pergunta a Caim: Onde está Abel, o teu irmão? [...] O sangue do teu irmão grita-me da terra. [...] Não há nada mais importante para a Igreja, do que a vida humana, do que a pessoa humana [...] e aquele sangue, o sangue, a morte, estão para lá de qualquer política, tocam o próprio coração de Deus [...] a terra ensanguentada nunca mais poderá dar fruto».²²⁸

De facto, o arcebispado de Romero foi uma autêntica quaresma, e uma agonia imensa. Vivia impressionado ao ver o sangue derramado de tanta gente vítima da repressão: vítimas inocentes; mulheres; crianças; gente indefesa; amigos; etc. Condenou a violência e a guerrilha, tendo a certeza de que estas acabariam quando estivesse no governo um partido democrático desejoso de acabar com a injustiça social do país.²²⁹ A sua missão nos seus últimos dias foi tentar evitar o pior, procurar a reconciliação e soluções que se fundamentassem na justiça.²³⁰ Mesmo assim, recebia insultos e ameaças, em especial através de cartas anónimas. Pelo medo que já pressentia, passava as noites a pensar que uma bala poderia atravessar a porta ou as janelas; chegando mesmo a acordar de repente quando os abacates caíam em cima do telhado da sacristia onde dormia, pensando que era um disparo ou uma bomba.²³¹

Romero, «tomando o partido do povo»,²³² entregou a sua vida aos pobres de El Salvador, aos que eram oprimidos e desejavam dias melhores nas suas vidas. O seu desejo era simples: que a violência terminasse, que já não houvesse destruição, antes vigorasse uma sociedade onde se pudesse respirar a justiça, onde se pudesse viver em paz e em tranquilidade, onde a Igreja tivesse liberdade de anunciar o Evangelho, além da possibilidade de lograr a reconciliação entre o povo salvadorenho. Óscar Romero era um “cultivador” e esperava poder ceifar, um dia, a honestidade, a laboriosidade, a humildade, e a religiosidade, sendo isto o que, de facto, viria manter o povo de pé aquando da iminente Guerra Civil.²³³ Assim foi também a última Quaresma anual de Romero; assim viveu ele os seus últimos dias, pregando e pedindo aos soldados que não obedecessem às ordens contrárias à lei de Deus e que, portanto, não matassem os seus concidadãos.²³⁴

Nestes três anos de episcopado, o Monsenhor Romero, consumando-se como um «teólogo das bem-aventuranças»,²³⁵ contemplou o lento, mas igualmente contínuo, caminhar de um El Salvador em direção a uma Guerra Civil. E como reagia perante este futuro acontecimento que ele também pressentia ser possível? O drama de El Salvador,²³⁶ disse

²²⁸ Rocca, 203.

²²⁹ Cf. Rocca, 203.

²³⁰ Cf. Rocca, 205.

²³¹ Cf. Rocca, 206.

²³² Clarke, *Óscar Romero*, 125.

²³³ Cf. Rocca, *Óscar Romero*, 210.

²³⁴ Cf. Rocca, 211.

²³⁵ Clarke, *Óscar Romero*, 127.

²³⁶ Cf. Rocca, *Óscar Romero*, 90.

Romero em múltiplas ocasiões e de diversos modos, tinha origem essencialmente na injustiça social, a qual se refletia na violência contra as pessoas. Somente indo-se às raízes da injustiça, é que se poderia erradicar essa situação de crise nacional dos salvadorenhos. Contudo, Romero acreditava profundamente na força santificadora e redentora do sacrifício eucarístico e na aceitação da dor e do sofrimento decorrentes do amor, porque para ele não era a política, mas sim a redenção inscrita no projeto de Deus que podia fazer milagres, mudando as injustiças de modo a lograr ter uma situação mais fraterna e justa.²³⁷

2.2 O MARTÍRIO DE MONSEÑOR ÓSCAR ROMERO

Na véspera do seu próprio martírio, Romero dirigiu-se até à Catedral Metropolitana de San Salvador para celebrar a missa dominical com o povo, conforme costumava fazer todos os domingos. Já cansado de ver tanto sofrimento, sangue derramado por parte do povo salvadorenho e famílias que choravam a morte de muitos familiares, durante a sua homilia, levantando o seu rosto e com voz firme, pediu insistentemente:

«Eu quero fazer um chamamento de forma muito especial aos do Exército, e concretamente às bases da Guarda Nacional, da Polícia e dos Quartéis. [...] Em nome de Deus e em nome deste sofrido povo cujos lamento sobem ao céu cada dia mais tumultuosos, suplico-vos, rogo-vos, ordeno-vos em nome de Deus: Cesse a repressão».²³⁸

No dia 24 de março de 1980, Monsenhor Oscar Arnulfo Romero Galdámez, Arcebispo de San Salvador, é assassinado por um franco-atirador, na capela do Hospital de la Divina Providencia.²³⁹ «O sangue derramado sempre clama a Deus»,²⁴⁰ e não era só por si que o sangue de Romero clamava a Deus, mas sim toda a dor das freiras e das pessoas que se encontravam com ele naquele momento celebrando a Eucaristia. Um tiro direto ao coração terminou com a vida deste pastor, e com ele morreu todo o tipo de luta por encontrar a paz. No entanto, não morreu a esperança do povo salvadorenho por ver nascer a justiça: «a voz da justiça do nosso povo, mais cedo ou mais tarde, vencerá».²⁴¹ De facto, pode-se afirmar que Romero vive ressuscitado na imagem do seu povo, tal como ele mesmo o dizia: «Ressuscitarei no povo».²⁴²

O dia 24 de março ficou marcado para toda a população salvadorenha devido a este grande acontecimento. “El pulgarcito de américa”, como é chamado muitas vezes El Salvador por ser o país mais pequeno da América Latina, sofreu muito com a perda deste grande presbítero,

²³⁷ Cf. Rocca, 92.

²³⁸ Óscar Romero, *apud* Cavada Diez, *Romero: ¡Cese la represión!*, 127.

²³⁹ Cf. Romero, *Romero*, 90.

²⁴⁰ Romero, 91.

²⁴¹ Óscar Romero, *apud* Romero, *Romero*, 97.

²⁴² Óscar Romero, *apud* Romero, *Romero*, 99.

pastor, impulsionador da paz, amigo e irmão. Os restos mortais de Romero permaneceram durante vários dias expostos ao povo, para serem velados e visitados por muitos que desejavam despedir-se dele²⁴³, e a multidão de pessoas era tão grande no dia do seu funeral que não coube na Catedral Metropolitana. Milhares e milhares de pessoas ficaram fora dessa catedral e nesse mesmo dia, enquanto decorria a celebração, houve uma repressão, na praça Gerardo Barrios, contra aqueles que tinham ido para lá de modo a dizerem pela última vez, não “adeus”, mas um “até já” ao Monsenhor Romero.²⁴⁴

Romero é morto como um homem igual a todos, mas ao mesmo tempo, é um homem diferente: é martirizado; é-lhe tirada a vida apesar de nunca ter tomado parte no conflito que já antes tinha iniciado em El Salvador. A atitude de Romero perante aqueles que o difamavam e o ameaçavam foi a mesma atitude que Cristo mostrou perante aqueles que fizeram o mesmo com Ele. Óscar Romero limitou-se a ser fiel a Jesus Cristo: assumiu a mesma imagem do cordeiro levado ao matadouro; tomou a mesma posição que Cristo assumira ao pedir um “travão” à violência e ao ódio, incentivando, assim, entre o povo a procura da reconciliação e do perdão. Romero, «tal como o Mestre, foi morto por causa dos seus ensinamentos».²⁴⁵

2.2.1 CONSEQUÊNCIAS DA MORTE DE ÓSCAR ROMERO

O ano de 1980 foi muito difícil para os salvadorenhos, porque o povo, deparando-se com a morte de Óscar Romero logo no início do ano civil, sentiu um enorme sofrimento decorrente de terem perdido o seu pastor e profeta. Esse sofrimento acendeu, contra a vontade de Dom Romero, a fúria no coração de muitos e surgiu uma onda de protestos por parte daqueles que lutavam pela defesa dos direitos humanos, o que apenas levou a que a repressão se intensificasse.²⁴⁶ Na década que se iniciava com a morte de Romero, muitos camponeses, pobres, e desamparados perderam a vida, famílias inteiras morreram, muitas crianças desapareceram e nunca mais voltaram às suas casas. Três anos depois, em 1983, nos inícios da Guerra Civil, o papa João Paulo II,²⁴⁷ visita pela primeira vez o povo salvadorenho. Muita gente esperava o Santo Padre para cumprimentá-lo de longe, para sentir conforto da parte do Vigário de Cristo e para fazer presente a memória do Monsenhor Romero, mostrando fotografias dele ou palavras e frases que faziam presente as suas pregações. Nesta visita, o Santo padre quebrou com os protocolos do percurso da viagem e visitou o túmulo de Óscar Romero.

²⁴³ Cf. Cavada Diez, *Romero: ¡Cese la represión!*, 129.

²⁴⁴ Cf. Romero, *Romero*, 96.

²⁴⁵ Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 333.

²⁴⁶ Cf. Cavada Diez, *Romero: ¡Cese la represión!*, 130.

²⁴⁷ Cf. Romero, *Romero*, 100.

De facto, João Paulo II pediu inesperadamente ao motorista para parar frente à Catedral de San Salvador, desceu do carro e dirigiu-se diretamente ao lugar onde se encontravam os restos mortais do nosso Pastor e Profeta. Mostrando a sua humildade, João Paulo II colocou-se de joelhos para rezar em frente ao túmulo de Óscar Romero, pois o sentia muita dor pela perda da vida deste pastor, que o tinha visitado antes da sua morte e com quem tinha estado numa pequena audiência.²⁴⁸ Foi a primeira vez que um papa visitava El Salvador e, como um bom pastor, confortou o seu povo pela perda deste grande e corajoso sacerdote de Cristo e encorajou-o para que continuasse cristão e perseverante na fé. No entanto, o papa incentivou o povo salvadorenho a não se render, procurando dia a dia a paz e o fim da Guerra Civil – que somente finalizou em 1992 com a assinatura de acordos de paz de Chapultepec.

2.2.2 ROMERO NA MEMÓRIA DE EL SALVADOR NOS DIAS DE HOJE

Pouco antes de Jesus Cristo morrer, no seu primeiro anúncio da paixão, Ele disse: «é necessário que o Filho do Homem sofra muito, seja rejeitado pelos anciãos, chefes dos sacerdotes e escribas, seja morto e ressuscite ao terceiro dia» (*Lc. 9, 22*). Se tivéssemos escutado isto de outra pessoa, comparando-se com Jesus Cristo, provavelmente afirmaríamos que ou se tratava de pura presunção, ou, então, de algo para ser levado com humor. No entanto, da mesma forma que Cristo anunciou a sua morte e ressurreição, já vimos que Romero também disse o mesmo quando afirmou que se o matassem, ele ressuscitaria no seu povo. Romero, não morreu. Pelo contrário! Está mais vivo do que nunca para o povo salvadorenho.

Todas as pessoas que o admiravam, principalmente os pobres que era com quem ele partilhava os momentos mais íntimos, não fizeram luto, porque sabiam que Romero estava vivo e continuava presente em todos os sentidos: no povo; nas fotografias; nas homilias que ele tinha proferido; nos poemas que eles compuseram acerca dela; nas canções que se escreveram sobre ele; etc. A sua fama, tal como a de Jesus Cristo, difundiu-se em todo o território salvadorenho e fora deste, passando Romero a ser conhecido cada vez mais longe de El Salvador. A sua pessoa e o seu legado iam-se conhecendo mais e mais, conforme a situação da Guerra Civil se ia agravando. Na nossa opinião, poder-se-ia dizer que a memória de Monsenhor Romero não impediu nem parou a guerra, antes tendo feito com que se procurasse uma solução imediata dentro do país. No entanto, o seu espírito também mantinha espiritualmente vivo o povo salvadorenho²⁴⁹.

²⁴⁸ Cf. Romero, 100.

²⁴⁹ Cf. Romero, 116.

El Salvador é um país muito pequeno comparado ao resto dos países da América Latina; ainda assim, é um país com um número muito elevado de católicos, e embora tenha uma história muito violenta – e não só no que diz respeito aos tempos anteriores à conquista às mãos dos espanhóis –, nunca se tinha ouvido falar da morte de um sacerdote por razões políticas ou pelas que fossem, e muito menos, a morte de um bispo. Todos estes acontecimentos abriram um novo capítulo na história dos salvadorenhos, um capítulo do qual, lembrando todos os que morreram brutalmente e segundo o nosso parecer mais pessoal, podemos retirar uma única mensagem: todo o salvadorenho precisa de continuar a sua peregrinação nesta terra²⁵⁰.

Algumas pessoas que se cruzaram com os anos finais de Dom Romero e a guerra Civil que se seguiu à sua morte, e que ainda hoje estão vivos, vivem com a imagem de todos aqueles factos que por muitos dias, meses e anos perturbaram a tranquilidade dos salvadorenhos, vivendo com muito ressentimento pela perda humana. Outros, por sua vez, decidiram aceitar o que se passou naquela amarga e dura experiência e seguiram com a vida em frente. No entanto, procuraram um futuro, sem perder a esperança naquilo que diz o papa Francisco, na sua mais recente encíclica, a *Fratelli Tutti*: «todo o ser humano tem o direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente e nenhum país lhe pode negar este direito fundamental» (*FT*, 10). Não se pode negar a dificuldade que é aceitar acontecimentos desta magnitude, mas o povo salvadorenho demonstra ser empreendedor, nunca se rendendo perante as situações e dificuldades que a vida – e até mesmo a natureza – lhe coloca.

Para El Salvador tem sido difícil experimentar a fraternidade ao longo dos anos e ao longo dos acontecimentos vividos. Contudo, o sofrimento tem estado sempre presente nesta bela e pequena pátria devido à “violência” multiforme. Ultrapassar todos estes obstáculos é o que tem mantido viva a chama da esperança na vida dos salvadorenhos, ainda desde o tempo de Monsenhor Óscar Romero, quando se viviam as repressões contra o povo em consequência da busca incansável do poder político. Obstáculos como: a Guerra Civil que deixou centenas de famílias destruídas; os terremotos que ao longo dos anos têm devastado o país, principalmente o de 1986 e os dois terremotos de 2001; e as Maras – grupos de delinquentes mais ou menos organizados. Acerca das Maras, diga-se que as famílias salvadorenhas têm sofrido muito devido a elas, porque os jovens procuram em tais grupos uma “vida melhor”, face à pobreza endémica em caminhos que não lhes trazem nem paz, nem felicidade, nem sequer mais vida – mas na maioria dos casos – a morte.

No entanto, apesar de todas essas sombras que muitas vezes tentam anular a felicidade dos salvadorenhos, «Deus continua a espalhar sementes de bem na humanidade» (*FT*, 54). Em

²⁵⁰ Cf. Royal, *Os Mártires Católicos do Século XX*, 337.

El Salvador nunca mais se ouviu uma bomba a explodir até aos dias de hoje, mas ainda na última década se escutavam disparos devido à delinquência que se vivia no dia a dia, para além de que morreram muito mais pessoas neste período recente devido às Maras – verdadeiro terror atual da vida dos salvadorenhos – do que na altura, quando o Monsenhor Óscar Romero lutava por defender a vida dos pobres. Atualmente, a delinquência tem diminuído, devido à mudança de governo e, assim, a chama de esperança dos salvadorenhos aumenta, por vezes ainda contra todas as esperanças, de dia para dia.

Já o dissemos: Monsenhor Óscar Romero continua vivo, hoje mais do que nunca, no povo salvadorenho cheio de «uma sede, uma aspiração, de um anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para as coisas grandes, como a verdade, a bondade, a beleza, a justiça e o amor» (FT, 55). Esse era o desejo de Romero: que o povo vivesse na fé e na esperança de que um dia a violência cessasse, e dela florescesse a justiça. «A esperança [...] sabe olhar para além [...]» (FT, 55) de tudo, diz Francisco e é isso que nos torna confiantes dia a dia, permitindo-nos olhar para um futuro melhor que nos convida a que «caminheemos na esperança!» (FT, 55).

2.3 O PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO

A vida eclesial de Dom Romero na Igreja peregrina e Visível não terminou no dia da sua morte, nem do seu funeral. Na celebração do décimo aniversário da morte de Óscar Arnulfo Romero, Monsenhor Arturo Rivera y Damas – sucessor episcopal de Romero – anunciou que a partir do dia 24 de março de 1990 – dois anos antes de terminar a guerra civil com a assinatura dos antes nomeados acordos de paz – iniciar-se-ia o processo da Causa da Canonização de Monsenhor Óscar Arnulfo Romero, tendo sido nomeado para a condução deste trabalho Rafael Urrutia, presbítero da arquidiocese de San Salvador. Ainda com o mesmo fito em mente, o mesmo arcebispo estabelece, no ano de 1994, um Tribunal Eclesiástico para o processo informativo sobre a vida, martírio e fama de martírio do, já nesta altura assim designado, Servo de Deus Monsenhor Óscar Romero.²⁵¹

Em 1983, quando João Paulo II visita El Salvador pela primeira vez, em plena guerra civil, o povo já desejava ardentemente a subida de Óscar Romero aos altares da Igreja Católica. Na sua segunda viagem, realizada treze anos depois da primeira, aquele mesmo papa encontrou-se com uma multidão de jovens que lhe gritavam com muito carinho: «Juan Pablo II te quiere todo el mundo».²⁵² Estes mesmos jovens pediram a João Paulo II que intercedesse pela

²⁵¹ Cf. «Oficina de la Causa de Canonización de Monseñor Óscar Romero», acedido a 1 de maio de 2021, <http://www.arzobispadosan.salvador.org>.

²⁵² Texto citado em: Colorado, *Sentir con la Iglesia*, 102.

canonização de Romero, entregando-lhe, para esse efeito, uma carta onde solicitavam explícita e inequivocamente esse pedido, dizendo, entre outras coisas, que «A Igreja reconhecer-lhe-á como o Pontífice que levou aos altares o Monsenhor Romero».²⁵³ João Paulo II, que foi reconhecido por todo o mundo como o papa dos jovens, partiu dessa reunião com muito sentimento e no regresso a Roma certamente que terá levado o “pulgarcito de américa” nas suas orações.

No entanto, durante alguns anos, o processo de canonização de Romero esteve, por assim dizer, como que “bloqueado”, já que o Vaticano tinha de ter a certeza de que na produção escrita e falada de Romero, incluindo os seus escritos e homilias, não se encontravam heresias²⁵⁴, nem sinais de desvios doutrinários; ou seja, que em tal produção não houvesse doutrina alheia à ortodoxia da Igreja Católica ortodoxamente interpretada. Para que houvesse esta certeza, teve que ser enviada para o Vaticano todo o tipo de documentação – escrita e em áudio – proferida por Monsenhor Óscar Romero, e, assim, fosse possível dar continuidade ao processo. Embora isto se trate de um procedimento habitual, o mesmo, no caso de Dom Romero, adquiriu contornos de grande complexidade, devido a todas as críticas que ele recebeu não só ao longo da sua vida, mas igualmente depois da sua morte, nomeadamente por parte do governo daquela altura e também pelo próprio colégio episcopal de San Salvador²⁵⁵.

Sejamos claros: tais críticas não derivam do facto de Dom Romero ter sido um comunista, agitador ou um elemento muito perigoso para o governo daquela altura. Elas derivam da própria missão episcopal de Óscar Romero, a qual, como já referimos várias vezes, sempre se definiu pelo anúncio do Evangelho com veracidade e firmeza, não escamoteando nenhuma forma de injustiças, viessem estas de onde viessem. Os desentendimentos com o governo deveram-se, portanto, às suas denúncias evangélicas face às repressões que eram cometidas contra o povo, numa clara denegação dos direitos humanos e dos princípios evangélicos e morais do ser humano que, no fundo, estão na base de tais direitos²⁵⁶.

Devido a tudo isso, o processo de Monsenhor Romero foi muito difícil, sendo que, acerca disto, disse Monsenhor Rafael Urrutia numa entrevista: «A palavra da Igreja sempre vai incidir na vida dos povos, e por isso pode considerar-se que incide na política. Mas não de forma partidista. A palavra de Romero, incidiu no país, dadas as circunstâncias sociais, políticas e religiosas que estávamos a viver; mas estava fundada na fé, no Evangelho e no Magistério da Igreja».²⁵⁷ De facto, a Igreja garantirá sempre que as leis civis se cumpram conquanto tais leis

²⁵³ Colorado, *Sentir con la Iglesia*, 101.

²⁵⁴ Cf. Colorado, 242.

²⁵⁵ Cf. Colorado, 260.

²⁵⁶ Cf. Colorado, 167.

²⁵⁷ Cf. Colorado, 243.

não atentem contra o Evangelho, porque, na verdade, a Igreja não é contra à lei, mas concorda com ela sempre que se faça em democracia, com justiça e em favor da vida humana. Mas, dito isto e como referimos, o processo de Óscar Romero teve que passar, além de pela Congregação da Causa dos Santos, pela Congregação para a Doutrina da Fé, ou seja, a «instância que avaliou se o discurso de Romero possuía características político-ideológicas definidas. Se isto tivesse sido assim, o processo ter-se-ia detido imediatamente».²⁵⁸

No entanto, a beatificação de Óscar Romero tornar-se-ia um presente de Deus, comunicado por Este, tal como disse o Monsenhor Urrutia,²⁵⁹ no tempo oportuno face à paciência que o povo salvadorenho foi tendo ao longo destes anos. O papa Francisco finalmente tinha aprovado e dado luz verde para que Romero fosse beatificado. Muitas emoções encheram o povo salvadorenho com esta notícia. Conhecedor profundo da realidade da América Latina²⁶⁰ pela sua própria vida e experiência num continente cheio de pobreza, injustiça social e violência contra os direitos humanos, Francisco demonstrou, e ainda hoje [2021] continua a mostrar, ser um homem cheio de fé. Alguém que, com muita humildade, se colocou nos sapatos; ou seja, no lugar de Romero: um homem que no século XX pregou firmemente frente aos tempos que se viviam, e que hoje pregaria com muita mais força ante a crescente delinquência que ainda se vive.

Ainda antes da sua beatificação, já Monsenhor Romero era conhecido como o «São Romero de América».²⁶¹ A grande cerimónia da beatificação aproximava-se e as pessoas salvadorenhas preparavam-se para esta grande festa, ansiosas por escutarem, da boca do Cardeal Amato, as palavras que o papa Francisco lhes enviara por uma carta. O intuito dessas pessoas era o de receberem, por um lado, todos os salvadorenhos vindos de todos os cantos do país – bem como os emigrantes no estrangeiro – e, ao mesmo tempo, a todos os irmãos centro-americanos – e não só – para presenciarem numa celebração de fé, amor, memória e esperança um tão grande acontecimento esperado ao longo de muitos anos²⁶².

2.3.1 BEATIFICAÇÃO DE ÓSCAR ROMERO

No dia 23 de maio de 2015, celebrou-se a Eucaristia em que foi beatificado Monsenhor Romero – presidida pelo Cardeal Ângelo Amato, acompanhado de centenas e centenas de presbíteros, bispos e cardeais, dos quais muitos eram de fora de El Salvador – na praça Salvador

²⁵⁸ Colorado, 82.

²⁵⁹ Cf. Colorado, 92.

²⁶⁰ Cf. Colorado, 93.

²⁶¹ Colorado, 73.

²⁶² Cf. Colorado, 59-64.

del Mundo, em San Salvador.²⁶³ Milhares de salvadorenhos procuraram viajar muito cedo naquele dia, e outros viajaram ainda antes para estarem presentes na vigília que se realizou no dia anterior. Muitos deles eram pessoas muito pobres e humildes, que provinham de zonas rurais, mas que vinham cheios de alegria e com a esperança de que a beatificação fosse apenas um passo para um desejo ainda maior: que Dom Romero não tardasse a ser reconhecido como santo. No palanque em que foi colocado o altar, estavam presentes as relíquias de Óscar Romero, nomeadamente a camisa ensanguentada do Bispo Mártir.²⁶⁴

Muitos foram os sentimentos vivenciados pelos fiéis que ali se encontravam, no momento em que as relíquias foram mostradas ao povo de Deus. Entre lágrimas de tristeza e de devoção, o povo salvadorenho recordava o seu martírio.²⁶⁵ A capital de El Salvador encheu-se de júbilo quando o Cardeal Ângelo Amato, Prefeito da Congregação da Causa dos Santos, leu o decreto de beatificação de Monsenhor Romero como “Mártir por Ódio à Fé”, elevando aos altares “San Romero de América”.²⁶⁶ O papa Francisco fez-se presente também, através da carta que foi lida pelo mencionado Cardeal: «Monsenhor Romero construiu a paz com a força do amor, deu testemunho da fé com a sua vida entregue até o extremo».²⁶⁷ Contudo, o papa Francisco, não deixou de mencionar:

«O Senhor concedeu à vossa Igreja um pastor zeloso que amando a Deus e servindo aos irmãos converteu-se na imagem de Cristo Bom Pastor. Soube guiar, defender e proteger ao seu rebanho [...] fiel ao Evangelho em comunhão com a Igreja. O seu ministério distinguiu-se numa particular atenção aos mais pobres e marginalizados. E no momento da sua morte, enquanto celebrava o santo sacrifício do amor e da reconciliação recebeu a graça de identificar-se com aquele que deu a vida pelas suas ovelhas».²⁶⁸

Estas e outras foram as palavras do papa Francisco, encorajando o povo salvadorenho a seguir em frente, procurando sempre a reconciliação sem perder de vista a meta a que todos estamos chamados; ou seja, a nossa entrada plena no Reino de Deus, na comunhão de amor dos santos no próprio coração mais íntimo de Deus-Amor. Esta carta foi enviada pelo Sumo Pontífice ao Monsenhor José Luís Escobar Alas, o atual [2021] arcebispo de San Salvador, mas dirigindo-se a ele, o papa quis, no fundo, transmitir esta mensagem para todas as pessoas que aí se encontravam por ocasião da beatificação de Dom Romero.

²⁶³ Cf. Colorado, 59.

²⁶⁴ Cf. Colorado, 61.

²⁶⁵ Cf. Colorado, 61.

²⁶⁶ Cf. Colorado, 61.

²⁶⁷ Francisco, «Carta do Santo Padre ao Arcebispo de San Salvador, por ocasião da Beatificação de D. Óscar Arnulfo» (23 de maio de 2015), acedido a 23 de abril de 2021, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150523_lettera-beatificazione-romero.html.

²⁶⁸ Francisco.

Ainda dentro da celebração da Eucaristia, a homilia do Cardeal Amato teve um momento muito importante, justamente quando ele sublinhou, de um modo muito preciso, que o martírio de Romero, não fora alheio à sua vocação como cristão, nem à sua vocação como bispo. Para fazer isto, o Cardeal Amato lembrou o que já havia manifestado Agostinho de Hipona: «pregar, admoestar, corrigir, edificar, entregar-se a todos é um peso muito grande, uma grave responsabilidade, uma tarefa muito dura».²⁶⁹ Monsenhor Oscar Romero recebeu muita força vinda do alto, para poder amar a Deus sobre todas as coisas e poder entregar a sua vida por aqueles que não o estimavam e até o odiavam. O Cardeal Amato considera que as palavras de Romero não eram no sentido de provocar ódio e vingança, mas sim uma exortação de um pai para com os seus filhos divididos.²⁷⁰

No entanto, apesar de todas as calamidades que El Salvador tem experimentado, como já foi mencionado anteriormente (inclusive na política, na delinquência e nos desastres naturais), sendo um país maioritariamente católico, El Salvador está chamado a, como a Igreja, ter fé em Cristo Jesus como diz o Papa nesta mensagem.²⁷¹ Contudo, a Igreja salvadorenha, tal como todo cristão, é chamada a ser rica em misericórdia e, assim, a converter-se em levedura de reconciliação para a sociedade.²⁷² Deus como que passou por El Salvador e deteve-Se neste evento que estamos a considerar, porque assim o pediu o povo salvadorenho, tal como se diz no *Livro do Génesis*: «Meu Senhor, eu te peço, se encontrei graça a teus olhos, não passes junto do teu servo sem te deteres» (*Gn.* 18,3). De facto, Deus deteve-se perante este povo e demonstrou um sinal para todos.

«Um sinal grandioso apareceu no céu» (*Ap.* 12,1), diz o *Livro do Apocalipse*. Um círculo com as cores do arco iris se tinha formado à volta do sol, nos céus abertos e resplandecentes de San Salvador durante a cerimónia de beatificação.²⁷³ Os céus como que expressavam o regozijo e o jubilo celeste enquanto Monsenhor Romero subia aos altares da Igreja Católica. Os céus davam as boas vindas ao “Bispo Mártir”.²⁷⁴ Todos os salvadorenhos que puderam ver esse fenómeno, pressentiram que esse sinal nos céus poderia representar o momento da coroação do novo beato, como podemos ver muitas vezes nas imagens da coroação da Virgem Maria como Rainha do céu e da terra.

Mas, agora que isto foi referido, poderíamos perguntar-nos o que significa ser “beato”? Ora bem, a etimologia dessa palavra diz-nos que a mesma provém do latim *beatus*, *beata*,

²⁶⁹ Ângelo Amato, *apud* Colorado, *Sentir con la Iglesia*, 69.

²⁷⁰ Cf. Ângelo Amato, *apud* Colorado, *Sentir con la Iglesia*, 70.

²⁷¹ Cf. Francisco, *Carta do Santo Padre ao Arcebispo de San Salvador*.

²⁷² Cf. Francisco.

²⁷³ Cf. Colorado, *Sentir con la Iglesia*, 59.

²⁷⁴ Cf. Colorado, 59.

beatum, que significa ditoso, feliz, bem-aventurado.²⁷⁵ Daqui podemos dar um passo em frente e, entrando no âmbito mais religioso, dizer que um beato é uma pessoa que, depois da sua morte, tem reconhecida e divulgada a sua fama de santidade. Fama essa que se mantém firme e segura pelas pessoas que o afirmam. Para o reconhecimento canónico da beatificação há duas vias: 1: devido a virtudes heróicas onde «o fiel viveu as virtudes cristãs em grau heróico»²⁷⁶; 2: pela via do martírio, que é o caso concreto de Monsenhor Romero, o qual sofreu o martírio “*In Odium Fidei*”²⁷⁷, tal como reconhecido pelo papa Francisco.

2.4 PASSOS PARA A CANONIZAÇÃO DE MONSENHOR OSCAR ROMERO

O facto do Monsenhor Óscar Romero ter sido assassinado por “ódio à fé” permitia que não fosse necessário um milagre, ocorrido por sua intercessão, para que o mesmo fosse beatificado.²⁷⁸ Todavia, para que a santidade de Monsenhor Romero fosse plenamente reconhecida canonicamente pela Igreja Católica, a Santa Sé precisava de um milagre que comprovasse que não havia dúvidas em designar com toda a firmeza e veracidade que Romero era santo. Para abordarmos a averiguação da verdade de tal milagre, seguiu-se um caminho que nós mesmos, em parte e de modo muito mais humilde, tentámos realizar mediante a solicitação de uma entrevista que está gravada no ficheiro áudio que anexamos a esta Dissertação.

Na verdade, a Igreja reconheceu que Monsenhor Romero, com a anuência de Deus e a força do amor transmitido por este, intercedeu no seio de uma família católica de El Salvador, concretamente na vida de Cecília Flores, a qual, depois do parto do seu filho Luís Carlos, esteve em risco de morte. Atualmente, Cecília está viva e de boa saúde graças, afirma a mesma e o reconhece a Igreja Católica, à intercessão de Óscar Romero. A partir deste testemunho não havia mais dúvidas acerca da sua santidade, tendo a Santa Sé decidido canonizá-lo e reconhecê-lo como Santo. Mas que mais podemos saber do contexto em que tal milagre ocorreu?

Pois bem, Cecília e seu esposo Alejandro são um casal jovem com três filhos.²⁷⁹ Ambos fizeram uma vivência de fé relativamente diferente da normal, tendo tido uma rica vida participativa e celebrativa dentro da Igreja Católica, no caso concreto através do Caminho Neocatecumenal, no qual iniciaram o seu itinerário espiritual em 2012 – ano no qual realizaram o seu casamento civil, tendo o casamento religioso sido realizado no ano seguinte. Todas as

²⁷⁵ Cf. *Dicionário de Latim - Português*, coord. António Rodrigues de Almeida, 3.^a ed. (Porto: Porto Editora, 2008), 101.

²⁷⁶ Colorado, *Sentir con la Iglesia*, 74.

²⁷⁷ Cf. Colorado, 74.

²⁷⁸ Cf. Colorado, 74.

²⁷⁹ Dizemos isto, apesar deles considerarem ter sete filhos, pois quatro deles faleceram, entre o primeiro e o segundo filho que estão vivos na Terra, enquanto aqueles quatro estão, para este casal, vivos no Céu.

gravidezes de Cecília foram complicadas, mas a última foi a que podia ter terminado com a sua vida. No último parto, quando nasce Luís Carlos, Cecília teve uma condição denominada pré-eclâmpsia pós-parto²⁸⁰ que se agravou, desenvolvendo Síndrome de Hellp.²⁸¹ Cecília já estava à beira da morte, sem nenhuma esperança reconhecida como possível por parte dos médicos, quando Alejandro, durante a noite e em sua casa, fez esta oração:

«Monsenhor Romero, peço-lhe por favor que me escute. Pelo grande amor que lhe tinha a El Salvador, à família, às mulheres grávidas, à vida, que até entregou a sua, por defendê-la: Peço-lhe que suplique a Deus, na sua misericórdia, que a minha mulher não morra esta noite, por favor, peça-lhe a Deus».²⁸²

A experiência deste matrimónio é a mesma experiência que muitos salvadorenos têm em relação a Monsenhor Romero, na medida em que eles tiveram contacto visível, pessoal – poderíamos dizer – com Monsenhor Romero a partir do momento em que Deus atuou na vida deles através da intercessão daquele. Assim, ao escrevermos esta Dissertação também estamos, de algum modo, a ter, e a veicular, um como que encontro pessoal com Romero: uma partilha com a sua vida e santidade; uma partilha que nos fez sentir próximos dele e, desejamos sincera e profundamente, pode fazer com que outros sentir o mesmo. Disse, com efeito, Alejandro:

«Romero para mim tomou vida, na minha vida, nas palavras do Credo: creio na comunhão dos Santos... creio na Vida Eterna... tomando forma quando Cristo disse: Quem crê em mim, ainda que morra viverá. Romero é o nosso benfeitor no céu e tem ouvidos especiais para nós, disse-me Vincenzo Paglia».²⁸³

Lamentavelmente, ainda hoje e mesmo em El Salvador, Monsenhor Óscar Romero é conhecido por muitos apenas como aquele bispo que morreu com um tiro no coração enquanto celebrava a missa. De facto, só se lendo sobre a vida dele, e contactando com os seus poucos escritos que nos chegaram, é que começamos a ter proximidade com Romero, tal como diz Alejandro: «os nossos filhos não entendem plenamente o sucedido, têm consciência que o Monsenhor Romero está relacionado com o acontecido; é através do milagre, que Deus nos tem concedido poder evangelizar, para que as pessoas saibam a grandeza de Deus e que Deus é bom».²⁸⁴ Cecília, por seu lado, refere:

²⁸⁰ Trata-se de uma complicação da gravidez com aparecimento ou agravamento de hipertensão na grávida; normalmente aparece após as vinte semanas de gravidez; a maioria dos casos são detetados antes do parto, mas pode também surgir no período pós-parto; se não for tratada pode evoluir para eclampsia, levando a várias complicações, por exemplo, a morte, quer do bebé ou então da mãe. Cf. Charles Beckmann et al., *Obstetrics and Gynecology* (Philadelphia: Wolters Kluwer, 2019), 476-477.

²⁸¹ É uma complicação da gravidez caracterizada por hemólise (destruição de células do sangue), enzimas hepáticas elevadas e baixa contagem de plaquetas, que inclui sintomas como cansaço, náuseas, dores de cabeça, hemorragias nasais, etc. Não se conhece exatamente o motivo do surgimento desta síndrome, mas sabe-se que a sua ocorrência está associada à pré-eclâmpsia ou eclâmpsia. Cf. Beckmann, et al., *Obstetrics and Gynecology*, 477.

²⁸² Entrevista a Alejandro Flores, presente no ficheiro áudio em anexo.

²⁸³ Entrevista a Alejandro Flores, presente no ficheiro áudio em anexo.

²⁸⁴ Entrevista a Alejandro, presente no ficheiro áudio em anexo.

«O Monsenhor Óscar Romero era um cidadão como todos, era um cristão. No entanto, se lhe tiramos “o cristão”, ele continua a possuir a mesma essência: era um homem que dizia a verdade, cujos valores eram cristãos, terminava o que começava, seguia a Cristo, deu a conhecer o cristianismo, tal como nenhum bom sacerdote quer que nenhuma alma se perca».²⁸⁵

Em Romero havia algo especial que sobressaía sobre quase tudo o mais: ele tinha uma caridade pastoral arraigada em Cristo Jesus que se manifestava especialmente no seu amor pelos pobres, defendendo-os com voz forte contra as injustiças que padeciam. Esse era o carisma pessoal de Monsenhor Romero: o de um homem que caminhou pela mesma senda que Cristo, e que, chegando ao calvário, morreu sem renegar quem era, antes, e como um cordeiro levado ao matadouro, se entregou em silêncio, mas consciente, a tudo o que tal amor lhe comportou. Contam as religiosas que o auxiliaram no momento do disparo: «Monsenhor, esta noite Deus não quis o sangue do seu Filho; esta noite, Deus quis o seu sangue»²⁸⁶, tendo ele mexido a cabeça dizendo “sim!” como que a dizer, nas palavras agora de Alejandro, «Tudo se havia consumado! Eis-me aqui!»²⁸⁷.

A “mão” de Deus – o Seu amor a agir concretamente na Criação – poisou sobre a família Flores pela intercessão de Romero. Isso nunca foi primeiramente buscado por eles: foi Deus quem procurou os meios para que eles Lhe pedissem ajuda através da intercessão de Óscar Romero. De igual modo, cremos ser justo dizer que foi Deus Quem quis que Romero atuasse para que, um dia, pudesse subir aos altares da Igreja Católica. O diagnóstico de Cecília, comunicado pelos seus médicos, foi o mesmo de todos os médicos que reviram o expediente para o processo canónico de Romero: ela devia ter morrido naquela noite, mas Deus assim não o quis, porque já esperava que Romero fosse reconhecido pela Sua Igreja como estando entre todos os Seus Santos. O caminho para a santidade é o caminho que todo cristão está chamado a viver santamente cada dia, aceitando todos os acontecimentos. Mas a outros é-lhes dada a graça de viverem santamente, de modo a que a sua santidade se reconheça na sua morte e se conheça ainda mais depois desta.

2.4.1 CANONIZAÇÃO DO MONSENHOR ÓSCAR ROMERO

Já tivemos a oportunidade de, a partir da mensagem da família Flores, reconhecermos a possibilidade de conhecermos melhor a Monsenhor Romero lendo sobre a sua vida, algo que, por sua vez, nos abre os ouvidos e, depois, nos fortalece para transmitirmos aquela sua mensagem que, tendo sido sobretudo a sua vida, ele não quis que fosse senão a do próprio Jesus.

²⁸⁵ Entrevista a Cecília Flores, presente no ficheiro áudio em anexo.

²⁸⁶ Entrevista a Alejandro, presente no ficheiro áudio em anexo.

²⁸⁷ Entrevista a Alejandro, presente no ficheiro áudio em anexo.

Eis a razão de, com grande lucidez, nos dizer Cecília: «Óscar Romero é tão do seu povo, mas tão longínquo! Tão próximo e tão longínquo ao mesmo tempo!»²⁸⁸. A El Salvador, e apesar de tudo, falta-lhe muito para conhecer devidamente a este homem que deu a sua vida evangelizando um povo que era oprimido por um governo que procurava os seus próprios interesses – quais os “mercenários” que, tristemente, ainda vemos em diversas esferas da nossa vida social e, quiçá, eclesial.

A Eucaristia em que foi proclamada a canonização do beato Óscar Romero teve lugar na praça vaticana de São Pedro, no dia 14 de outubro de 2018, e com ele foram canonizados Paulo VI, Francisco Spinelli, Vicente Romano, Maria Catalina Kasper, Nazária Inácia de Santa Teresa de Jesus e Nunzio Sulprizio. Esta celebração foi uma liturgia belíssima, à qual muitos salvadorenos se juntaram presencialmente, incluindo a família Flores. Não houve um momento em que o papa Francisco disse “a partir de hoje, Romero será Santo”. Durante a homília, o papa Francisco fez uma reflexão baseada na Sagrada Escritura, propriamente das leituras que foram lidas nesse domingo, mas não deixou de fazer referência ao ministério pastoral que Romero tinha realizado.

«Jesus é radical. Ele dá tudo e pede tudo»²⁸⁹, diz o papa Francisco na sua homília para, imediatamente a seguir, dizer: «Cristo deu um amor pleno, e não quer de nós um coração dividido. Por isso não podemos dar-lhe migalhas àquele que Se fez servo». Óscar Romero deu tudo pelo seu povo, e não pedia nada em troca, vivendo apenas das «recompensas ao amor gratuito e total».²⁹⁰ Ele simplesmente pedia que a injustiça terminasse; que a repressão acabasse; e que o povo deixasse de ser oprimido. Não deu migalhas, pelo contrário: entregou «tudo»²⁹¹, até a sua própria vida, por amor do seu povo. Romero sempre pedia a Deus que lhe permitisse amá-Lo até ao fim sem duvidar, tal como nós, enquanto cristãos, estamos chamados a fazer; ou seja: somos chamados a elegermos «a opção corajosa de arriscar para O seguir»²⁹², apaixonando-nos de Deus; a sermos a noiva que está à espera do Noivo – Cristo Jesus – para celebrarmos as núpcias por Si desejadas desde a eternidade. Romero apaixonou-se por Deus, desposou-se com o Amado, e já celebrou as «núpcias do cordeiro» (*Ap.* 19,9). Eis o que fez, e faz, dele um insigne exemplo, não obstante a possível diferença no que concerne à forma do nosso “martírio” e morte, de uma entrega amorosa, «não às meias medidas, mas à santidade. É

²⁸⁸ Entrevista a Cecília Flores, presente no ficheiro áudio em anexo.

²⁸⁹ Francisco, «Homília do Santo Padre Francisco na canonização dos Beatos: Paulo VI, Óscar Romero, Francisco Spinelli, Vicente Romano, Maria Catarina Kasper, Nazária Inácia e Nuncio Sulprizio» (14 de outubro de 2018), *AAS* 110: 11 (2018) 1540.

²⁹⁰ Francisco, 1539.

²⁹¹ Francisco, 1540.

²⁹² Francisco, 1541.

significativo que [...] tenhamos D. Óscar Romero, que deixou as seguranças do mundo, incluindo a própria incolumidade, para consumir a vida – como pede o Evangelho – junto dos pobres e do seu povo, com o coração fascinado por Jesus e pelos irmãos»²⁹³.

Não nos restam dúvidas que o Monsenhor Romero foi um genuíno santo, mártir e profeta de El Salvador. Ele, quais alguns dos profetas do Antigo Testamento, denunciava a perseguição que se fazia, não só contra o clero, mas também contra todo o povo cristão, que era oprimido e, algumas vezes, assassinado sem piedade apenas porque protestavam pelo abuso que se fazia contra os seus direitos como seres humanos, atentando contra as suas vidas e a sua dignidade como pessoas.²⁹⁴ A profecia de Romero definiu-se neste sentido: denunciar, nas suas homilias, a injustiça social; pedir e exigir, em nome de Deus, que acabasse a repressão, mostrando, desse modo, a sua generosidade sem reservas. Por outro lado, e como já foi referido anteriormente, qual é o pastor que não defende o seu rebanho? As palavras de Jesus, acerca disto, não são desatualizadas, por Ele não está morto, mas vivo:

«o mercenário que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê o lobo aproximar-se, abandona as ovelhas e foge, e o lobo as arrebatava e dispersa. [...] Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me. [...] Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil: devo conduzi-las também; elas ouvirão a minha voz; então haverá um só rebanho e um só pastor» (Jo. 10,12. 14. 16).

Não há outra forma de definir a missão de pastor do Monsenhor Romero; ou seja, vendo aproximar-se o lobo, ele não fugia, pelo contrário, enfrentava-o e defendia o rebanho sem nunca abandonar as suas ovelhas. Aquele que não é pastor, é o mercenário, diz o Evangelho. Foge, deixando em perigo, e à mercê do lobo, a vida das ovelhas.

2.5 MÁRTIR IN ODIUM FIDEI

No decurso desta nossa Dissertação já nos referimos diversas vezes ao tema do martírio. Parece-nos agora importante dizer algo mais sobre isso, embora sem nos alongarmos muito, visto que o Monsenhor Romero, além de Santo, também é Mártir *in Odium Fidei*, tal como foi declarado pela Congregação da Causa dos Santos.²⁹⁵ É Mártir por “ódio à fé” porque «Romero foi assassinado por defender uma Igreja para os pobres com um papel ativo na defesa e promoção dos seus direitos humanos, exigindo a igualdade no plano económico, social, político e cultural».²⁹⁶ E isto, ainda que tenha sido, muito provavelmente, morto por católicos batizados.

²⁹³ Francisco, 1541.

²⁹⁴ Cf. Colorado, *Sentir con la Iglesia*, 50.

²⁹⁵ Cf. Colorado, 50.

²⁹⁶ Colorado, 51.

Desde logo, etimologicamente falando, a palavra martírio vem da palavra grega μαρτύριον/μαρτύριου, que significa “testemunho” ou “prova”.²⁹⁷ Por seu lado, o *Catecismo da Igreja Católica* diz-nos acerca do martírio: «é o supremo testemunho dado em favor da verdade da fé; um testemunho que vai até a morte. O Mártir dá testemunho de Cristo, a quem está unido pela caridade. Dá testemunho da doutrina cristã. Suporta a morte com um ato de fortaleza» (CCE 2473). Esta é a razão pela qual Romero foi designado Mártir, porque, por amor e para o amor, deu testemunho até ao ponto de dá-lo com a sua própria vida suportando, sem reservas, o sofrimento pela fé informada e conformada pelo amor.

Com efeito, o mártir é um sinal do maior amor, uma testemunha que se colocou a caminho seguindo Jesus Cristo, o mártir por excelência,²⁹⁸ até dar a vida para testemunhar a verdade do Evangelho do Deus-Amor, mas não por impulso voluntarista ou em consequência de uma razão autocrática. É o amor que faz o mártir; é o amor que o faz viver e morrer, antecipadamente e de um modo mais fecundo, em Cristo. E tudo isto, com um coração unido ao coração da Igreja, pois se não existisse a Igreja, também não teríamos mártires, dado que estes que participam, necessariamente, de uma Igreja que leva em si, impressa de modo bem vincado, a *forma Christi* e padece o ódio que tantos nutriram, nutrem e nutrirão, por Aquele.²⁹⁹ João Paulo II diz mesmo:

«A substância do martírio, desde o princípio e no decurso de todos os séculos, está ligada com este nome [Jesus Cristo]. Qualificamos de mártires àqueles cristãos que, no curso da sua história, suportam sofrimentos, muitas vezes terríficos pela sua crueldade *in odium fidei* [...] aqueles que aceitando deste modo os sofrimentos e suportando a morte, deram especial testemunho a Cristo».³⁰⁰

Eis justamente nisto tudo a razão de a Igreja considerar que os mártires são merecedores de uma especial apreciação: eles, seguindo mais intimamente a forma de vida de Cristo, ofereceram, de forma livre e voluntária e especificamente por amor, a vida pelos demais, mantendo-se nessa resolução até ao seu falecimento (cf. *MhD*, introdução), mantendo sempre firme a sua fé no Ressuscitado, como verdade última do sentido da sua existência.³⁰¹ Mais: e nessa morte com o Ressuscitado, eles proclamam o poder da ressurreição.³⁰²

Como cremos que se tornou evidente, o essencial para que alguém seja reconhecido como mártir é o amor. O martírio é doar-se completamente, sem reservas, por amor ao próximo

²⁹⁷ Cf. Isidro Pereira, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, 8.^a ed. (Braga: A.I., 1998), 357.

²⁹⁸ Cf. Enrique Ciro Bianchi, «Apuntes para una recepción eclesial de los martirios de Romero y Angelelli», *Revista Teología*, 126 (2018): 166.

²⁹⁹ Cf. Rino Fisichella, «Martirio», em *Dicionário Teológico Enciclopédico*, ed. Luciano Pacomio, Vito Mancuso, 6.^a ed. (Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011), 602.

³⁰⁰ João Paulo II, «Homília na Concelebração Eucarística na Colina dos Mártires em Otranto» (5 de outubro de 1980), *AAS* 72 (1980): 1011.

³⁰¹ Cf. Rino Fisichella, «Martirio», 602.

³⁰² Cf. João Paulo II, «Homília na Concelebração Eucarística na Colina dos Mártires em Otranto», 1012.

perante as perseguições, sofrendo a morte como aconteceu com Jesus Cristo. A caridade está vinculada ao martírio porque o discípulo, aceitando a morte pela salvação dos homens e derramando o seu sangue, torna-se desse modo maximamente semelhante ao Mestre (cf. *LG*, 96), o Qual é o modelo divino, mais perceptível do ponto de vista humana, da perfeição do Amor (cf. *DPM*, introdução). Sendo assim, compreende-se a razão da Igreja desde sempre ter acreditado nas virtudes dos seus mártires e implorou auxílio a Deus por sua intercessão (cf. *DPM*, introdução).

Se bem sabemos, Romero foi assassinado por Esquadrões da Morte da extrema direita, odiado pela sua obra evangélica em favor dos mais pobres e desamparados. Mas, como já deixámos apontado, Monsenhor Romero já sofria o martírio antes da sua morte e ousaríamos dizer que isso continuou a acontecer depois dessa mesma morte, quase da mesma maneira: sendo difamado e caluniado, inclusive pelos seus irmãos sacerdotes e bispos. Cristo, na verdade, não prometeu sucesso na pregação dos discípulos, quando os enviou a anunciar a Boa Nova, antes diz, aos apóstolos e no Evangelho, que serão presos, perseguidos e entregues às autoridades por causa do seu nome (cf. *Lc.* 21,12). É estranho, assim, ver que a Igreja, nos nossos dias, busca ansiosamente, quer as facilidades nos mais diversos apaziguamentos, quer a fuga das perseguições.

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Pelo Batismo, todos aqueles que recebem este Sacramento são constituídos sacerdotes, profetas e reis. Pela nossa condição de cristãos, todos somos chamados a uma única vocação: a santidade na plenitude do amor na comunhão com Deus. Porém, a realidade mostra-nos que nem todos alcançam esta meta – com ou sem o reconhecimento oficial da Igreja –, sendo ainda menor o número daqueles que a alcançam em associação a um martírio cruento. Mas não só: também são poucos os que, apesar de todas as evidências apresentadas pelo Senhor, atendem ao chamamento para viverem como sacerdotes ordenados como meio concreto de chegarem àquela santidade. Ser pastor, no cenário traçado pela vida de Jesus o Bom Pastor, não significa ser o “dono” das ovelhas; antes cuidar amorosamente destas, procurando aquela que estava perdida e tresmalhada.

Ao longo deste Capítulo vimos que Dom Romero congregou em si tudo o que acabámos de apontar: a santidade; o martírio; o sacerdócio como caminho para a santidade; e uma vida de pastor da Igreja do Senhor em perfeita consonância com os critérios e modos d’Este. Em Dom Óscar vemos o homem e podemos ver o santo, mas por detrás disso tudo está o Senhor; a encarnação do Deus-Amor que Se deu como pauta para a vida de todos nós – em especial os cristãos, que melhor O conhecemos. Dom Óscar também se foi incarnando progressivamente

nas condições generalizadas do povo salvadorenho e, como Jesus, foi erguido na cruz que, em parte, tal povo vivia, e, noutra parte, era infligida ao mesmo por outros membros desse mesmo povo. A Igreja diz-nos que Monsenhor Romero é santo. Que alegria que assim seja. Mas mesmo que não o tivesse dito, o nosso Autor sê-lo-ia para sempre no coração do povo de El Salvador.

CAPÍTULO 3: TEMAS EVANGÉLICOS NAS HOMILIAS DE DOM ÓSCAR

Neste nosso terceiro e último capítulo da presente Dissertação, trataremos de fazer uma análise, pautada pela dinâmica da História da Salvação, dos principais temas evangélicos que estão presentes nas homilias de Dom Romero que elegemos para a elaboração deste trabalho: as da Ceia do Senhor, Domingo de Ressurreição e da Festa de Cristo Rei dos anos em que o nosso Autor foi arcebispo de San Salvador. São, no seu todo, sete longas homilias das quais retiraremos e apresentaremos um leque de temáticas evangélicas que, à medida que estudámos tais pronunciamentos, nos demos conta que era muito características no, e do pensamento e do, e no coração de Dom Romero.

Como veremos, tais temas mostram que Deus também fez uma história de Salvação com o povo de El Salvador – no caso presente, através da mediação de Dom Romero. Na realidade, a escolha da sequência com que faremos a apresentação de tais temas – a pautada pela História da Salvação propriamente dita – não decorre senão de termos constatado, nas homilias de Dom Óscar, essa “particular” história da Salvação levada a cabo por Deus-Amor junto do povo salvadorenho.

3.1 A FÉ E A ESPERANÇA

Dom Romero não tem dúvidas: ser cristão com perfil evangélico é viver arreigado na fé de Cristo e, no que não é totalmente diferente, com a fé em Cristo; aquela fé que alimenta uma esperança comprometida com a transformação da existência. Sabemos que na Sagrada escritura, as palavras fé e esperança são palavras com as quais o homem religioso expressa a sua atitude global frente à divindade.³⁰³ A figura emblemática desta fé é Abraão (cf. *Gn.* 12,1; 15,6), o qual, segundo as palavras do apóstolo Paulo (cf. *Rm.* 4,18), era um homem apoiado na esperança da realização das promessas de Deus.³⁰⁴ Uma esperança que, no caso dos cristãos, decorre de se ser consciente daquilo que somos e daquilo que poderemos chegar a ser,³⁰⁵ e, assim e dado que a meta do ser humano é Cristo e Este – morto e ressuscitado – é a nossa esperança em

³⁰³ Cf. Franco Arduso, «Fe», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, ed. Gianni Ambrosio, (Madrid: San Pablo, 2009), 388.

³⁰⁴ Cf. Franco Arduso, «Fe», 389.

³⁰⁵ Cf. Giorgio Gozzelino, «Esperanza», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 356.

Pessoa (cf. *1Tim.* 1,1; *Tit.* 2,13), abertos ao que Este nos traz, do futuro escatológico, para o nosso presente.³⁰⁶

Eis justamente o motivo de o nosso Pastor dizer: «olhando a Cristo ressuscitado, como se deve de encher de gratidão e de esperança a nossa fé!» (MP 78). Uma fé cheia de gratidão e esperança face àquela grande Maravilha feita por Deus no Senhor – a nossa redenção – e que se prolonga em toda e qualquer Eucaristia (cf. MC 79). É aqui e em mais lado nenhum que está a salvação que, com o nosso amor em obras que nos desinstalam e nos levam à aventura da fé esperante na senda de Abraão (cf. MP 79), se pode tornar na nossa santificação. De modo muito circunstancial, pois atento lucidamente ao que estava a passar-se no ano de 1979, Dom Óscar diz categoricamente para todos os que estavam a ouvi-lo: «atendem bem nisto: sobretudo aqueles que já não têm fé no amor, sobretudo aqueles que têm mais confiança na violência, na guerrilha, na força armada, no sequestro, no terrorismo, não está aí a salvação» (MC 79).

Se assim é, é em Cristo, e em mais ninguém nem em mais nada, que o crente deve colocar a sua esperança. Um Cristo que, contudo, também se concretiza nas pessoas e nas vidas dos seus seguidores; daqueles que comungam daquela Eucaristia; daqueles que são, pelo seu amor, um outro meio d’Aquele transformar o mundo: «aqui na Catedral, Cristo são vocês, irmãos. Este Cristo vive. N’Ele coloquemos a nossa esperança» (MCR 77). Sim: Cristo é a nossa esperança, mas Cristo também é o seu Corpo Místico que é tão a Igreja como a Eucaristia, revelando que a Igreja existe para se dar eucaristicamente numa vida evangélica de proclamação crente, esperante e amante do Reino (cf. MCR 78). Só em Jesus se pode encontrar a solução para todas as grandes questões e inquietações humanas, «porque Ele é a esperança de um povo que peregrina na história martirizado, atormentado, mas com a esperança de uma libertação que há de ser definitiva» (MC 78). A grande fonte da alegria e da confiança mobilizadora do amor é a certeza de que o Reino do Deus-Amor está presente no coração de quem ama como o Senhor amou, e ama, e que tal Reino não terá fim, sendo, desse modo, a pertença a tal Reino «a grande promoção» (MCR 79) a que qualquer ser humano poderá almejar e alcançar.

Como vemos, e tal como não poderia deixar de ser face à natureza dos mesmos, os conceitos ou temas evangélicos da fé e da esperança ligam-se intimamente, sendo, de algum modo e tal como ocorre na História da Salvação, a raiz de todos os demais que trataremos ainda neste nosso Capítulo. A fé é acreditar confiadamente em algo, e em Alguém que dá esse algo, que nos é prometido e este acreditar é o que mantém viva a nossa esperança naquela promessa. Recordemos: Dom Óscar falava de, e para, um povo que vivia oprimido, mas que acreditava e que tinha a esperança posta em Cristo Ressuscitado, o Qual lhes falava, através do nosso Pastor,

³⁰⁶ Cf. nota de rodapé d) da *Bíblia de Jerusalém*, reportando-se a *Rm.* 5,2.

e lhes fazia uma promessa: todo o sofrimento, todo o mal terminaria e, como diz a Escritura, ver-se-iam novos céus e uma nova terra (cf. *Ap.* 21,1-4). O pastor partiu, mas deixou a esperança dos salvadorenhos bem cimentada n'Aquele que havia de vir para cumprir visivelmente o que havia prometido.

3.2 A ALIANÇA E A FIDELIDADE

Vivendo-se na fé e na esperança, a aliança e a fidelidade tornam-se atitudes crentes e evangélicas basilares. Quem crê, confia e espera vive numa relação amorosa de mutualidade fiel, a qual é, por sinal, a moldura da vivência dessas realidades. Como sabemos, a palavra “aliança” normalmente indica na Bíblia a comunhão entre Deus e o homem; comunhão esta que o mesmo Deus quer estabelecer de diversas formas no percurso da história da salvação.³⁰⁷ Com Noé (cf. *Gn.* 6,18), Abraão (cf. *Gn.* 17,2) e Moisés (cf. *Ex.* 20,24), todas as alianças do Antigo Testamento culminam na Nova e Eterna Aliança instituída pelo Senhor na Grande Ceia (cf. *Mt.* 26,27-29) e esta inclui o essencial de todas aquelas levando-as a uma suprema consumação no amor³⁰⁸: a atenção a todos os seres vivos e em especial ao ser humano; a garantia da subsistência de um povo, também ancorada numa terra própria que servisse de “porto de abrigo”; e, enfim, a garantia de que se mantendo dentro dos mínimos da Lei a vida seria humanizada numa comunhão com Deus.³⁰⁹

É evidente que o amor não estava ausente das grandes alianças do Antigo Testamento, e podemos ver isso mesmo na história de Oseias: «Eu te desposarei a mim para sempre, eu te desposarei a ti na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu te desposarei a mim na fidelidade e conhecerás a Iahweh» (*Os.* 2, 21-22). Deus mostra a sua fidelidade através do Seu amor, da Sua ternura, da Sua bondade e é por meio da fidelidade à Aliança que o ser humano conhecerá os seus benefícios, especialmente o verdadeiro amor de Deus – que é a raiz e meta de todos os demais –,³¹⁰ sobretudo mediante a abertura do seu ser à capacidade e disposição de servir.³¹¹

De qualquer modo, é em Cristo, o próprio rosto humano de Deus, que a aliança e a fidelidade se consumam no dom do amor de Deus. Um dom que expressa que é nesse mesmo amor que aquelas duas realidades se podem realizar na certeza de que Deus permanece fiel e

³⁰⁷ Gianni Ambrosio, «Alianza», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 57.

³⁰⁸ Jean Gilet e Pierre Grelot, «Aliança», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, dir. Xavier Léon Dufour, 12.^a ed. (Petrópolis: Editora Vozes, 2013), 26.

³⁰⁹ Cf. William R. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional* (Estella: Editorial Verbo Divino, 2013), 338, 345; Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Antiguo Testamento* (Estella: Editorial Verbo Divino, 2005), 82.

³¹⁰ Cf. nota de rodapé e) da *Bíblia de Jerusalém*, reportando-se a *Os.* 2,22.

³¹¹ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1018.

continuará a amar inclusive àquele que rompeu, do seu lado, a Aliança.³¹² Jesus é a encarnação de Deus-Filho, o enviado do Pai, para ser a vítima de amor que selaria o pacto final, a Nova Aliança, no madeiro da cruz e no sepulcro vazio.³¹³

Dom Romero nunca separa a Aliança do Senhor da aliança judaica; a Páscoa d’Aquele da páscoa israelita, pois a magnitude das primeiras só é compreensível à luz, mais ténue mas tão significativa para o povo oprimido e sofredor de El Salvador, das segundas. É assim que ele, por exemplo, diz: «recordando a velha história da libertação e da aliança [...] a nossa missa tem que ser uma oração de agradecimento ao Senhor porque toda a sua dor da cruz ficou prisioneira nessa hóstia consagrada do altar; e que pelo seu sangue, que assinalou a sua aliança entre Deus e os homens, se atualiza, que esta mesma noite está servindo para afirmar o pacto, a aliança eterna entre nós e Deus» (MC 78). Nós sofremos, mas esse sofrimento já foi libertado de nós e preso, pelo Senhor, no Seu Corpo eucarístico e, desse modo, transmutado no que Ele mesmo é: o Amor humanizado que Se dá no gesto de amor personificado que O dá em alimento da nossa vida que ser quer fiel à Aliança de amor por Ele instituída (cf. MC 78); fiel ao eterno «pacto de amor que Deus faz com a humanidade!» (MC 79).

Ser fiel a este pacto no meio das tribulações, perseguições, violências e mortes parece «uma loucura e uma subversão» (MCR 78), mas não o é. É, isso sim, viver no amor que só ele permite que se viva em aliança com o Senhor (cf. MC 79) no Qual «se dá o testemunho mais eloquente da fidelidade de Deus. Cristo é a promessa cumprida, Cristo é a fidelidade de Deus, Cristo é a verdade» (MCR 79). Só assim a história, as pátrias de cada um serão resgatadas de tudo os que as dilacera: mediante uma entrega das nossas pessoas ao amor misericordioso que liberta (cf. MC 79) e nos ajuda a libertar: os demais de si mesmos e uma própria natureza de uma exploração selvagem das reservas de que a humanidade necessita para sobreviver, viver e viver bem (cf. MP 79).

Como pudemos constatar, as alianças que Deus faz, fá-las através de uma promessa em que Se dá a conhecer. Assim, a única forma de o ser humano garantir, do seu lado, o pacto de amor é vivendo, seja a confiança ativa pelo amor, seja aquela fidelidade que é uma propriedade essencial do amor.³¹⁴ A conduta amorosa e fiel de Deus para conosco convida-nos poderosamente à confiança e à fidelidade que – incarnando-se na libertação celebrativa de todas as escravidões, pela doação, em serviço, das nossas pessoas em alimento da verdade dos demais

³¹² Cf. Gianni Ambrosio, «Fidelidad», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 405-406.

³¹³ Cf. nota de rodapé b) da *Bíblia de Jerusalém*, reportando-se a Mt. 26,28.

³¹⁴ Cf. G. Capelli, «Fidelidad», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso, 6ª ed. (Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011), 391.

e do restante da Criação – se desdobram num conjunto de outras realidades – ou temáticas – evangélicas que ponderaremos a continuação.

3.3 O ANÚNCIO E O TESTEMUNHO

Já fomos vendo, sempre tocando inevitavelmente no amor – origem e meta de todas as realidades evangélicas que apresentámos e apresentaremos –, que a fé e a esperança são vividas na moldura da aliança fiel que se desdobra no serviço. Entre as diversas dimensões deste serviço, e quase como “mãe” do mesmo porquanto dador do seu sentido e finalidade, há duas especialmente importantes: o anúncio e o testemunho. Desde logo, o anúncio é uma notícia que se recebe ou se dá, sendo que, em contexto bíblico, ela adquire uma tonalidade peculiar no âmbito de uma profunda experiência religiosa³¹⁵: trata-se de alguém dar a conhecer as obras amorosas de Deus e a Sua vontade salvífica. O anúncio, nesse sentido e maximamente no caso de Jesus – o “anunciador” tornado o “anunciado” –, garante a proximidade amorosa de Deus.³¹⁶

Esse anúncio, por conseguinte, é inseparável do testemunho, pois para que um anúncio seja acolhido, é preciso que haja o testemunhar. Na linguagem teológica cristã, este testemunhar é a comunicação de uma realidade conhecida diretamente, dirigida a outra pessoa, a fim de que esta possa participar dessa realidade ou verdade garantida pela pessoa mesma da testemunha.³¹⁷ De modo especial, o testemunho dos cristãos passa pelo dar a conhecer pela própria vida, ações e palavras a realidade histórica da identidade divino-humana de Jesus e, conseqüentemente, da Sua mensagem. E isto, por um lado, numa continuidade, graças à acção do Espírito, entre essa Sua identidade e a da comunidade crente³¹⁸ patente em *At.* 1,8, e, por outro lado, com o conteúdo completo do testemunho indicado em *Lc.* 24,48-48, onde se constata que o mesmo é um testemunho cristológico das Escrituras,³¹⁹ que suscita a fé em quem o acolhe³²⁰.

Para Dom Óscar, todo o batizado está capacitado para ser, e até deve ser, um anunciador testemunhante. Isto não é opcional; é inerente à própria vida batismal, seja dos sacerdotes e consagrados, seja, como refere o nosso Autor, dos próprios pais, pois estes são «sacerdotes e profetas em sua casa, devendo corrigir e orientar, donde não há ninguém que não tenha uma missão profética de anunciar o Reino de Cristo, de denunciar os pecados contra este Reino, e

³¹⁵ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Antiguo Testamento*, 214.

³¹⁶ Cf. «Testimonio», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, ed. Gianni Ambrosio. (Madrid: San Pablo, 2009), 925.

³¹⁷ Cf. «Testimonio», 925-926.

³¹⁸ Cf. William R. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1376.

³¹⁹ Cf. Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento* (Estella: Editorial Verbo Divino, 2004), 212.

³²⁰ Cf. Rino Fisichella, «Testimonio», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 976.

de atrair todo o mundo para o mesmo» (MCR 77). Note-se que, para Dom Óscar, ninguém é testemunha sozinha, de modo isolado, antes apenas enquanto membro de uma Igreja que, pelo amor entre os seus membros e o amor destes com os demais, é o anúncio do Reino e a garantia de que este já está presente nas feridas e alegrias da história, seja para debelar aquelas, seja para densificar estas (cf. MCR 79) ao visibilizar que isso só é possível pois «Cristo Ressuscitou! Esta é a grande notícia!» (MP 79) – aquela, justamente, que todos precisam de conhecer.

A Igreja, tenda de apoio para os que anunciam testemunhando, não existe para si, antes, e quase apenas – senão mesmo apenas –, para ser toda ela um sinal que aponta, visível e credivelmente, para o Senhor e o Seu Reino maximamente presente, do ponto de vista humano, nessa mesma comunidade de crentes que o instaura em todas as latitudes e povos (cf. MCR 79). Isto não será facilmente fácil, pois, como advertiu o nosso Autor, anúncios contrastantes impedem, frequentemente, a aceitação da mensagem de Jesus e até criam anticorpos contra aqueles que a anunciam pelo testemunho das suas vidas (cf. MP 78). Essa dificuldade, contudo, não desanima a Igreja, sendo que ela continua «a apresenta[r] o rosto de Cristo paciente, disposta ainda a ser cuspidada, a ser açoitada, a que a difamem, mas sabendo que, por dentro, no seu coração, leva a esperança, a grande missão de Nosso Senhor Jesus Cristo» (MP 78) a todos – inclusive aos que a perseguem.

Não se é testemunha só por ouvir dizer; não basta ter ouvido e visto. Precisamos de ser parte do acontecimento. Jesus anunciou o Reino, que era Ele mesmo; os apóstolos, vivendo já nesse Reino, anunciaram a Jesus e à vinda do Espírito Santo; nós, cristãos de hoje, entregamo-nos, de coração e de mente, à mensagem que chegou a nós através d’Aquele, daqueles, dos seus sucessores e de todo um conjunto muito mais imenso de pessoas que viveram no seguimento amoroso a Jesus. Os demais, que não são cristãos e mesmo sem o saberem, anseiam pelo nosso anúncio testemunhante, do qual, mesmo no meio das maiores dificuldades, não nos podemos furtar sob pena de traírmolos, quer a nossa identidade cristã, que a nossa missão de cristãos. O anúncio, que é nossa vocação, interpela, porque por ele comunica-se uma notícia de grande importância; o testemunho, que é nossa missão, também nos interpela, porque nos impele a pensarmos o que será de nós, e dos demais, se não anunciarmos a luz do Evangelho do Amor.

3.4 A INCARNAÇÃO E A LUZ

A Encarnação de Deus é condição fundamental para anunciar e testemunhar, maximamente e à humanidade, a Luz que o Deus-Amor. Nesse sentido, não é de espantar que estes dois temas surjam intimamente associados desde a Sagrada Escritura (cf. *Jo.* 1,9-14) às próprias homilias de Dom Óscar Romero que estamos a estudar. Faz, assim e tal como tem sido

– e continuará a ser – o nosso cuidado, todo o sentido agrupá-las nesta subseção do presente Capítulo. O Verbo de Deus, incarnando, assumiu, de uma vez por todas e para todo o sempre, a condição humana, em todas as suas grandezas e fraquezas – exceto, como sabemos, o pecado (cf. *Hb.* 4,15).³²¹ Em Jesus, Deus estabeleceu a Sua tenda no meio da humanidade em forma corporal e visível;³²² fez a plenitude da divindade presente corporalmente no meio de nós (cf. *Col.* 2,9), revelando e comunicando, pela missão de Jesus, o mistério da Sua intimidade.³²³

Ao fazer isto, Deus ilumina, com a sua própria Palavra iluminadora, a humanidade, a Criação e a relação que estas devem ter entre si desde a relação que o ser humano iluminado estabelece com Ele, libertando o ser humano do desnorte da perdição a que as sombras provocadas pelo pecado lhe haviam suscitado³²⁴. «Eu sou a luz do mundo – diz Jesus. Quem Me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida» (*Jo.* 8,12) e consoante acolhamos ou não essa iluminação tornamo-nos, respetivamente, mais humanizados e mais cristificados – a ponto de nos fazermos como que luz na Luz³²⁵ –, ou, então e pelo contrário, mais desumanizados e mais afastados da nossa meta que já sabemos ser o Senhor³²⁶. Luz nas Luz; isto é, que sejamos, desde o batismo que nos enxerta em Jesus-Luz³²⁷, pessoas que somos: transfiguradas no Transfigurado; filhos no Filho; verdade na Verdade; amor no Amor e, assim, deem frutos de amor em abundância pelo meio dos mais ou menos sombrios cantos da existência humana.

Dom Óscar é, mais uma vez, um exímio concretizador da mensagem bíblica acerca dos temas que estamos a ponderar na realidade concreta para a qual escreveu as homilias que estudámos e aqui estamos a dar a conhecer. Para o nosso Autor, Jesus é «a Palavra que contém nela todo o criado e o infinito de Deus; sim: Ele é essa Palavra que Se faz homem» (MCR 79) e ilumina o ser humano e, por este, todo o restante da Criação. Ilumina, nomeadamente, capacitando-o a assumir o Seu próprio triplo múnus «cristológico (profeta, sacerdote e rei) que o Batismo dá a cada batizado para que colabore com Cristo» (MCR 77) em todas as dimensões da sua vida e dentro da especificidade da forma de vida que cada um acabar por eleger como aquela em que mais poderá vir a amar melhor (cf. MP 78).

Ao fazer-Se, por nós (cf. MP 79), humano e morrendo e ressuscitando, Deus incarnado mostra que não é um observador distante das peripécias humanas, antes Alguém que «nos

³²¹ Cf. nota de rodapé d) da *Bíblia de Jerusalém*, reportando-se a *Jo.* 1,14.

³²² Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1329.

³²³ Cf. Franco Giulio Brambilla, «Encarnación», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 345-346.

³²⁴ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1344-1345.

³²⁵ Cf. Lisa Cremaschi, «Luz/Tinieblas», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 614.

³²⁶ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 558-559.

³²⁷ Cf. R. Gerardi, «Luz», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 584.

compreende intimamente; que sente o cansaço, o suor e a angústia do homem em que estão escondidas a própria dignidade irrefragável de Deus» (MP 78). Por outras palavras: seja em que condições e circunstâncias que alguém viva, aí está Cristo a revelar-lhe e comunicar-lhe o Seu próprio valor; a Sua própria grandeza que, por tanto, não precisam de ser conquistadas violentamente, mas acolhidas no amor. Eis porque Dom Óscar diz: «não termos nada que mendigar as políticas da terra quando nós temos uma luz que ilumina todas essas políticas» (MCR 79), mas somente conquanto não a vivamos com um rosto hipócrita: umas vezes sendo por Cristo e outras contra Ele (cf. MP 79). Ou seja: conquanto procuremos «sempre fazer[mo]-se luz mutuamente com um diálogo sincero, guardando a mútua caridade e solicitude principalmente pelo bem comum» (MCR 79).

Sermos luz em Cristo-Luz é um serviço insigne na continuação do grande serviço que Deus faz ao ser humano ao ter vindo incarnar no seio de Maria. Assim, do mesmo modo que Ele Se humanou para nos divinizar pelo amor – ou seja, para amorizar o nosso ser –, também devemos incarnar nas realidades em que vivemos para as iluminar com o nosso amor que testemunha que elas são incondicionalmente amadas por Deus. Se um de nós se encontrasse num lugar fechado, sem luz e, assim, completamente às escuras, podia magoar-se, pois não veria absolutamente nada. Só uma luz poderia indicar-lhe a saída e se ele a encontrasse, ele descobria, afinal, onde e como ele se encontrava; ou seja, onde estava situado. No fundo, o serviço que a luz faz é a de nos colocar na realidade e de nos mostrar a realidade da qual não somos totalmente separáveis, dado que também é desde dela que adquirimos a nossa “carne”; isto é, a nossa condição humana necessitada de ser sanada, para, depois e incarnando cada um de nós e com amor nas circunstâncias dos demais, os sanarmos e chamar a uma amorização humanizante que realize as suas verdades na Verdade que é o Senhor.

3.5 A JUSTIÇA E A VERDADE

Não é possível viver nenhum dos traços evangélicos anteriores – nem, por sinal, os que ainda viremos a ver – se não se viver com empenho na justiça e na verdade; na Verdade que leva à justiça de Deus que clama pela justiça entre os homens; na Justiça de Deus que leva à relação verdadeira com Este e os demais. Note-se que a Sagrada Escritura refere que Deus é justo de um modo diferente dos juízes humanos (cf. *Ex.* 23,6-8), os quais, infelizmente, aceitam subornos para fecharem os olhos à verdade sempre que é conveniente para si e os poderosos.³²⁸ Isso não acontece com Deus, que não Se afasta da verdade do Amor que é, e, por conseguinte, está sempre ao lado de quem é vítima verdadeira de injustiças humanas, mormente aqueles que

³²⁸ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Antiguo Testamento*, 85.

o são por causa da sua fidelidade ao Senhor; da sua fidelidade à aliança do amor estabelecida por Este (cf. *Mt.* 5,10).³²⁹

Sim: a verdade liberta (cf. *Jo.* 8, 31-32), mas apenas se conhecermos a Verdade dada a conhecer e a viver pelo próprio Jesus; aquela verdade que é a revelação de Deus, que se cumpre em Jesus Cristo.³³⁰ Liberta pois esclarece o que somos e o que devíamos ser; onde estamos e onde deveríamos estar; o que fazemos e o que deveríamos estar a fazer.³³¹ Libertação custosa, portanto, também porque comporta um admitir-se que não se está na posição justa face a Deus, a nós mesmos e aos demais e que o encetar um tal reajuste provocará atritos no nosso egoísmo ao o Filho, em nós, nos devolver a nossa identidade de filhos de Deus, deixando-nos entrar em Sua casa, tal como fez o pai do filho mais novo de *Lc.* 15.³³² Eis a verdadeira justiça de Deus: não a legal, mas a do Seu amor sempre fiel e protetor; não a punitiva, mas a da misericórdia que perdoa e salva; não a castigadora, mas a gratuitamente libertadora que dota de sabedoria e bondade o ser humano que nela vive,³³³ para, podendo este reconhecer que Deus deseja a salvação dos homens e não uma revolução social, ele transformar, com Deus e não só pelas mãos humanas, as estruturas da sociedade fecundando-as com o amor.³³⁴

El Salvador nos anos em que Dom Óscar foi Arcebispo de San Salvador era uma sociedade mais dilacerada do que nunca: políticos contra políticos; militares contra militares; guerrilheiros contra guerrilheiros; etc. Quase que todos contra todos. Face a esta realidade, o nosso Pastor é inequívoco: «a causa dos nossos males (...) está na injustiça social» (MCR 79); quer dizer: na iniquidade das leis despóticas de quem não se reconhece administrador amoroso de algo que não é seu (cf. MCR 77). De quem, assim e em vez de proteger os mais necessitados, anda de mãos dadas com os ricos e poderosos para encher a sua conta bancária em vez de cuidar do bem-comum. Sem amor na lei – sem esse amor que dá sentido às leis humanas –, as palavras legais são meros meios de promoção de uns e de escravidão de outros (cf. MCR 77).

Face a isto, a lei não deve ser pensada como o meio prender, mas de promover a liberdade integral que culminará, por caminhos porventura tortuosos, naquela «verdadeira liberdade que é a liberdade de acreditar, a liberdade para ir a professar a verdade que se encontrou, a verdade da nossa fé» (MCR 78). Ou seja: repressão não levará a lado nenhum exceto a mais condições propícias para a injustiça; o que é necessário é ouvir a Cristo, «o profeta das verdades do Reino

³²⁹ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1156.

³³⁰ Cf. Rino Fisichella, «Verdad», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 1017.

³³¹ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 560.

³³² Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1345.

³³³ Cf. «Justiça», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 512-513.

³³⁴ Cf. Gianni Colzani, «Justicia», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 556; Tommaso Stancati, «Justicia», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 544.

de Deus, as belezas da sua verdade e a escuridão do pecado» (MCR 77). Isto permitirá que se reconheça que os injustiçados não clamam por sangue, nem por poder. Eles clamam, isso sim, tão-somente por «mais justiça, por mais caridade, por mais ordem, mais fraternidade» (MCR 77).

A estes, deve a Igreja – que «não se pode comprometer com nenhum regime político» (MCR 79), antes em todos deve fazer brilhar a justiça e a verdade que são a essência da civilização do amor (cf. MP 78 e MC 79) – trazer à tona o Reino que fará resplandecer «a verdadeira justiça que hoje é tão ridicularizada até nos mais altos tribunais» (MCR 78). De facto, a Igreja de Cristo existe para ser testemunha audaz da verdade fiel do amor divino que traz justiça, igualmente fiel, àquele que crê (cf. MCR 79). Testemunha audaz, sim, mas também humilde, pois não possui o monopólio da verdade – só Cristo o tem –, antes é uma servidora dessa verdade que é acolhida por todo o «coração do homem que queira ser verdadeiramente livre» (MC 78).

Concluindo, podemos dizer que a justiça e a verdade têm um tema evangélico em comum, já anteriormente estudado: a fidelidade. Ninguém pode viver na verdade e ser justo se não praticar a justiça n’Aquele único que disse ser a Verdade por excelência: Jesus Cristo, o Enviado, o Messias. É dele que surgem estes dois temas: Ele é a fonte de onde eles dimanam e a meta em que ambos se cumprem. O Seu Reino não terá fim, porque é um Reino de amor. Não existe outra verdade senão aquela que Cristo anunciou e comunicou com a Sua morte e ressurreição: que a humanidade ressuscitaria com Ele para d’Ele recebermos uma vida nova e em plenitude. Não há outra justiça senão aquela que Ele praticou ao deixar-Se imolar pelos nossos pecados, ao deixar-Se crucificar para que fossemos salvos. Fora de Cristo, toda a verdade e toda a justiça humanas só podem, na melhor das hipóteses, ser parciais. Com Ele e n’Ele, elas tocam a esfera divina e trazem até nós o Reino.

3.6 A LEI DO AMOR E A LIBERDADE

Acabámos de falar, no apartado anterior, da lei, quando abordámos o tema evangélico da justiça, mostrando – também aí e tal como já aconteceu, e ainda vai acontecer, com as demais temáticas evangélicas deste nosso terceiro Capítulo –, a ligação entre esse tema e o amor. Agora trataremos mais explicitamente da ligação existente entre a Lei do amor, que é o próprio amor, e a liberdade, em que tal amor se realiza. Sabemos que o termo *torah* perde muito da sua significação quando é traduzido para grego, latim e outros idiomas, pois estes geralmente reduzem o seu significado, atribuindo-lhe uma conotação jurídica que inicialmente ele não

possuía, pois traduzia os ensinamentos dados por Deus nas diferentes situações particulares.³³⁵ Eis porque Paulo diz que «Jesus é o cumprimento da lei» (*Rm.* 10,4): Ele – sem negar nada do anteriormente dito, antes o levando à sua perfeição no amor (cf. *Mt.* 5,7-18) – é o ensinamento definitivo de Deus para o ser humano; Ele é a chave que abre todas as portas das circunstâncias em que vivemos, dando-lhes uma dimensão cristológica que é a única substancialmente real e verdadeira.³³⁶

Para se cumprir a lei de Deus é necessário o amor e o amar (cf. *Mt.* 22, 34-40), pois o amor é a sua origem, o seu núcleo central e a sua meta. Ou seja: o amor compendia a lei e tudo o mais se fundamente nele.³³⁷ Não apenas o amor a Deus, evidentemente, mas, igual e inseparavelmente, o amor aos demais, pois não se pode amar a Deus se não se ama a uma pessoa como filho de Deus.³³⁸ Para isto é necessário o bom uso do livre-arbítrio – a possibilidade de se escolher – e a liberdade – o escolher o que permite amar mais e melhor tendo em vista o que mais edifica a comunidade e, assim, a nossa própria autenticidade pessoal (cf. *ICor.* 6,12).³³⁹

Não foi senão para isto que Cristo nos libertou egoísmo, do pecado e das amarras legalistas da lei e seus sucedâneos: para sermos livres e, assim, consumarmos o amor e vice-versa: para, amando, sermos realmente livres (cf. *Gl.* 5,1-2).³⁴⁰ Por outras palavras: Jesus libertou a nossa liberdade para, assim, vivermos nela e no amor que ela permite e supõe. Eis a lei nova do amor: nova, sim, pois baseia-se na própria liberdade de Cristo que pode ser por todos vivida desde o coração liberto do entulho do egoísmo, da maldade, da falsidade e repleto da Cruz e do vazio cheio de amor do Sepulcro.³⁴¹

Dom Óscar sabe bem que o amor é a essência do Reino de Cristo; do Reino do Deus-Amor feito Homem. A Sua ação governativa, santificadora e de julgar pauta-se, e pautar-se-á sempre, por não ser senão um expressar do amor, donde, «quando Cristo julga segundo a lei do amor, é legislador e é juiz, e apartará a uns dos outros» (MCR 78); quer dizer: àqueles que viveram segundo o amor daqueles que o desprezaram, pois no Reino do Amor só quem ama pode entrar. Este viver a amar traduz-se, notavelmente e dentro do ambiente que o nosso Autor estava a viver, por se reconhecer que «não é justo odiar ao rico, nem desprezar ao pobre, porque é a lei do amor que Cristo quer estabelecer na terra» (MCR 77). Não, pois, outra lei que não a

³³⁵ Cf. Giannino Piana, «Ley», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 573-575.

³³⁶ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 82-83.

³³⁷ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, 120.

³³⁸ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1196.

³³⁹ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 322; Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1469

³⁴⁰ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 302.

³⁴¹ Cf. Mauro Cozzoli, «Libertad», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 568.

do amor, que não despreza quem quer que seja, pois, «o novo povo de Deus, que surge da Nova Aliança, tem por lei o novo mandato de amar tal como o mesmo Cristo nos amou a nós» (MC 79, p. 3): a todos e até o fim. Se é “até ao fim” (do amor) e o amor não tem fim, isso é a garantia que o Reino do Senhor será eterno, ao contrário de todos os demais que se baseiam no que é oposto ao amor, nomeadamente repressão, violências, ódios (cf. MCR 78).

Para que o mencionado seja viável, a liberdade é fundamental. Não apenas aquela liberdade que é, e deve urgentemente ser, garantida humanamente e pela qual a Igreja deve pugnar dentro das suas competências, para, se não o lograr um dia, poder dizer, de consciência tranquila e a Jesus-Juiz: «Senhor temos feito tudo o possível, mas as forças do mal têm sido poderosas» (MCR 78). A liberdade é isso, certamente, mas deve ser mais do que isso e chegar à liberdade de crer e de poder crer (cf. MCR 78) no amor inseparável da verdade e da humildade. Para tudo isto é essencial almejar-se, e construir-se, a liberdade de, na senda de Jesus, se libertar do próprio egoísmo para a todos servir incondicionalmente (cf. MC 77). Eis a liberdade capital. A de que precisa qualquer construtor do Reino e, em especial, os que, como os destinatários mais diretos das palavras de Dom Óscar, vivem no meio de dificuldades humanas tremendas que só podem ser mudadas por tal liberdade que permite o, e é culminada no amor.

Assumindo o Coração de Jesus – que veio libertar a todos «do pecado, da morte e do inferno» (MC 78) e permiti-los a viver desde aquela liberdade amorosa e amante que, por mais que o prometa ilusoriamente, mais ninguém pode conferir (cf. MC 79) –, os crentes que viverem como antes se apontou tornar-se-ão «corações humildes, corações nos quais brilha[rá] o amor como característica cristã» (MC 77). Mas não só: eles, como afirma o nosso Autor na homilia para a missa Crismal de 1978 serão capazes de – «a partir da ressurreição do Grande Libertador [Jesus]» (MC 78), cujos frutos lhes é comunicada aquando do Batismo – lutarem no amor por um Mundo humano e criatural mais justo e, assim, edificarem a civilização da Nova Aliança, a qual não é senão a «a civilização do amor no qual se involucra também, a justiça, a verdade e a liberdade» (MC 79).

Deus-Amor, como o primeiro legislador, não legislou, nem legisla, o que quer que seja senão desde o amor e tendo em vista o amor. Assim, e logo no que concerne ao Povo de Israel, Ele deu-lhe uma lei que não deveria ser um jugo, antes um conjunto de ensinamentos amorosos que lhe deveria permitir viver numa harmonia humanizadora que os abrisse à possibilidade de acolherem a chegada prometida do Messias. Com a encarnação de Deus-Filho, Este mostra cabalmente que a lei não tem sentido, nem é fecunda, senão desde o amor, razão pela qual a plenificou pela Sua morte e ressurreição no amor que dá a força necessária para que os Seus seguidores vivam no amor que liberta e na liberdade que permite o amor. Por outras palavras:

que arregacem as mangas e levem todas as consequências do amor a todos os âmbitos das suas vidas, de modo a serem, eles mesmos, agentes de transformação do Mundo em Reino.

3.7 A MISERICÓRDIA E A SALVAÇÃO

Deus, podemos ler em *1Cor.* 1,3, é «Pai das misericórdias e Deus de toda consolação» e desde que o ser humano se fez pecador e tornou padecente, agiu misericordiosamente para com este movido pelo seu imenso amor, entra na história do homem para fazer dela uma história de amor³⁴². Quer dizer: agiu com um amor transfigurado pela Sua compaixão para com este, e, no momento oportuno, interveio na História da Salvação pelo Seu Rosto: Jesus o Senhor. Jesus é a perfeição da misericórdia, convidando a todos os discípulos e aqueles que o escutavam a serem misericordiosos como o próprio Deus (cf. *Lc.* 6,36), naquilo que se tornou uma condição essencial para entrar no Reino do Amor (cf. *Mt.* 25,44-46).³⁴³

Isto é mesmo a razão de, no centro das Bem-Aventuranças, se encontrar a referência nuclear à misericórdia (cf. *Mt.* 5,7), fazendo referência ao amor constante, salvífico e redentor de Deus que deve refletir-se no povo de Deus, pois os que procuram o amor fiel de Deus no Reino são os que o praticam de modo universal e incondicional, inclusive aos inimigos, e o obterão.³⁴⁴ O essencial para ser salvo é acreditar, é ter fé, notavelmente em Cristo o Salvador³⁴⁵, mas tal fé deve ser operativa pela misericórdia que separa o que há de trigo e de joio em cada um.³⁴⁶

Sim: a salvação veio pessoalmente ao Mundo, e Deus deseja a salvação de todos os seres humanos (cf. *1Tm.* 2,4), e por isso a todos resgatou, tornando de cada momento o “momento favorável” (cf. *2Cor.* 6,1-2) que convida à conversão e à construção pelo amor da fecundidade da salvação em nós.³⁴⁷ No fundo, Deus é o Deus da misericórdia que procura a conversão do homem pecador que se arrepende em busca da sua salvação,³⁴⁸ mas isto depende em muito de nós. Depende que, pela graça do Batismo e por outros caminhos insondáveis da Sua misericórdia que chega até onde a água batismal não chega, renunciemos a querer salvar a nossa própria vida, antes nos unamos a Cristo a caminho da Cruz do amor para que seja o mesmo Cristo que viva em nós.³⁴⁹

³⁴² Cf. Costante Brovotto, «Misericordia», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 654-655.

³⁴³ Cf. Jules Cambier e Xavier Léon-Dufour, «Misericórdia», 612-613.

³⁴⁴ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1155; Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 81

³⁴⁵ Cf. Colomban Lesquivit e Pierre Grelot, «Salvação», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 961-964.

³⁴⁶ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1201.

³⁴⁷ Cf. nota de rodapé g) da *Bíblia de Jerusalém*, reportando-se a *2Cor.* 6,2.

³⁴⁸ Cf. Jules Cambier e Xavier Léon-Dufour, «Misericórdia», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 609-610.

³⁴⁹ Cf. Lisa Cremaschi, «Salvación», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 873.

O nosso Autor, ainda e sempre falando de modo incarnado para a sua realidade envolvente enquanto Arcebispo de San Salvador, não tem dúvida: ser cristão é «olhar a Cristo no doente, no cego, no inválido, no pecador, [e isso] é a misericórdia, é o amor de Deus pelos caminhos desta terra» (MCR 79). Se Deus não quer a morte dos pecadores, mas de que se arrependam e vivam, é essencial que, radicados na vivência anual da Semana Santa que se repercute ao longo de todo o restante calendário litúrgico anual, cada um se abra ao perdão de Deus (cf. MP 79) e o viva no quotidiano das suas vidas. Infelizmente, a verdade é que nem todos viverão assim, e, em vez que acolherem tal perdão comunicado pela Igreja, «a caluniam e a desprestigiam, colocando muralhas ao Reino de Deus e pecando contra o Espírito Santo» (MCR 77), encaminhando-se inexoravelmente para as trevas onde não chega a luz do Reino nem a «misericordiosa libertação» (MC 79) definitiva de Deus.

De facto, e embora não exclusivamente, a Igreja é a concretização na história do começo do Reino, sendo que, por outro lado, a pertença nominal a esta não basta para a salvação (MCR 77), pois o amor é o fundamental. O amor dado a viver por Cristo que «é o sacramento do divino; é o caminho, a verdade e a vida; só aquele que caminha por Ele encontrará a salvação» (MP 78). E quem é que sabe quem é tem o seu coração a caminhar por esse caminho que é o Salvador? As aparências podem iludir; a exterioridade pode enganar; e embora cada um possa ser conhecido pelos seus frutos, devemos olhar para todos, não como pecadores – mesmo que pequem, e até pequem imenso –, mas como pessoas infinitamente amadas por Deus e, assim, merecendo não ser jamais apartadas por nós, pois «sempre há algo bom, até no coração do mais mau: salvemos este algo bom, como Cristo desde a Sua cruz ama e quer salvar» (MC 79).

Pudemos ver neste apartado, inclusive na sua manifestação da ligação indivisível entre os dois temas evangélicos nele tratados, que o desígnio de salvação que Deus tem preparado para cada ser humano, encontra a sua origem no Seu amor e misericórdia. Isto é, no fazer o bem para cada um de nós e nos estimar com compaixão infinita e incondicional. De facto, Deus, ao levar a cabo tal desígnio salvífico, inicia um plano de amor, porque somente quer o bem para o homem, a sua conversão e a sua salvação.

Por seu lado, o homem somente pode ter misericórdia se aceita a misericórdia de Deus e se já experimentou a Sua compaixão e benevolência. O homem não pode amar sem antes ser consciente que Deus o ama tal como é, mas vivendo assim, o ser humano assume, de modo bem dirigido ao amor, a capacidade de aceitar a salvação de Deus: Deus dotou o homem de uma liberdade que nem se quer Ele mesmo pode violar. Ele coloca-nos tudo para que vejamos a sua misericórdia, para que, sem qualquer intenção de nos complicar a vida, possamos encontrar, n'Ele mesmo e n'Ele nos demais, a salvação. Esta não está longe de nós, em realidades abstratas

e teóricas, mas nos eventos mais banais da nossa existência, pois em todos estes o amor pode imperar.

3.8 O SEGUIMENTO E A SANTIDADE

Já o fomos vendo em diversos momentos da nossa exposição até este momento: Deus, do Seu lado, já fez tudo por nós, mas nós não nos podemos demitir da nossa responsabilidade em colaborar com Ele, seja no que a cada um de nós diz respeito, seja no que concerne àqueles com quem nos cruzamos na nossa vida. Para que isto seja uma realidade, há que aprendermos as motivações de Jesus e, seguindo a Este, caminharmos para a santidade. Partirmos de onde estamos para seguirmos ao Senhor é reconhecer a primazia do enamoramento da Sua Pessoa na nossa vida, afastando-nos dos enredos do mundano.³⁵⁰ É querer estar com Ele para fazermos parte da Sua própria missão de congregarmos, não adeptos momentâneos, mas pessoas que realmente, e sem reservas, queiram formar parte do Reino de Deus;³⁵¹ do Reino do Amor santificante; do Reino em que tudo o que não é amor é posto de lado pois é o Reino do Deus infinitamente santo nesse mesmo Amor.³⁵²

Com efeito, Jesus é o Santo de Deus, Aquele em que nada de pecado estava presente, por mais que vivesse entre os pecadores e até os mais graves pecadores.³⁵³ Jesus não veio estabelecer um *club* social, uma agremiação de bem-estar. Ele veio para nos libertar do que nos faz violência contra a nossa verdade: o mal do egoísmo que impede que vivamos o Reino de Deus que já se encontra entre nós.³⁵⁴ Para isso, Ele, sendo Deus-Amor em Quem nada pode haver de contrário a tal Amor – como, por exemplo, a coação –, conta com a nossa disponibilidade e fidelidade, seguindo-O comunitariamente³⁵⁵ numa renúncia voluntária a todas as coisas que o mundano nos oferece e numa aceitação igualmente voluntária de todas as consequências do amor vivido em comunhão com Ele.³⁵⁶ Isto custa, e sabemos que nos perseguirão por recusarem o nosso amor decorrente do amarmos ao Senhor, mas também sabemos que isso é apenas uma face que, do outro lado e por um dinamismo próprio ao amor, estará ressurreição e a vida em plenitude.³⁵⁷ Ou seja: a santidade.

Esta santidade não é um ideal irreal; todos podemos, em colaboração com o Deus que só Ele pode ser a base da santificação, separar-nos do que não é amor; de vivermos a alegria plena;

³⁵⁰ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 79.

³⁵¹ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1153.

³⁵² Cf. nota de rodapé i) da *Bíblia de Jerusalém*, reportando-se a *Is.* 6,3.

³⁵³ Cf. notas de rodapé e), f) e h) da *Bíblia de Jerusalém*, reportando-se a *Mc.* 1,23-26.

³⁵⁴ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1219.

³⁵⁵ Cf. Bruno Maggioni, «Seguimiento», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 883.

³⁵⁶ Cf. Charles Augrain, «Seguir», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 978-979.

³⁵⁷ Cf. Bruno Maggioni, «Seguimiento», 833.

de termos a força, o sustentáculo, a salvação e a redenção que vêm de Deus. É este o motivo pelo qual Deus se tem feito presente na vida do homem e por isso Ele ao Mundo o Seu Filho, para que todo aquele que acredite seja salvo (cf. *Jo.* 3,5) através do Seu sacrifício na cruz e o envio do Seu Espírito.³⁵⁸ A santidade não se compra; santidade não se obtém por arte de magia; a santidade é um dom de Deus; é participar por graça da mesmíssima santidade de Deus que nos leva a praticá-la na concretização amorosa do próprio seguimento de Jesus na caridade e o amor ao próximo.³⁵⁹

Dando atenção, agora, ao que Dom Óscar Romero referiu acerca dos temas evangélicos tratados neste apartado do presente capítulo da nossa Dissertação, comecemos por fazer notar que ele é absolutamente claro a respeito do facto de que a vida do Senhor não foi ser um *placard* móvel onde estivesse inscrito um conjunto de preceitos morais que deveriam de ser seguidos. De modo algum: «neste Cristo que passou fazendo o bem e no Qual estava Deus em toda a Sua plenitude» (MP 78) encontrou-se e encontramos a felicidade em Pessoa; aquela Pessoa que é exemplo espiritual íntimo do que é a genuína humanidade e a verdadeira divindade; do que é a santidade humana segundo a mais plena Santidade divina. Segui-Lo, por conseguinte, é viver com Ele no coração e nas mãos para se «levar o Mundo no coração e santificá-lo segundo Deus» (MCR 77).

Esta é a própria missão da Igreja: «distribui[r] a vida divina que Cristo trouxe ao Mundo [através de corações que encontraram] o perdão, a paz e a alegria, pois o tesouro da redenção de cristo está aberto para todo aquele que quiser» (MP 78). Claro que isto, como já vimos anteriormente, fará com que a Igreja se depare com obstáculos, incompreensões e até perseguições, notavelmente no caso concreto que o nosso Autor estava a viver e no que o fizeram dizer, certamente com comoção, «temos páginas de mártírios, não somente nas histórias passadas, mas na hora presente. Há sacerdotes, há religiosos, há catequistas, há homens humildes do campo que têm sido mortos, decapitados, com o rosto esmagado, desfeitos, perseguidos por ser fiel a este único Deus e Senhor: Jesus Cristo» (MP 79). Mas não há outro caminho para a vida plena na santidade; para a existência eterna no amor; para a realização colaborante da santidade. Tudo o que não passe por aí, passa, infelizmente, pela apostasia; por se dizer ao Senhor – por palavras, atos ou omissões – «não tolero aguentar este exclusivismo com que Tu me queres» (MP 79); este amor que desejas que mova todo o meu ser.

Comove-nos imenso ler estas palavras de Dom Óscar: elas vão ao cerne do Evangelho; da vida cristã; da vida da Igreja em El Salvador e em todo o Mundo. Mas quão distantes

³⁵⁸ Cf. Jules de Vaulx, «Santo», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 970-975.

³⁵⁹ Cf. R. Gerardi, «Santidad», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 883.

estamos, aqueles que nos dizemos cristãos, de sermos verdadeiros seguidores de Jesus em caminho para o Reino da Santidade. Somos tíbios; somos frouxos; somos escorregadios como as serpentes de modo a não nos comprometermos a fundo no amor que crucifica e ressuscita. Preferimos a banalidade do pecado à maravilha do perdão do amor que tece a santidade, seja aquele que podemos acolher em nós, seja aquele que devemos comunicar aos demais. Fugimos da Cruz; dizemos que ela não é o centro da vida cristã; dizemos que se pode ser cristão sem a vivermos nas pequenas coisas do dia a dia. Vendemo-nos a todos os ídolos que a sua sorvem força de nós mesmos, em vez de nos darmos Àquele que Se nos deu totalmente. Mas podemos mudar tudo isto; basta, com a graça de Deus, querermos.

3.9 O ARREPENDIMENTO E O PERDÃO

O tema do arrependimento e a temática do perdão não surgem, neste momento, do nada: tratam-se de dois traços evangélicos a que já fizemos referência diversas vezes, mas aos quais daremos, presentemente, uma maior atenção, recordando, desde já e seguindo o que diversas vezes nos recordou o nosso Orientador, que Deus está sempre a comunicar o Seu perdão e que é perante a magnitude do mesmo que nos podemos arrepender genuína e radicalmente, acolhendo, depois, esse mesmo perdão que se tornará fecundo em nós quando, por nosso lado, o comunicarmos aos demais. Deus-Amor cedo Se deparou, no ser humano, com a realidade do pecado que infligiu uma rutura entre a humanidade e Ele mesmo. Comovido e até angustiado por ter visto que o cume da Sua somente boa obra se havia desviado de Si, começa a experimentar como que uma luta em Si para, em diálogo com a humanidade, encontrar uma saída para essa realidade; uma saída de benevolência, arrependimento e perdão; uma saída que não ignorasse o passado, mas desse a ver, sobretudo, o que poderia ser feito para a frente.³⁶⁰ Jesus Cristo, sabemos bem, é essa saída em Pessoa.

É justamente por isto que logo após a morte e ressurreição do Senhor, eventos em que o perdão de Deus foi maximamente comunicado, Pedro, em *At. 2,38* apela a um arrependimento livre que conduzisse ao acolhimento do perdão³⁶¹ pelo Batismo.³⁶² Um arrependimento que, a ser verdadeiro, deveria ser movido pelo amor – tal como Jesus fez questão de evidenciar (cf. *Lc. 7, 47-50*) num relato a que Lucas dá uma tonalidade tão teocêntrica quão cristológica – e conferidor de paz, pois capaz de transformar gratuitamente o sujeito num pecador-perdoado cheio de ânimo de perdoar as ofensas que lhe fizeram ou virão a fazer.³⁶³

³⁶⁰ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Antiguo Testamento*, 221.

³⁶¹ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, 221.

³⁶² Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1379.

³⁶³ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 165-166.

De facto, uma vez vivendo-se no perdão de Deus, não há como não se querer perdoar sempre que necessário, da manhã até à noite (cf. *Mt.* 18,21), de modo a que se elimine qualquer obstáculo para que o ofensor seja cada vez mais pessoa livre dela mesma, seja para bem do mesmo, seja para bem da comunidade.³⁶⁴ O perdão testemunha que no Mundo está presente o amor mais poderoso do que o pecado, não sendo, pois, a condição fundamental para a reconciliação, mas o ato gratuito de restituição da liberdade; da possibilidade de mudar; e, sobretudo, da capacidade de amar mediante o se colocar em prática a caridade de Deus e a Sua misericordiosa que coloca o perdoado na posição justa ante quem perdoa na edificação de uma fraternidade mútua.³⁶⁵

Dom Romero não ignoraria, certamente, que, para muitos daqueles que estavam a ouvi-Lo, o perdoar àqueles que os estavam a oprimir, e porventura tinham morto familiares ou conhecidos seus, era muito difícil. Mas não podia senão apelar a isso mesmo, pois é esse o caminho cristão que, por seu lado, pressupõe que em cada coração ocorra um «Pentecostes, a vinda do Espírito Santo. É o Espírito da redenção, é o espírito do arrependimento dos pecados; é o espírito heroico dos mártires e dos cristãos, de religiosos, sacerdotes; de todo esse povo eleito que é chamado o povo de Deus» (MCR 78). Na verdade, Deus fez-Se Homem para perdoar aos homens, de modo a que estes se perdoassem mutuamente, com a força do Espírito que Ele mesmo enviou e envia: «Ele quis receber em Si todas as violências do ódio, da incompreensão, para que os homens nos perdoássemos, nos amássemos, nos sentíssemos irmãos» (MCR 77) e, assim, fôssemos «presença de Cristo vivo, vivente, ressuscitado, anunciado, esperança para a humanidade» (MCR 78).

Se o sangue do amor do Senhor todo-perdoante foi derramado por todos, é a todos que os cristãos, conhecedores de tal facto, devem perdoar, mesmo quando enveredam por atitudes de denúncia de injustiças. Denúncias que, no fundo, não desejam senão, por um lado, o arrependimento daqueles que cometeram as injustiças que as justificam, e, por outro lado, o perdão das injustiças por parte daqueles que delas são vítimas (cf. MCR 77). Denúncias feitas, mesmo no meio da Semana Santa, ocasião do ano em que tais injustiças mais bradam aos Céus e ao coração dos homens, para que, como já dissemos, Deus possa ser ouvido por quem as cometem e estes acolham o perdão, convertam e abandonem o que é desumano (cf. MP 78).

Perdoar é amor; é «ficar cravado na cruz dizendo aos seus inimigos que os perdoa. Amar é não saber odiar, é saber perdoar, é devolver a quem nos fere sorrisos de bênçãos como Cristo desde a Cruz» (MC 79). Eis o máximo e mais extraordinário poder de Deus: o perdão (cf. MC

³⁶⁴ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1189.

³⁶⁵ Cf. R. Gerardi, «Perdón», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 760-761.

79); o perdão que deve ser o pulsar do coração do batizado e dos pastores que guiam os povos mais dilacerados de modo a que todos os cristãos possam dizer que são construtores da civilização do amor (cf. MC 79). Numa aliança em que o arrependimento, desde aquele que podemos chamar de “fundamental” e nos norteia decididamente ao Senhor ao que pode ser denominado de “contínuo” devido à nossa fragilidade, leva à grande reconciliação de que todos necessitamos enquanto membros de um Povo de Deus em caminho (cf. MC 79) – mais ainda quando pudermos estar a viver no seio de dilacerações delicadas como nas que estavam a ser vividas em El Salvador.

Ao longo da história que Deus tem feito com o homem, temos visto como o pecado da humanidade feriu a esta mesma, à relação que ela tinha com o restante da Criação e até ao próprio Deus-Amor. Um Deus-Amor que, contudo, não desistiu da Sua obra, antes, pela Sua misericórdia, manifestou a Sua benevolência perdoando o pecado humano na esperança de que este se arrependesse e convertesse a Ele. É preciso que o homem se sinta amado por Deus, para que assim o arrependimento, movido pelo amor do homem que vem de Deus, o leve a uma plena conversão. Esta é uma tarefa da Igreja em geral de cada cristão em particular: amar para que o perdão do amor de Deus seja conhecido e acolhido.

Ao possuímos, e ao potenciarmos, um verdadeiro encontro com Cristo, podemos experimentar, e dar a experimentar, o arrependimento dos pecados. Eis um encontro que se pode dar através de uma palavra, de um gesto, de um rosto que sejam transparência da Palavra que os motiva. A Palavra de Deus não vem até nós sem propósito, e da mesma forma o Senhor não vem habitar de modo mais livre o nosso coração senão para nos comunicar o Seu perdão e nos conduzir, de entusiasmo em entusiasmo, ao arrependimento e à reconciliação com Deus e com os outros. Desafio tremendo, este, mas dos poucos que vale a pena desejar.

3.10 O AMOR E A CARIDADE

Já fomos falando, múltiplas vezes e inevitavelmente, do amor ao longo das páginas precedentes, mas, uma vez chegados a este momento da nossa exposição dos temas evangélicos-chave nas homilias que estudámos de Dom Óscar Romero, devemos focar-nos mais especificamente nele. O amor do Deus-Amor estabelece, como nos garantem já os textos do Antigo Testamento, com a humanidade um laço matrimonial eterno e infinito;³⁶⁶ um laço em que Ele não olha tanto para as nossas fraquezas e infidelidades, quanto para quem Ele mesmo é³⁶⁷: Amor e só Amor, que, no caso de Jesus, encarnação desse mesmo Amor e dom

³⁶⁶ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Antiguo Testamento*, 526-527.

³⁶⁷ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 904.

pleno e total de Deus,³⁶⁸ foi até ao extremo de mostrar que Deus ama mais a nós do que a Ele mesmo (cf. *Jo.* 13,1).

A morte do Senhor foi, e é, o máximo testemunho de que Deus é Amor.³⁶⁹ Uma morte em que Jesus, passando deste mundo escravo do pecado para o Pai, nos comunicou a possibilidade de passarmos da escravidão para a liberdade e o amor³⁷⁰. Um amor que, na sua dimensão cristã – se não mesmo universalmente humana – é dito admiravelmente em *1Cor.* 13, que revela que tal amor não é passional ou egoísta, sendo antes um amor capaz de doar-se ao outro completamente na senda de um Deus-Amor que nos amou primeiro para nosso próprio benefício (cf. *1Jo.* 4,19). Isto é, para operar em nós um restabelecimento da saudável operatividade das nossas faculdades espirituais traduzidas na capacidade de amarmos – na sinceridade, na humildade e no serviço – a Deus e aos próximos do mesmo modo que Ele nos amou.³⁷¹ Amor a Deus e ao próximo: um é a chave do outro, e é por esta ligação essencial que seremos julgados pela misericórdia que realiza a justiça.³⁷²

O Batizado que, em resposta à ação em si da graça de Deus,³⁷³ não ama, não é cristão. Aliás: nada é.³⁷⁴ É um buraco-negro que continua a receber, e a sorver pelo egoísmo, o amor de Deus – que não pode não o amar por ser Quem é –, mas que não irradia esse mesmo amor para os demais; que não ama a ninguém com o amor com que é amado.³⁷⁵ Apesar do Batismo, que o havia enxertado no Rosto da Caridade – Jesus Cristo –, tal pessoa não permite que em si desabrochem os dons batismais. Assim, não vive na caridade que permite viver-se como um homem novo. Aquele homem regenerado continuamente que concretiza o seu amor nas dinâmicas históricas, na sensibilidade das pessoas, na justiça e no bem comum sem exclusão alguma,³⁷⁶ e que, assim, edifica a própria Igreja em que se vive uma vida fraterna que fará com que se reconheçam aos discípulos de Cristo na comunhão com Deus.³⁷⁷

É difícil lermos as palavras de Dom Óscar proferidas há cinquenta anos e não nos perguntarmos se as mesmas não poderiam ser hoje ditas mesmo no seio de comunidades cristãs que vivem comodamente. As diferenças de contextos são, certamente, imensas, mas as violências que sofremos são igualmente reais, embora bem mais invisíveis. Desde logo era tão

³⁶⁸ Cf. R. Fisichella, «Amor», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 37-38.

³⁶⁹ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 570.

³⁷⁰ Cf. notas de rodapé a) e b) *Bíblia de Jerusalém*, referentes a *Jo.* 13,1.

³⁷¹ Cf. nota de rodapé e) da *Bíblia de Jerusalém*, reportando-se a *1Cor.* 13,1.

³⁷² Cf. Claude Wiéner, «Amor», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 50-51.

³⁷³ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1482.

³⁷⁴ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 333.

³⁷⁵ Cf. Giovanni Cereti, «Amor», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 62-63.

³⁷⁶ Cf. Gianni Colzani, «Caridad», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 163.

³⁷⁷ Cf. Claude Wiéner, «Amor», 52.

belo que assumíssemos que «não há classes sociais perante Cristo» (MCR 77), em que uns são tratados de uma forma mais compreensiva e outros de outra mais rigorosa. A todos devemos, isso sim, levar o mesmo amor de, e a, Cristo «que se traduz em beneficência e em amor ao próximo [...] num marco de amor, serviço e de humildade [...] que desconhece sentimentos de egoísmo, sentimentos de crueldade para com o irmão, antes sabe amar, perdoar, e fazer explodir a força maior que Deus coloca no coração do homem: o amor» (MC 78; cf. MC 79).

A todos devemos amar; só o orgulhoso, o avaro e o soberbo é que odeia; o humilde, o desprendido, o amante – único que pode chamar-se “cristão” – amam de verdade, dando a conhecer a nova aliança pautada pela lei de amor que, sendo o próprio Senhor Jesus, leva a relações fraternas que garantem que quem assim vive é discípulo do Mesmo (cf. MP 78; MC 79). Recordemos o já dito e que para Dom Romero era tão importante referir face ao que se vivia em El Salvador: a Igreja só acredita na violência de Cristo; na violência do amor; na violência contra o próprio egoísmo que, a ser vivida, permite viver «as bem-aventuranças, o perdão, o amor, a compreensão» (MCR 77). O amor resolve tudo, mas é preciso acreditar nisso e vivê-lo ativamente, levantando «o olhar para o amor que Se faz cordeiro, que Se faz comida, que Se faz pascoa, que Se faz aliança» (MC 78). Amor sim, mas amor de verdade, pois «se não há verdade no amor, há hipocrisia» (MC 79); há desfiguração do rosto de Deus, do rosto do Senhor, do rosto do amor, do rosto da Igreja.

Mas o que é, afinal, esse amor verdadeiro? Dom Óscar aponta para uma fasquia aparentemente baixa, mas que diz muito: «o amor é entender-nos, é compreender-nos numa recusa total do fanatismo que é um antagonismo do amor» (MC 79). É, em sintonia com Deus, ouvir o clamor do Povo pela, e promover a, justiça, caridade, ordem e fraternidade num diálogo sincero atento ao bem comum (cf. MCR 77). É levar tudo isto aos «antros onde estão escondidas as mãos criminosas de tantos [...], levando-lhes uma mensagem de paz e de amor» (MCR 77) que nos pode, tal como aconteceu com Jesus, ser muito custosa. Mas por mais custosa que seja, há que ser levada e levada com alegria para ser uma verdadeira Boa-Nova, não só para os pecadores, mas igualmente para as suas vítimas que, tantas e tantas vezes, preferimos não ver, esquecendo-nos que quando vemos, de uma forma ou de outra,

«ao pobre, ao cortador de café ou de canha ou de algodão, ao camponês que hoje vai em caravana buscando o sustento para todo o ano [...], é o rosto de Cristo que devemos ver. O rosto de Cristo entre os sacos e cestos do cortador; o rosto de Cristo entre torturas e maltratos dos carcereiros; o rosto de Cristo morrendo de fome nas crianças que não têm que comer; o rosto de Cristo no necessitado que pede uma voz à Igreja» (MCR 78).

“Numa” palavra: «amar é entregar-se; é não se reservar nada para si; é dar-se por completo à morte se for preciso; é ficar cravado na cruz dizendo aos seus inimigos que os

perdoa; é não saber odiar; é saber perdoar; é devolver sorrisos de bênçãos como Cristo desde a cruz; é gratidão” (MC 79). Como estamos, às vezes, tão distantes disto.

Hoje em dia o amor e a caridade têm perdido muito o seu significado próprio a ponto de parecerem realidades que brotam meramente do homem e podem ser executadas apenas pelas suas forças. Mas não: isso é uma ilusão tremenda. O amor e a caridade são dom do Deus-Amor a dar-Se e a ser por nós inserido em todos os lugares em que vivemos e estamos chamados a viver. Isto não é fácil, mas também não é impossível, pois, como bem afirma a Escritura, nada na esfera do amor é nada é impossível para Deus-Amor. Sim: é difícil, porque não é fácil fazer o bem a quem te destrói, faz mal e odeia, sendo mais fácil pensar que a caridade não é nada mais do que dar esmola.

Nada disso: a caridade é doar-se completamente, é servir ao outro, sem importar se é pobre ou rico, porque se servimos ao outro, estamos a servir a Cristo. Aliás: estamos a servir como Cristo serve, pois só Ele é capaz de amar até ao extremo a ponto de dar a Sua própria vida por um bando de medrosos que, apesar de anos de intimidade com Ele, fugiram; por um bando de sacerdotes que O ultrajaram, difamaram e o crucificaram. Somente Cristo pode amar a tal dimensão, porque nós, homens, raramente somos capazes de sacrificar uma unha mesmo por aqueles a quem dizemos que amamos, porque, no fundo, temos medo de morrer, nem que parcialmente, pelo outro. Temos medo. Temos, por vezes, muito medo. Eis a verdade. E se o temos, é porque, no fundo, não temos amor, não conhecemos o amor, não sabemos amar e, pior ainda, não queremos amar. Mas, apesar da realidade ser esta, a mudança está ao virar da esquina do coração. Entreguemo-nos a ela; entreguemo-nos ao Reino em que vivemos da e na Ressurreição do Senhor.

3.11 REINO, RESSURREIÇÃO E VIDA

Seguindo o esquema histórico-salvífico que deslindamos pautar as homilias de Dom Óscar que nus propusemos a estudar, eis-nos chegados ao momento de falarmos, com mais detalhe, do Reino que inaugura a Vida na Ressurreição. Um Reino já presente, mas ainda expectante; um Reino verdadeiro, mas ainda parturiente. Já no Antigo Testamento se fala, ainda que indiretamente, do tema do reinado de Deus mediante o uso da expressão “YHWH reina”, mas o que era indireto aí, tornou-se direto e central no Novo Testamento, pois o Reino é o tema central na pregação de Jesus (cf. *Mt.* 4,17) e aqueles que descobrem em Cristo a imagem do Pai, descobrem o Reino.³⁷⁸ Não só um reino de educação, arrependimento e juízo como o de

³⁷⁸

Cf. M. Semeraro, «Reino de Dios», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 842.

João Batista (cf. *Mt.* 3,1-2),³⁷⁹ mas um reinado de amor, já patente e experimentado comunitariamente em Cristo Jesus e naqueles que vivem n'Ele, mediante o qual Deus estabelece a paz e a justiça.³⁸⁰

Quem vive já genuinamente, ainda que ainda não totalmente, nesse Reino, assume que Deus-Amor é o soberano supremo do universo que governa a Criação, a história e o coração dos homens pela lei do amor que a tudo conduz para a meta desejada por Si: a comunhão de vida com Ele mesmo. Isso requer uma forma nova de pensar a Deus, a Sua presença no mundo e uma nova forma de viver a vida toda ela pautada pelo amor que é o único poder de Deus. Um poder do amor que faz que tal Reino seja um reino de misericórdia em que, pelo amor e o perdão, se vive – numa Igreja que não sendo o Reino é já a sua antecipação – servindo, acolhendo e perdando; um Reino que, de anunciado por Jesus, passou a ser o próprio Jesus anunciado como Aquele em que os pecados são gratuitamente perdoados.³⁸¹

O Reino, entendido da forma que expusemos, é o centro da mensagem de Jesus e a ele a Igreja primitiva associou (cf. *At.* 10,40-41), como centro da sua própria mensagem kerigmática, a Ressurreição de Jesus que é o “selo de garantia” do Reino e o âmbito de existência daqueles que nele vivem.³⁸² Jesus é a Ressurreição (cf. *Jo.* 11,25-26) tal como é o Reino³⁸³; isto é, é a Vida plena que nos garante a possibilidade de, sem receio de sermos defraudados, cremos na, e esperarmos a, ressurreição de todos,³⁸⁴ sendo que aqueles de nós que tiverem concretizado realmente os Seus mandamentos, como sinal de amor por Ele, não mais andaremos com medo e, assim e como nos disse diversas vezes o nosso Orientador, seremos capazes de ir à morte pois a Vida é certa. Não apenas esta vida biológica, que já é uma bênção da ação permanente de Deus-Amor³⁸⁵ e assim algo sagrado que não tem preço,³⁸⁶ mas aquela em que viveremos definitivamente em Cristo numa condição de paz, plenitude e alegria em comunhão com Deus.³⁸⁷

³⁷⁹ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 76; Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1149-1150.

³⁸⁰ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 79.

³⁸¹ Cf. Bruno Maggioni, «Reino de Dios», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 843-844; M. Semeraro, «Reino de Dios», 842-843.

³⁸² Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 239-240; Jean Radermakers e Pierre Grelot, «Ressurreição», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 907-910; Franco Giulio Brambilla, «Resurrección», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 849-851.

³⁸³ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 566.

³⁸⁴ Cf. Franco Giulio Brambilla, «Resurrección», 851.

³⁸⁵ Cf. Gianni Colzani, «Vida», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 960.

³⁸⁶ Cf. André-Alphonse Viard e Jacques Guillet, «Vida», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 1095-1098.

³⁸⁷ Cf. Gianni Ambrosio, «Vida Eterna», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 961.

Voltando-nos novamente para Dom Óscar, e recuperando certamente muitos aspetos que já abordámos, o mesmo tem o cuidado de salientar que o Reino – ou melhor, Reinado – de Deus-Amor não é algo improvisado por Ele, nem deve ser instituído pelos cristãos de uma tal forma. Tal Reino é o próprio Deus que é o Absoluto diante de Quem tudo o resto deve ser relativizado (cf. MCR 78). Tal Reinado é o amor em ação nos nossos corações e nas nossas mãos sempre que não alimentamos ambientes «de desconfianças mútuas, de acusações, de calúnias» (MCR 77).

Assim sendo, tal Reino não é só Deus, nem só Jesus, mas «todos nós, se O [Jesus] seguimos e acreditamos n’Ele e nos convertemos, somos seu reino» (MCR 79). Ou seja: ele também é cada cristão em comunhão e comunidade de amor crístico acolhido e oferecido (cf. MCR 78, p. 22) no concreto da sua história, mostrando que as violências que dilaceram esta história acabarão e tudo será, um dia, amor no Amor (MCR 78). Por conseguinte, o Reinado de Deus não é «político [...] [embora], como está neste mundo sem ser deste mundo e sobre ele tendo o poder escatológico, os governantes e as legislações têm que submeter-se a ele» (MCR 79).

A garantia desta realidade é que o Senhor não está morto; Ele vive. «Cristo Ressuscitado é a certeza de que todos vamos a ressuscitar!» (MCR 78). A certeza de que já estamos a ressuscitar sempre que amamos e que, ao mesmo tempo, ressuscitaremos definitivamente quando definitivamente dissermos “sim” ao Deus-Amor, elevando, já no presente, a Igreja acima de «todos os sistemas porque traz consigo a força insuperável do Ministério Pascal, ou seja, a morte e a ressurreição de Cristo» (MC 79). Isto, para Dom Óscar, não podem ser meras palavras, mas devem ser vivido pela Igreja como um encargo e uma missão: a de «partilhar a vida divina que Cristo trouxe ao mundo» (MP 78).

E de que modo isso deve ser feito? Dom Romero di-lo com total clareza: deixando que Jesus ressuscitado se faça «vida nova no coração do cristão» (MP 79), vivendo-O intimamente no mais íntimo das nossas vidas em resposta, de amor vertido em perdão e serviço, ao que o Senhor tem feito para que não se faça «da vida um prostíbulo, um latrocínio, uma fonte de pecado» (MCR 79). Tal vida deve, isso sim, ser um regato de amor ativo, pois vivido num Jesus que está Ressuscitado em nós para em nós operar e nos levar a operar «com valentia, fortaleza e longe de todas as cobardias» (MP 78). Eis algo só possível também na medida em que, com Jesus, nos desprendemos das coisas mundanas, não como uma forma de alienação, mas como meio de trazermos ao Mundo «um sentido de gloria e de alegria [...] daquela gloria, daquele céu, que já pertence a esta terra» (MP 78).

Cristo é a verdade e n’Ele não há erro e com Ele e n’Ele o Reino de Deus já está entre nós e podemos-lo viver e experimentar quando estamos em comunhão com o outro com a Igreja,

com Deus. Este reino de que fala Cristo, sendo Ele mesmo, não é deste Mundo, mas já está neste Mundo no amor e na misericórdia que saciam o mais íntimo de todo o nosso ser que anseia pela eternidade. Pela fé acreditamos que Deus que nos deu a vida e na senda de Jesus sabemos que tal vida é para ser dada a partir daquele Reino que assim também é edificado como sinal de que tal anseio não é uma ilusão que se tornará numa desilusão, antes algo que pode já ser saboreado como verdade, pelo poder do Espírito, no Senhor e em Igreja.

Morrendo e ressuscitando Jesus, Este libertou-nos para o amor, a liberdade, o Reino, a Vida. Ou seja: para Ele mesmo no Seu movimento de Autoentrega ao Pai. Pelo nosso Batismo, fomos submersos no Senhor e, deixando o homem velho, já ressurgimos homens novos vivos em Cristo Jesus. Cristo é a vida, Cristo é a ressurreição. Mas esse Batismo precisa de continuar a ser vivido, com a coragem do amor, no nosso dia-a-dia, mostrando que o Reino do Ressuscitado que é a Vida já é o ambiente em que o Amor que Deus é nos comove e move como dínamo da nossa transformação do Mundo. Olhemos para Maria: como seu “sim” ela fez-se “fulcro” de um Mundo Novo; com os nossos “sins”, podemos ser novos “pontos de apoio” para que esse Mundo se espalhe cheio de vida e glória na fraternidade e solidariedade do amor.

3.12. FRATERNIDADE E SOLIDARIEDADE

Não há qualquer possibilidade de se ser cristão em solitário: a vida cristã é uma realidade comunitária e em comunhão; em fraternidade de fé e com os mais necessitados e de solidariedade entre todos. Embora com alguma idealização,³⁸⁸ o facto é que os textos bíblicos mostram que a comunidade cristã primitiva vivia num clima de íntima fraternidade (cf. *At.* 2,42); de *koinonia*; ou seja, numa participação para a comunhão que, em breve e devido a motivos contextualizados que se alargarão a razões bem mais amplas e espirituais, terá na ajuda material um vínculo e prova.³⁸⁹ Esta união fraterna decorreu, desde o princípio, de uma fé comum no Senhor Jesus que provocou, e ainda provoca, nos crentes um amor mútuo entre eles, um amor fraterno.³⁹⁰

Tal fraternidade não tem raízes humanas, mas divinas, pois baseia-se na ação do Espírito Santo que é Quem faz filhos de Deus (cf. *Rm.* 8,15) e mantém unido o corpo eclesial como uma grande comunidade de irmãos que se alimenta, quer da Palavra de Deus, quer da Eucaristia enquanto Sacramento de Unidade (cf. *Jo.* 13,1-15). Uma unidade que nas obras da carne paulinas encontra uma lista das mais importantes realidades que a impedem porque,

³⁸⁸ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 221-222.

³⁸⁹ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1379.

³⁹⁰ Cf. Daniel Sesboué e Jacques Guillet, «Comunhão», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 163.

simplesmente, são ações egoístas (cf. *Gal.* 5,19-21).³⁹¹ Por outro lado, o fruto do Espírito é o amor (cf. *Gal.* 5,22) que sustenta a solidariedade cristã, que não é mera responsabilidade social, mas expressão incarnada da História da Salvação que, como nos disse o nosso Orientador, é a Salvação na história.³⁹²

A solidariedade não pode existir sem a fraternidade; a solidariedade não é nada sem a fraternidade, antes nesta nasce e se estende a todos,³⁹³ inclusive, e ao contrário daquela que se pauta – como já se disse – pela comunhão na fé e com os mais carentes, àqueles que se comportam ante nós como inimigos (cf. *Mt.* 5,44). Eis o selo do verdadeiro cristão: amar universalmente, de modo gratuito e íntegro: a todos e com todo o nosso ser a partir do próprio amor com que Deus nos ama e nós, também através dos demais, O amamos.

Imaginamos – só podemos imaginar – com que tamanha intensidade terá desejado Dom Óscar que o que acabámos de ver acerca da fraternidade e da solidariedade, a partir dos dados presentes em alguns bons dicionários e enciclopédias, pudesse ter sido uma realidade no El Salvador de fins da década de 70 do século XX e no começo da seguinte. As suas palavras apontam que isso era um seu desejo, mas a intensidade do mesmo não é passível de ser transmitida por estas: «irmãos, ainda que não haja leis, ainda que não haja diálogo, não haja compreensão, que haja fraternidade» (MCR 77). Ainda que tudo o mais falte – e que o que falte seja muito importante –, que não falte aquela comunhão espiritual e material entre irmãos que o são por participarem de um corpo eclesial que tem como Cabeça a Cristo Jesus (cf. MCR 78).

Tal fraternidade é o que leva a Igreja a não poder fazer senão um contínuo apelo «a candura, à compreensão, ao amor» (MCR 77), pois sabe bem, pela sua experiência bimilenária, que nenhuma revolução intra-histórica tem o poder de «esgotar as possibilidades infinitas da justiça e da solidariedade absoluta do reino de Deus» (MCR 79). Ser cristão é estar convicto disto e viver para isto, criando uma nova existência em que o ódio, a violência, a incompreensão e tudo o mais que brota do nosso egoísmo individual e coletivo sejam postos de lado e substituídos pelo perdão, o amor, a comunhão na bondade e no fazer o bem àqueles, e daqueles a quem amamos – todos – (cf. MCR 77) na edificação de um melhor Mundo (cf. MCR 79); na edificação de um Mundo que também pode ser rosto do Senhor.

A fraternidade tal como a solidariedade não se põe em prática em busca de recompensas, nem em busca do bem apenas para quem nos ama: elas dirigem-se ao que passa fome, ao que

³⁹¹ Cf. Escatologia, em Fiores e Goffi, *Nuevo Diccionario de Espiritualidad* (Madrid: Paulinas, 1983), 569-577.

³⁹² Cf. G. Piana, «Solidaridad», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, (Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011), 929.

³⁹³ Cf. A. A. Tozzi, «Fraternidad», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 407; Muerte/Resurrección, Fiores e Goffi, *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, 1330.

não tem que vestir, ao que passa frio, pois deles também nos chega o Amor incarnado; Jesus Cristo o Senhor que é o elo unitivo de tais dois traços evangélicos. Não busquemos ser reconhecidos como nos vestimos, nem como andamos calçados, antes mostremos, sem ostentação, quem somos ao vivermos o amor de Deus no amor a Deus e aos demais na fraternidade e na solidariedade. Na fraternidade que é vivida sem escolhermos a quem pode ser nosso irmão, pois antes de qualquer escolha já eles estão constituídos como nossos irmãos pelo próprio Deus; na solidariedade a quem escolhemos amar com determinação e deliberação intencional: a todos sem exceção.

3.13. HUMILDADE E SERVIÇO

Tudo o que vimos neste capítulo até agora culmina em dois últimos traços ou temas evangélicos que só podem ser compreendidos, justamente, à luz de todas as migalhas que foram sendo expostas anteriormente – muitas das quais já os evocando –: a humildade e o serviço. Não é apenas Jesus e Maria que são humildes e servidores e modelos de humildade e de serviço³⁹⁴: se Aquele e esta o são, são-no somente porque o Deus-Amor o é. O próprio lavar-pés, enquanto sinal de humildade e de abertura ao serviço, (cf. *Jo.* 13, 1-15) aponta, pela absoluta transparência do Senhor ao Pai, para um Deus infinitamente humilde, que Se abaixa para acolher no seu coração àquele a quem deseja servir.³⁹⁵

Ser cristão é viver em espírito de serviço e de humildade imitando espiritualmente a Cristo num amor que mostre o amor mais perfeito na disponibilidade para com todos que também tem lugar na celebração-cume da fé cristã: a Eucaristia.³⁹⁶ Sem esta, não há qualquer possibilidade de se poder ter a força de respondermos com amor ao mal que nos desejam (cf. *Mt.* 5,38-44). Sim, força: o dar a outra face, o caminhar o dobro, o dar mais roupa do que nos querem tirar, não é masoquismo nem frouxidão, resignação ou inércia, mas a expressão – maximamente visibilizada na Cruz do Senhor – do amor que tudo vence porque convence por ele mesmo.³⁹⁷

Claro que isto supõe, em cada um de nós, uma humildade tremenda, mas só ela, que é a face oculta do amor – como nos disse o nosso Orientador – logra dar ao amor, ainda que muito vulnerável, a consistência que lhe permite superar o mal.³⁹⁸ Humildade, não no sentido de autodesvalorização, mas de reconhecimento da nossa dependência de Deus e, assim, de recusa de toda a idolatria e auto-idolatria.³⁹⁹ Eis porque o Reino é dos humildes e só os humildes nele

³⁹⁴ Cf. Gianni Colzani, «Humildad», em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*, 456.

³⁹⁵ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 570.

³⁹⁶ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1354.

³⁹⁷ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 86.

³⁹⁸ Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1159-1160.

³⁹⁹ Cf. Charles Augrain e Marc-François Lacan, «Servir», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 989.

podem entrar, dado que não se gloriam nem se mostram publicamente, antes se entregam, com pobreza em espírito, pelo caminho do amor⁴⁰⁰ que é inseparável de um abandono de si nos braços de Deus.⁴⁰¹

O serviço cristão só é possível a partir da moldura que acabámos de ver (cf. *Mt.* 20,26-28): o mesmo Jesus é o modelo do serviço e do servidor, sendo Aquele que, com humildade amorosa, serve à comunidade como a forma de governo do Seu Reino,⁴⁰² em contraste com aqueles que querem alcançar o poder e o domínio pelas suas próprias forças.⁴⁰³ Não há como querer seguir a Jesus, viver no Reino e nos seus traços evangélicos se não se estiver disposto a servir como Ele serviu (cf. *Jo.* 12,26) e na resposta que se der, ou não, a isto, pelo amor da obediência livre vivida sem ambicionar nada em troca,⁴⁰⁴ está-se já ante aquele (auto-) julgamento em que o nosso trigo será separado do nosso joio.⁴⁰⁵

A humildade e o serviço não são, para Dom Óscar, formas diminuidoras ou degradantes, antes, uma e outra, o caminho específico para se chegar à glória do amor (cf. MC 78). De facto, não se pode amar se «não se é humilde; se não se tem um sentido de serviço no coração» (MC 79), donde seguir e, assim, imitar cordialmente ao Senhor, no amor humilde e serviçal e na humildade e serviço amorosos, é o verdadeiro caminho para a realização do Reino em nós e na Terra (cf. MC 78). É o verdadeiro caminho para que se faça a vontade de Deus na Terra tal como ela é dita como sendo feita no Céu. É o verdadeiro caminho para sermos anjos no Mundo: não seres alados, mas, embora certamente e sempre incarnados, apenas movidos pelo espírito e para o Espírito.

Para isso só há uma força espiritual decisiva: o de entrarmos decididamente na civilização do amor (cf. MC 79) e, conseqüentemente, recusarmos a lógica do mundano em que «queremos que o mundo gire à nossa volta, porque nos temos endeusado, porque nos temos idolatrado. É necessário, irmãos, deitar fora tantos ídolos, o do “ego”, antes de mais, [...] para que saibamos ser colaboradores da verdadeira colaboração que o mundo necessita» (MC 78). Isto é importante para cada cristão em si, mas não o é menos para a Igreja como um todo, pois esta deve, a partir do que foi descrito, sempre recusar estar ao serviço da política e da politiquice dos governadores sem vergonha, antes apenas ao serviço daquilo que o Senhor quer: a salvação de todos (cf. MCR 78).

⁴⁰⁰ Cf. Marc-François Lacan, «Humildade», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 426-428.

⁴⁰¹ Cf. Colzani, «Humildad», 455-456.

⁴⁰² Cf. Farmer et al., *Comentário Bíblico Internacional*, 1192.

⁴⁰³ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 117.

⁴⁰⁴ Cf. V. Mauro, «Humildad», em *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 458-460.

⁴⁰⁵ Cf. Brown, Fitzmyer e Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento*, 568; Charles Augrain e Marc-François Lacan, «Servir», 988-989.

Como cremos ter logrado mostrar, a humildade e o serviço são dois temas evangélicos que decorrem justamente da humildade e do serviço personificados numa Pessoa: Jesus Cristo. Para servir a outro, é preciso ser humilde e a humildade leva, com toda a naturalidade, ao serviço ao outro e a Deus-Amor. Ao outro, seja este aquele a quem servimos, seja este aquele que nos serve num sinal que, quando radicado no Senhor, adquire a faceta de fraternidade. Quem não sabe ser humilde, não sabe servir, porque servir ao outro é servir a Cristo; da mesma forma que, quem não sabe servir, é porque nunca experimentou, com humildade, dar-se àquele a quem Cristo veio servir. Isto é muito duro e difícil de compreender, mas isto pode ser dito segundo um ditado de El Salvador: “quem não vive para servir, não serve para viver”. Tudo isto pressupõe o reconhecer que ser o maior não significa ser aquele que está com poder despótico acima de todos.

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Dom Romero – o santo da humildade voluntária e do serviço aos mais involuntariamente “humildes” – é a razão que nos levou a refletirmos sobre as suas homilias, porque constatamos que nelas estão presentes a sua vida, a vida d’Aquele que era a Vida da sua vida, e a vida dos salvadoreños. Todos os temas por si tratados são um fiel espelho destas três realidades; um espelho que mostra o especial amor divino, e de Dom Romero, para com o pobre e o desprotegido. Ou seja: lendo as suas palavras – seja à luz do que a Escritura e a Teologia dizem sobre os temas por nós discernidos (e elegidos) como mais importantes, seja do enquadramento histórico em que Monsenhor Romero viveu – deparamo-nos com alguém completamente unido a Cristo e ao seu povo, sem desfalecer perante aqueles que o desamparavam, difamavam, perseguiam e ameaçavam.

Nas homilias de Dom Óscar, vemos o amor a ser vivido, nem que fosse “apenas” para exigir – com humildade e firmeza, mas nunca com apelos à violência – o fim da repressão contra aqueles que, como ele mesmo – embora num outro sentido –, viviam ameaçados, perseguidos, difamados e desamparados. Ele, tal como cremos ter podido mostrar, nunca colocou em “segundo plano” o serviço aos que lhe pediam ajuda, comida, vestuário – em suma: amor feito ajuda material, social e espiritual. Deus confiou a Romero, chamado ao sacerdócio e depois ao arquiépiscopado, o triplo múnus sacerdotal do Senhor para ser o rosto e a voz da caridade na senda do Bom Pastor que, vivendo e consumando a profecia do Servo de YHWH, carregou em si o pecado daqueles a quem iria salvar.

Como com Jesus e aquele Servo, muitos não conheceram o verdadeiro Romero. Para eles, ele era um mentiroso; um revolucionário; um incómodo; um hipócrita; um vaidoso; etc., e, assim, decidiram matá-lo. Dom Óscar morreu vivendo os temas evangélicos que apresentámos

neste Capítulo e, dessa forma, continua vivo no coração e no rosto de cada salvadorenho que luta sem descanso pelo sustento diário da sua família. Dom Romero viveu morrendo a tudo o que lhe impedia de viver os temas evangélicos por nós abordados neste Capítulo e, desse modo, alcançou a santidade, iluminando “agora”, do alto dos céus e com a sua intercessão, o *pulgarcito* de América para que este também viva segundo tais temas.

CONCLUSÃO GERAL

El Salvador é um país mártir desde a sua fundação: mártir da verdade dos seus povos e da Verdade que, por entre muitos problemas contrários, lhe foi dada a conhecer pelos povos europeus. Dom Óscar Romero, pelo seu martírio às mãos de pessoas movidas pelo ódio a uma fé cristã que o levava a incarnar-se na mensagem evangélica para incarnar esta na sociedade em que viveu, é um símbolo extraordinário desse pequeno País com o nome do Mártir por excelência: o Salvador, Jesus o Senhor.

Pode parecer estranho, mas – olhando para trás e vendo com atenção o que escrevemos e também refletindo, a partir disso, mais além disso – quase que podemos dizer que parece que quase tudo, exceto o tudo impedor da liberdade humana, estava a encaminhar-se para que – num ferido momento oportuno, em que os ventos do pecado e as marés do ódio formaram uma tempestade social quase (im)perfeita – surgisse a figura de Dom Romero. Este, com efeito, não é um corpo alienígena desencarnado, antes um fruto, amadurecido pelo amor e a dor, do seu, e nosso, país.

Sim: El Salvador é o *pulgarcito* da América Latina; mas também o Criador cria pelo Seu “pulgar”; pelo amor discreto, humilde, serviçal e gratuito que, testemunhado até ao martírio por Dom Romero, pode enxugar as lágrimas dos que sofrem involuntariamente e, devido ao seu pecado, fazer chorar os que fazem voluntariamente sofrer aqueles. O nosso Autor cortava e sarava com a sua vida e as suas palavras que pudemos apresentar neste nosso Trabalho; e continua, hoje ainda e se não formos incessáveis, a sarar e a cortar pela sua intercessão na “comunhão dos santos”.

Os seus pronunciamentos nas homilias, de três das grandes celebrações cristológicas do ano litúrgico, que estudámos, são um exemplo claro do que temos vindo a escrever nesta Conclusão. Neles tudo parte de um fundamento bíblico bem sólido, e retamente lido à luz que a Luz fez brilhar a partir do II Concílio do Vaticano, incarna-se nas preocupações e aspirações mais profundas do ser humano em geral – que, desta ou daquela forma, vive numa rede comum – e do povo salvadorenho em particular, e desafia-nos a reconhecermos quão longe estamos do ideal do amor evangélico que se desdobra em todos os temas evangélicos que, seguindo a História da Salvação – que, como nos disse diversas vezes o nosso Orientador, “é a Salvação na história” –, discernimos em tais pronunciamentos.

Esta referida constatação, e como nos disse um dia o nosso Orientador a respeito de outro assunto, não nos deve fazer desanimar. Jamais. Antes alentar. Sempre. Dom Óscar, na sua própria vida, é um testemunho vivo de que mesmo face a dificuldades, se pode continuar a andar; que face a medos, se pode continuar a sonhar; que face a ameaças, se pode continuar a amar. Nós acrescentaríamos: que é justamente nesses momentos que a verdade essencial do Cristianismo pode aflorar mais através de nós; que quando somos torcidos e retorcidos pelas agruras mais temos que assumir uma posição a favor, ou contra o Senhor, e se for a favor, mais destilado, puro e denso será a nossa vida cristã.

Nas homilias de Dom Romero estudadas por nós, as palavras evangélicas não soam a algo vazio, mas a algo cheio de Vida, pois ditas desde a sua vida e a dos seus ouvintes e para a vida da Vida nele e nestes. Todas essas palavras, e mais ainda os conceitos ditos por elas, vibram ao som do sangue que sabemos que, um dia, ia ser vertido por Dom Óscar. Um sangue que é selo da sua verdade focada num amor que se desdobra em todos os outros temas e a estes dá um sentido mais pleno. Da humildade à Aliança, do serviço à justiça, tudo são formas de Dom Óscar viver e dizer o amor do Senhor a ser expresso por si ao povo de El Salvador nos dias sombrios em que lhe coube ser Arcebispo de San Salvador.

O nosso Autor testemunhou como o ódio e o conflito entre classes, que as ideologias haviam começado a fomentar décadas antes e que ele mesmo advertiu vezes sem conta, se ia tornando mais agudo. Ele viu como o panorama geral de El Salvador foi-se tornando cada vez mais sombrio por inúmeros massacres e assassinatos seletivos fruto de razões políticas e ideológicas. Também observou que a oligarquia militar e o governo estavam erradamente convencidos de que na Igreja Católica estava repleta de padres e leigos que pregavam o ódio e a subversão comunista, e, assim, haviam concluído – tal oligarquia e tal governo – que era necessário uma perseguição direta contra a Igreja e os seus membros. Face a isto, a sua resposta foi sempre ser, e apelas a que se fosse, como o Senhor Jesus, num esvaziamento amoroso de si para encher de amor os demais.

Amor e amar. Eis aqui, novamente, a chave da vida e das palavras de Dom Óscar ditas aos nossos conterrâneos há cerca de 40 anos. Eis aqui o centro de tudo o que pudemos concluir a partir do nosso Trabalho. Parece pouco, mas não é. Está lá tudo e muito mais que poderíamos ter dito.

Cabe agora referir, com toda a honestidade, que neste presente Trabalho se encontram algumas imperfeições, não só de carácter estrutural e linguístico, como também a nível de deficiências teológico-espirituais decorrentes da nossa ainda imaturidade no que respeita ao raciocínio teológico. No princípio pensávamos que não iríamos conseguir realizar este

Trabalho, pois parecia-nos algo imensamente distante das nossas capacidades. Embora não descomunais, os obstáculos com a aquisição de fontes para a redação do nosso primeiro Capítulo chegaram, a um ponto, a fazer-nos duvidar da exequibilidade prática deste nosso Estudo, mas ainda bem que, apesar de tudo isso, seguimos em frente, pois crescemos imenso com ele.

Reconhecemos também que o tempo que dispusemos para a elaboração desta Dissertação foi limitado, pelo que cabe admitir que, apesar de todos os esforços em contrário, haverá falhas a nível do português, visto que a língua de Camões não é a nossa língua-mãe, mas o esforço encetado em escrever neste idioma também nos ajudou a poder amar melhor a Portugal – nação que nos acolhe. Seja como for, se tais falhas persistirem, elas, tal como as demais dadas por nós ao longo da realização do curso de Mestrado Integrado em Teologia, devem-se, não a uma falta de empenho das pessoas que nos quiseram ajudar, mas à nossa condição de imigrante.

De facto, é perfeitamente natural que, principalmente nos dois primeiros Capítulos do nosso Estudo – mas também nas traduções das, e comentários às homilias de Romero –, se possam encontrar frases e expressões que são decorrentes de esforços de aportuguesamento do que é, a nível cultural e linguístico, tipicamente salvadorenho. Tudo isto poderá dificultar a leitura do nosso Trabalho, do mesmo modo que dificultou o labor das pessoas que assumiram a correção do português e do nosso Orientador. É claro que, quem conhece a sua cultura, a sua pátria e as suas origens, sabe bem aquilo que escreve, mas as dúvidas, empecilhos e dificuldades surgem muitas vezes quando tenta passar isso para outra cultura. Contudo cremos que, pelo menos em parte, algo da nossa cultura natal não se perdeu totalmente na nossa escrita e nas diversas revisões da mesma.

Gostaríamos de dizer, ainda, que não podemos ignorar o serviço de saber e amor prestado por parte do nosso Orientador, sabendo bem que um Trabalho como este nunca é só do aluno, nem só do Orientador, mas de uma colaboração assimétrica entre ambos. De qualquer modo – e sem querermos exagerar dificuldades, nem censurar ninguém –, devemos afirmar que, para nós e em diversos momentos, foi complicado levar para a frente este Estudo também porque o tempo que o nosso Orientador dispunha – devido ao seu trabalho como docente e investigador na UCP e, ao mesmo tempo, pai e esposo de família (mais ainda em períodos de confinamento) – não foi, para nós, o ideal. Contudo, dito isto, podemos exaltar a enorme disponibilidade com que o mesmo nos foi sempre acolhendo, ouvindo e trocando mensagens de email – com ou sem ficheiros revistos ou para revisão –, e se hoje estamos a concluir esta Dissertação, isso também se deve a ele.

Ao longo do nosso estudo, fomos nos apercebendo que muitos temas poderiam ter sido tratados, ou tratados com mais detalhe, neste Trabalho, não só pelas suas relações com a figura de Dom Óscar, mas inclusive pelas suas importâncias e relevâncias específicas. Contudo, se tivéssemos abordado todos esses temas, ou até simplesmente alguns, afastar-nos-íamos muito do tema principal escolhido para a realização desta Dissertação. Entre estes temas que, em teoria, poderíamos ter considerado com mais pormenor, está o do martírio, acerca do qual apenas sublinhámos os aspetos mais importantes tendo em apreço particularmente a classificação do martírio do nosso Autor: martírio fruto do ódio à fé.

Mas não só: abordar e estudar – se possível a partir de fontes primárias (diários, cartas, etc. – como o clero arquidiocesano de San Salvador, o episcopado salvadorenho e o próprio Núncio Apostólico – enquanto representante e embaixador do Santo Padre –, encararam a vida e as palavras de Dom Óscar, teria sido algo muito interessante. E tê-lo-ia, nomeadamente para sabermos: como viram e entenderam tal figura e os seus pronunciamentos; o motivo de lhe terem dirigido tantas críticas; a razão de alguns lhe terem “virado as costas”, ao invés de o apoiarem como irmão no sacerdócio e, mais ainda, como seu bispo diocesano e máximo prelado de El Salvador.

Teria sido também importante conhecer um pouco da mensagem do Papa João Paulo II aquando da sua primeira visita a El Salvador – em especial no que tal mensagem teve de aproximação e/ou distanciamento às palavras do nosso Autor –, ocasião em que encontrou, em primeira pessoa, um povo que vivia o seu luto, o seu sofrimento, as suas lágrimas e as suas feridas serem ampliadas por se terem visto desamparados devido à perda, poucos meses antes, do seu quase único defensor. Terá sido esta viagem consequência de um “peso de consciência” no Santo Padre face ao que ouviu – e, em consequência, fez ou não – de “viva-voz” de Dom Romero, entretanto martirizado? Conseguiríamos entrever algo que nos desse uma resposta a esta questão?

Há um outro tema que, noutras circunstâncias, também teria sido por nós mais detalhado. Um tema que, face à sua ausência no nosso Estudo, aqueles leram este poderão ter ficado espantados por não ter sido referido por nós. A saber: o da, tão comum – mas errada –, associação entre Dom Romero e a “Teologia da Libertação”. De facto, este, por assim dizer, “movimento teológico” – que, embora tendo raízes teológicas em teorias teológico-políticas de pensadores centro-europeus, ganha forma e definição na América Latina – tem pontos de contacto com os pronunciamentos de Dom Óscar. Contudo, se isso acontece é porque, de formas diferentes, com objetivos distintos e métodos contrastantes, quer o nosso Autor, quer esse movimento encontram raízes comuns no Evangelho. Por outro lado, também é verdade que a “Teologia da Libertação” estava inserida num contexto e num ambiente que eram os

mesmo do nosso Autor. Contudo, ir-se mais longe do que estes dois pontos assinalados, seria falsificar a história, pois, por exemplo, a canonização de Dom Romero nunca teria sido possível acaso ele tivesse sido um membro de partidos políticos e/ou movimentos de guerrilha inspirados no marxismo.

Além dos temas que antes referimos – e que chegámos a pensar abordar, não fora o fito do nosso trabalho –, cremos que, com este nosso Trabalho, se poderá, um dia mais tarde, ir mais além e tratar de outros temas que achamos que seriam pertinentes. Entre estes, ocorre-nos referir os seguintes: em primeiro lugar, o do impacto que Romero deixou, nos seus ouvintes, através dos seus discursos. Depois, o daquele que seria o impacto de um discurso com autoridade e firmeza de Óscar Romero na sociedade de hoje. Em terceiro lugar, o da imagem que os jornalistas – em especial os salvadorenhos – foram passando aos seus leitores acerca de Dom Óscar e da sua morte. Posteriormente, não seria de se colocar de lado – antes pelo contrário – o alargar-se o que fizemos no nosso terceiro Capítulo ao restante das homilias de Óscar Romero, pois, se, para nós, foi tão agradável e benéfico estudarmos aquelas homilias que – pela sua ligação cristológica à figura (martirial) crística de Dom Romero – elegemos metodologicamente para tratar neste Trabalho, seria muito interessante dar uma continuidade a este na linha do que acabámos de mencionar.

Tudo o dito antes e não só, pois, por um lado, há tantas e tantas coisas que poderiam ser consideradas sobre Dom Romero, e, por outro lado, existem temas e temas que com ele se cruzam. A sua história e mensagem evangélica por si comunicada merecem isso. Mais: o povo pobre e oprimido de El Salvador merece-o e disso precisa, para que a morte de Dom Óscar possa, também por isso, continuar a dar frutos. El Salvador tem um santo protetor em Deus; alguém que continua a interceder perante a presença do Senhor, para que um dia, El Salvador tenha paz, os seus pobres recebam o que merecem e o *pulgarcito* de América possa contemplar, alegre e feliz, o nascer de um novo dia – tal como conclui a oração final das Completas de Terça-Feira.

Por fim, devemos manifestar que, ao darmos início à elaboração deste Trabalho, a nossa única intenção e objetivo fora que o mesmo, mediante a abordagem de um tema que nos parecesse relevante, pudesse ser um meio para concluirmos uma longa e custosa formação académica. Mas devemos agora mencionar que o mesmo foi muito mais do que isso: ele permitiu um grande desenvolvimento em nós: seja a nível do raciocínio teológico, seja a nível pessoal e espiritual. Na verdade, aprendemos, como nunca e com o “puxar” do nosso Orientador e dos nossos formadores, a refletir como um “teólogo” e a viver melhor desde o amor de Deus; aprendemos que um salvadorenho nunca deve esquecer as suas raízes, antes deve ter, acerca

delas, um certo orgulho cristão sempre cheio de humildade ante as maravilhas fundamentais que o Senhor faz; aprendemos a ter sempre presente que as dificuldades do dia-a-dia podem ser proveitosas se as vivermos imbuídos de amor; aprendemos que Deus olha para o sofrimento dos pobres, não a uma “distância segura”, mas sofrendo com eles, e que nós mesmos somos chamados a assim vivermos como presbíteros da Sua messe, tal como o foi Monsenhor Romero.

Romero. Sim. Romero: o enviado do Senhor para defender, com o Evangelho, uma pequena nação que, não só vivia a repressão, mas que, também e sem saber, se preparava para viver uma dura guerra. Romero: o pastor que lutou pelos desamparados e que, recebendo o beijo frio da traição tal como Nosso Senhor, alcançou a “palma da vitória” no seu martírio. Como cristãos, seminaristas e futuros pastores da Igreja do Senhor, não nos sentimos dignos de, um dia, sermos heróis do amor e da profecia, nem, muito menos, chegarmos ao martírio – algo que nos atemoriza. Todavia, já hoje podemos dizer que temos alegria em ser salvadorenses; em representar um país tão pequenino que, muitas vezes, não se sabe da sua existência; em ser da terra de um verdadeiro profeta e mártir como Monsenhor Romero.

Olhando para diante, como futuros presbíteros da Igreja Católica – especificamente da Diocese do Porto, que tão amavelmente nos acolheu, e enquanto ligados ao caminho Neocatecumenal – este Trabalho também foi uma bênção, dado que nos permitiu interiorizar, com mais firmeza, que, quando viermos a ser pastores, deveremos cuidar, com amor e esmero, das ovelhas que o Senhor nos confiar, sem nunca as abandonar nem deixar que os lobos – sob pele de ovelhas ou mesmo sob pele de lobos – as maltratem. Assim sendo, Romero e a mensagem evangélica por si comunicada serão, de certa forma, modelos para o nosso ministério sacerdotal: colocando em prática a diaconia da caridade; prestando serviço ao mais necessitado; procurando a ovelha perdida; vivendo na humildade, na simplicidade e no louvor; enfim, em tudo e sempre vivendo sob a pauta do evangelho do Evangelho em Pessoa que é o Senhor Jesus.

Se alguém que vier a ler este Trabalho receber, por ele, um centésimo do que nós acolhemos pelo mesmo, ser-nos-á motivo de imensa alegria, pois será mais um sinal de que este trabalho acabou por não se resumir a um cumprir preceitos, mas a um semear amor.

BIBLIOGRAFIA

1. FONTES

1.1. FONTES PRIMÁRIAS

Romero, Óscar. «Homilias de Monseñor Óscar Arnulfo Romero». Acedido a 30 de outubro de 2021. <http://www.sicsal.net/homilias.php>

1.2. FONTES SECUNDÁRIAS

Biblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1981.

Catecismo da Igreja Católica. Moscavide: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2016.

Liturgia das Horas III. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009.

Concílio Ecuménico Vaticano II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Braga: A. O., 1992.

Congregação para os Bispos. *Diretório para o ministério pastoral dos Bispos Apostolorum sucessores*.

Francisco. *Carta Apostólica Maiorem Hac Dilectionem* (11 de julho de 2017). *AAS* 109: 8 (2017): 831-834.

———. *Carta del Santo Padre Francisco con motivo de la beatificación de Monseñor Óscar Arnulfo Romero Galdámez* Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.

———. «Carta do Santo Padre ao Arcebispo de San Salvador, por ocasião da Beatificação de D. Óscar Arnulfo» (23 de maio de 2015). Acedido a 23 de abril de 2021. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150523_lettra-beatificazione-romero.html

———. *Carta Encíclica Fratelli Tutti* (3 de outubro de 2020). Apelação: Paulus Editora, 2020.

———. *Homilia del Santo Padre Francisco en la canonización de los Beatos: Pablo VI, Óscar Romero, Francisco Spinelli, Vicente Romano, María Catalina Kasper, Nazaria Ignacia de Santa Teresa de Jesús, Nunzio Sulprizio* (14 de outubro de 2018). *AAS* 110: 11 (2018) 1539-1542.

João Paulo II. Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister* (25 de janeiro de 1983).
AAS 75: 1 (1983): 349-355.

———. *Homilia do Papa João Paulo II na visita pastoral a Otranto: Concelebração Eucarística na Colina dos Mártires* (5 de outubro de 1980). *AAS*, 72 (1980): 1011-1018.

2. ESTUDOS

«Alianza». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 57-59.
Madrid: San Pablo, 2009.

«Anuncio». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 78.
Madrid: San Pablo, 2009.

«Arrepentimiento». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 93.
Madrid: San Pablo, 2009.

Comentario Bíblico Internacional. Ed. William R. Farmer, Armando J. Levoratti, Sean McEvenue e David L. Dungan. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2013.

«Fidelidad». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 405-406.
Madrid: San Pablo, 2009.

Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Antiguo Testamento. Ed. Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy. Estella: Editorial Verbo Divino, 2005.

Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento. Ed. Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy. Estella: Editorial Verbo Divino, 2004.

Nuevo Diccionario de Espiritualidad. Ed. Stefano de Fiores e Tullo Goffi. Trad. Augusto Guerra. Madrid: Ediciones Paulinas, 1983.

«Oficina de la Causa de Canonización de Monseñor Óscar Romero». Acedido a 1 de maio de 2021. <http://www.arzobispadosan salvador.org>

«Testimonio». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 925-926. Madrid: San Pablo, 2009.

«Vida Eterna». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 961. Madrid: San Pablo, 2009.

- Arduoso, Franco. «Fe». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 388-403. Madrid: San Pablo, 2009.
- Augrain, Charles. «Seguir». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 978-980. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Augrain, Charles e Marc-François Lacan. «Servir». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 988-990. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Beckmann, Charles et al. *Obstetrics and Gynecology*. Philadelphia: Wolters Kluwer, 2019.
- Bianchi, Enrique Ciro. «Apuntes para una recepción eclesial de los martirios de Romero y Angelelli». *Revista Teología* 126 (2018): 163-179.
- Brambilla, Franco Giulio. «Encarnación». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 345-346. Madrid: San Pablo, 2009.
- . «Resurrección». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 849-852. Madrid: San Pablo, 2009.
- Brovetto, Constante. «Misericordia». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 654-655. Madrid: San Pablo, 2009.
- Cambier, Jules e Xavier Léon-Dufour. «Misericórdia». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 608-613. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Capelli, G. «Fidelidad». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 391-392. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- Cereti, Giovanni. «Amor». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 62-64. Madrid: San Pablo, 2009.
- Clarke, Kevin. *Óscar Romero: O amor deve triunfar* (Prior Velho: Paulinas, 2014).
- Colorado, José Eduardo Cubías. *Sentir con la Iglesia*. San Salvador: Ediciones Calle del Convento, 2017.
- Colzani, Gianni. «Caridad». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 161-165. Madrid: San Pablo, 2009.
- . «Humildad». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 455-457. Madrid: San Pablo, 2009.

- . «Justicia». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 556-557. Madrid: San Pablo, 2009.
- . «Vida». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 959-961. Madrid: San Pablo, 2009.
- Cozzoli, M. «Ley Nueva». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 568. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- Crevaschi, Lisa. «Ley/Torah». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 575-579. Madrid: San Pablo, 2009.
- . «Luz/Tinieblas». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 614. Madrid: San Pablo, 2009.
- . «Salvación». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 872-873. Madrid: San Pablo, 2009.
- Crevaschi, Lisa e Gianni Colzani. «Santidad». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 877-878. Madrid: San Pablo, 2009.
- Descamps, Albert. «Justiça». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 509-517. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Deville, Raymond e Pierre Grelot. «Reino». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 891-897. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Diez, Miguel Cavada (comp.). *Romero: ¡Cese la represión!, 1977-1980*. San Salvador: Asociación Equipo Maíz, 2006.
- Dozzi, D. «Seguimiento». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 889. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- Duplacy, Jean. «Esperança». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 295-300. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- . «Fé». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 345-353. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Feuillet, André e Pierre Grelot. «Luz e trevas». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 550-556. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Fischella, R. «Amor». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 37-39. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.

- . «Fe». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 382-383. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- . «Martirio». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio, Vito Mancuso, 6.^a ed.: 602. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- . «Resurrección de Jesús». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 855-857. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- . «Testimonio». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 975-977. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- . «Verdad». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 1017-1018. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- Gerardi, R. «Luz». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 584. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- . «Perdón». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 760-761. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- . «Santidad». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 883. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- Giblet, Jean e Pierre Grelot. «Aliança». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 26-34. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Gozzelino, Giorgio. «Esperanza». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 356-360. Madrid: San Pablo, 2009.
- Grelot, Pierre. «Lei». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 525-535. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Iammarrone, G. «Encarnación». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 301-303. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- . «Salvación». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 878-880. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- Lacan, Marc-François. «Humildade». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 426-428. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Lesquivit, Colomban e Pierre Grelot. «Salvação». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 961-966. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Maggioni, Bruno. «Reino de Dios». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 843-845. Madrid: San Pablo, 2009.

- . «Seguimiento». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 883. Madrid: San Pablo, 2009.
- Mauro, V. «Humildad». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 458-460. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- Muratore, Saturnino. «Verdad». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 957-958. Madrid: San Pablo, 2009.
- Négrier, Armand e Xavier León-Dufour. «Irmão». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 466-469. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Padovese, L. «Caridad». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 128. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- Peñate, Oscar Martínez (coord.). *El Salvador: historia general*. San Salvador: Nuevo Enfoque, 2015.
- Perez, Orlando J. *Historical Dictionary of El Salvador*. Lanham; New York; Plymouth: Rowman & Littlefield, 2016.
- Piana, Giannino. «Ley moral». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 573-574. Madrid: San Pablo, 2009.
- . «Ley natural». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 574-575. Madrid: San Pablo, 2009.
- . «Solidaridad». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 929-930. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- Potterie, Ignace. «Verdade». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 1083-1089. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Prat, Maurice e Pierre Grelot. «Testemunho». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 1049-1053. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Radermakers, Jean e Pierre Grelot. «Ressurreição». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 905-912. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Rahner, Karl. «Dimensiones del Martirio», *Concilium* 181 (1983): 321-324.
- Ramírez, Luis (dir.). *Estudios sociales y cívica 1: bachillerato* (San Salvador: Ministerio de Educación de El Salvador, 2009).

- . *Estudios sociales y cívica 2: bachillerato*. San Salvador: Ministerio de Educación de El Salvador, 2009.
- . *Historia 1 El Salvador*. San Salvador: Ministerio de Educación de El Salvador, 2009.
- . *Historia 2 El Salvador*. San Salvador: Ministerio de Educación de El Salvador, 2009.
- Rava, E. C. «Vida». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 1021-1022. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- Rocca, Roberto Morozzo della. *Oscar Romero: A biografia*. Braga: A. O., 2015.
- Romero, Elmer (dir.). *Romero*. San Salvador: Asociación Equipo Maíz, 2014.
- Roy, Léon. «Libertação/Liberdade». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 537-542. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Royal, Robert. *Os Mártires Católicos do Século XX: Uma História do Tamanho do Mundo*. Cascais: PRINCIPIA, 2001.
- Semeraro, M. «Anuncio». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 60-61. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- . «Reino de Dios». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 842-843. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- Sesboüé, Daniel e Jacques Guillet. «Comunhão». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 162-164. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Spicq, Ceslas e Marc-François Lacan. «Fidelidade». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 360-362. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Stancati, T. «Justicia». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 544. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- . «Ley». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 563-564. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- . «Libertad». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 571-572. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.
- Tozzi, A. A. «Fraternidad». Em *Diccionario Teológico Enciclopédico*. Ed. Luciano Pacomio e Vito Mancuso. 6.^a ed.: 407-408. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2011.

Vaulx, Jules. «Santo». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 969-975. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

Vergottini, Mario. «Libertad». Em *Diccionario enciclopédico del Cristianismo*. Ed. Gianni Ambrosio: 580-581. Madrid: San Pablo, 2009.

Viard, André-Alphonse e Jacques Guillet. «Vida». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 1095-1099. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

White, Christopher M. *The History of El Salvador*. Westport; London: Greenwood, 2009.

Wiéner, Claude. «Amor». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Dir. Xavier Léon Dufour. 12.^a ed.: 45-53. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

3. SUBSÍDIOS

Dicionário de Latim-Português. Coord. António Rodrigues de Almeida, 3.^a ed. Porto: Porto Editora, 2008.

Pereira, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Braga: A.I., 1998.